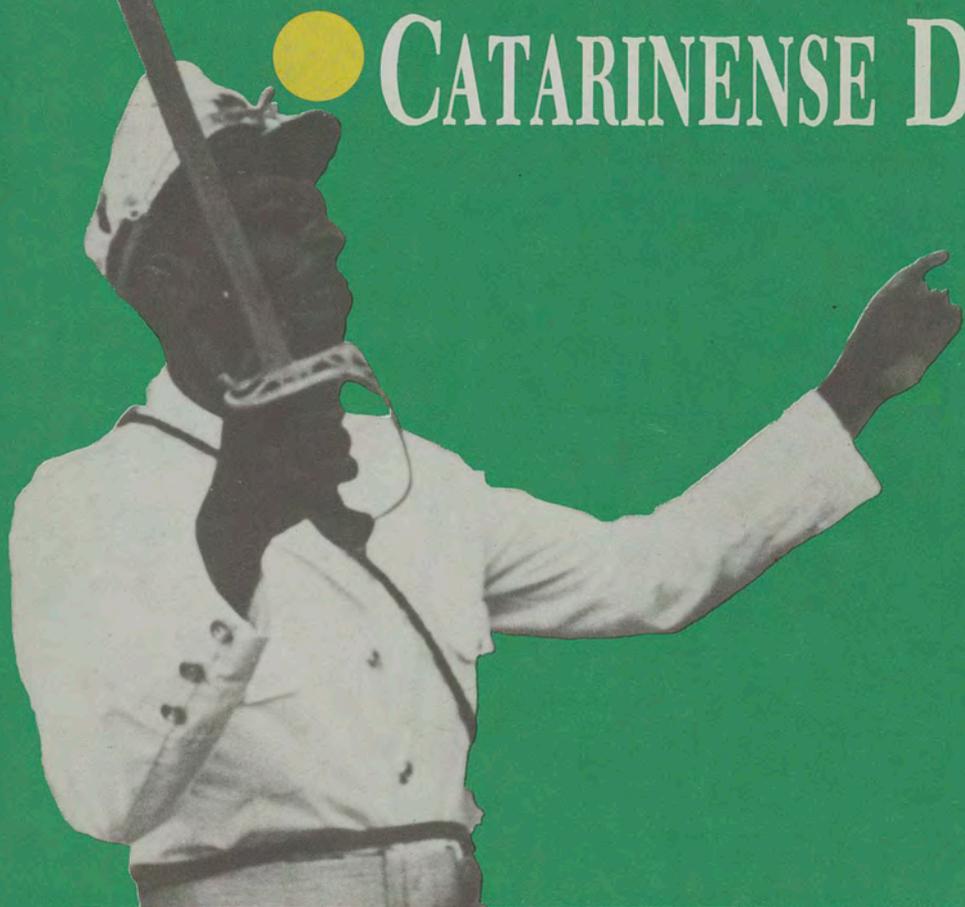


BOLETIM DA COMISSÃO ● CATARINENSE DE



FOLCLORE

Pede-se permuta
Se pide canje
We ask exchanger
Si richiede lo scambio
On demande l'échange
Man Bítet um Austansech
Oni petas intersançon

Comissão do Boletim

Editor e Diretor: Doralécio Soares
Secretário: Nereu do Vale Pereira
Membros:
Nereu do Vale Pereira, Sônia Maria Copp da Costa

Capa: Vicente M. da Silva (foto — Doralécio Soares)

Revisão: Setor de Revisão da IOESC
Endereço para correspondência: Rua Júlio Moura, 146 — 1º andar —
88020-150
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

Edição patrocinada pelo Governo do Estado (Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desporto).

BOLETIM DA COMISSÃO
CATARINENSE DE

FOLCLORE

Pede-se permuta
Se pide canje
We ask exchanger
Si richiede lo scambio
On demande l'échange
Man Bitet um Austansech
Oni petas interšançon

Comissão do Boletim

Editor e Diretor: Doralécio Soares
Secretário: Nereu do Vale Pereira
Membros:
Nereu do Vale Pereira, Sônia Maria Copp da Costa

Capa: Vicente M. da Silva (foto — Doralécio Soares)

Revisão: Setor de Revisão da IOESC
Endereço para correspondência: Rua Júlio Moura, 146 — 1º andar —
88020-150
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

Edição patrocinada pelo Governo do Estado (Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desporto).

BOLETIM DA COMISSÃO
CATARINENSE DE

FOLCLORE

NOSSA CAPA

Inserimos em nossa capa, uma das últimas fotografias do Sr. Francisco Amaro, Capitão do CACUMBI que tem o seu nome, em Florianópolis. A seqüência de apresentações vêm sendo mantida pelos seus filhos, netos e parentes mais próximos, dando continuidade à permanência do "Folguedo" afro-brasileiro, o único existente na área que compreende os municípios da Grande Florianópolis. É um grupo, cuja autenticidade vem sendo mantida através dos anos, por ser integrado, exclusivamente, por homens de cor, e parentes entre si.

A preservação desse grupo configura-se agora mais estável, com a assinatura de um convênio visando a sua estabilidade entre nós, pela Fundação Franklin Cascaes, em data de nove de setembro do corrente ano.

Com esse importante ato, a Fundação Franklin Cascaes vem ao encontro da necessidade de há muito ressentida, de proteção a grupos folclóricos, fadados ao completo desaparecimento. Cumpre assim um dos seus principais objetivos: o de proteção à cultura de tradição popular em nosso Estado.

A Comissão Catarinense de Folclore rejubila-se, cumprimentando o seu diretor, escritor Salim Miguel, e demais integrantes dessa importante Fundação.

SUMÁRIO

Na presente edição apresentamos os trabalhos relacionados, que pela sua importância recomendamos:

EDITORIAL: Doralécio Soares

Dança Afro-Brasileira do Folclore Catarinense — Doralécio Soares

Mofas com a Pomba na Balaia — Nereu do Vale Pereira

Linguagem Popular — O Falar Ilhéu — Doralécio Soares

Festilha — Festa das Tradições da Ilha de São Francisco — Sônia Maria Copp da Costa

AFA — Associação Francisquense de Artesãos — Conny Baungart

Culinária Típica do Vale do Rio Tijucas — Nilson Luz da Silva

Boi-de-Mamão de Jaguaruna — Valmor Beltrame

Governador Celso Ramos — Rose Mary Gerber

1º Encontro Estadual de Folclore — Fundação Franklin Cascaes

1º Seminário Nacional de Ações em Folclore — Divinópolis, MG

Notas Sobre a Comissão Nacional de Folclore — Da distinção entre Danças e Folguedos Populares — Cásia Frade

O Erotismo, a Feitiçaria e o Pueril no Folclore do Sapo — Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima.

Ai de Ti Frevo de Rua. O Trio Elétrico Está . . . — José Maria Tenório Rocha

Cantigas de Ninar — Origens Remotas — Mário Souto Maior

Como a Tradição Popular vê a Semana Santa — Dep. de Cultura da Prefeitura do Recife.

Contribuições de Estudiosos do Folclore Brasileiro — Américo Pellegrini Filho.

NOTICIÁRIO CULTURAL DE SANTA CATARINA E OUTROS ESTADOS:

ACONTECEU EM 1993 e 1994.

O Erudito e o Popular Sem Fronteiras — Janga: Crítico de Arte

PINTURAS: Resgate das Raízes Étnicas — Dia Nacional do Folclore — Campos Junior.

ANO XXX

Número 45-46

Dezembro de 1994 — Edição: 1993/1994

ÍNDICE

SUMÁRIO — 3 e 4

ÍNDICE — 5 e 6

Editorial — Osvaldo Rodrigues Cabral (Memórias): Sára Regina Silveira de Souza — 7

CACUMBI — Dança Afro Brasileira no Folclore Catarinense — Doralécio Soares — 11

"MOFAS COM A POMBA NA BALAIA" — Nereu do Vale Pereira — 23

Linguagem Popular — O Falra Ilhéu — Doralécio Soares — 18

FESTILHA — Festa de Tradição na Ilha de São Francisco do Sul — Sônia Maria Copp da Costa — 34

Associação Francisquense de Artesãos — Cony Baungart — 41

Culinária Típica do Vale do Rio Tijucas — Nilson Luz da Silva — 44

Boi-de-Mamão de Jaguaruma — Valmor Beltrame — 49

Governador Celso Ramos — Rose Mary Gerber — 55

Iº ENCONTRO ESTADUAL DE FOLCLORE — Fundação Franklin Cascaes — 59

Iº Seminário Nacional de Ações em Folclore — Divinópolis, MG — 78

Boas Vindas aos Visitantes — 81

Ao 1º Seminário Nacional de Ações em Folclore — 82

COLABORAÇÃO DE GENTE DE FORA — 86

Notas Sobre a Comissão Nacional de Folclore — Cásia Frade — 86

Da Distinção Entre Danças e Folguedos Populares — Cásia Frade — 90

O Erotismo, a Felicitaria e o Pueril no Folclore do Sapo — Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima — 91

Contribuições de Estudiosos do Folclore Brasileiro — Américo Pellegrini Filho — 99

Cantigas de Ninar: Origens Remotas — Mário Souto Maior — 103

Ai de Ti Frevo de Rua — José Maria Tenório da Rocha — 106

Como a Tradição Popular Vê a Semana Santa — Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Recife — 111

NOTICIÁRIO CULTURAL DE SANTA CATARINA E OUTROS ESTADOS: aconteceu em 1993 e 1994 — 115

Erudito e Popular sem Fronteiras — Janga: Critico de Arte — 117

Resgate das Raízes Étnicas: Dia Nacional do Folclore — Campos Júnior — 119

Uma Boa Receita de ZÉ GILÓ — 122

Assembleia Legislativa — ACM — Naufragados — DOM CASMURRO — Amilton Alves — 123

Editora Paralelo — Livraria Catarinense — UFSC — Petisa, MIRIAM — Sílvia Amélia Carneiro da Cunha — 124

DJUMBAY — Recife — 125

V QUERMESSE DE CRICIÚMA — 126

Festa do Divino Revive Tradição — FCC — Broquéis e Missal — 127

Universidade Estácio de Sá — II Congresso de Escritores da Língua Portuguesa — 128

Sindicato dos Eletricitários — Câmara Municipal de Florianópolis — Hary Laus — UFSC — Pinturas de Maria Lúcia Horn Cantu — 129

Assembléia Legislativa — Viagens Portuguesas — UFSC — 130

No Templo de Ari Barroso — Semana do Folclore — 131

IHGSC Convida Humberto Rohden — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart — Editora de Letras Contemporaneas — Pandemônio — 132

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Diretoria de 1993 — 133

IBEU e Lunardelli, Convidam — Seminário Sobre Manifestações Populares — 135

ACEL — UFSC: A Alma não Encolhe na Chuva — ACL — Viagens com MOURA — 135

FEIRA DO LIVRO — Volume nº 3 da ACL — 135

Faleceu TEÓFILO MATTOS — 137

ACL — Salomão Ribas Júnior — Prêmio Luiz Delfino — UFSC — O Sim da Poesia — Sob a Pele do Sono — 139

DONA TILINHA — 140 — SESC: Belo Horizonte — 141

Poesia Solidária — Carta ao Filho Marcelo — 142/143

Jaraguá do Sul — UNISUL, Tubarão — Holdemar Menezes — Escritor e Poeta Germano Cardoso — 144

São José dos Campos — Félix Coluccio — 145

Olimpia — 29º Festival de Folclore, Saul Martins — 146

Museu Antropológico Pestana — FUNARTE — IBAC — UFPR — Biblioteca — 147

SINERGIA — F. F. CASCAES — UDESC — 148

93 — ANO DO GALO — Para os Chineses — 149

IV Feira Nacional de Artesanato, BH. SESC: Brinquedos Tradicionais — 150

140 Anos da Biblioteca Pública do Estado — Pico do Inferno — 151

Várias Faces de Salim Miguel — Primeiro de Abril — Champagne de Berenice Dumber — Paulo Silveira de Souza — "Poderes Poderes" — Julio Paupitz Filho — Flagrantes Cotidiano: Premio Franklin Cascaes: Um poema para quem voce ama: Editora da UFSC. — 152

Sabedoria nos Parachoques — 154

Nas páginas seguintes até 215, constam os seguintes registros culturais: ABAÇAI — Poesia — Téo Azevedo — Prof: Zilda Moreira Rangel. Cambada de Mentiroso: Holdemar Menezes, Francisco José Pereira, Jornalista Mário Pereira. SUSSURROS, Mibel — "Oitavo ANÃO, Honorato Tomelim — Transação — Alcides Buss — Félix Coluccio — ZUMBLICK; "Uma História de Vida e Arte. Prof: Lélia Pereira da Silva Nunes — O Homem da Ilha — HASSIS — Ribeirão da Ilha ECOMUSEU — Hugo Mund Júnior — Salim Miguel — UNC — Encontro Cat. de Micro História — Engenhos de Farinha de Mandioca, Nereu do Vale Pereira — Poetisa Isaura Freitas — IUGSC. Major Idelfo Juvenal — Norberto Ulysséa Ungarete — Walter Fernando Piazza — IHGSC — Theobaldo Costa Jamundá — Síntese Bibliográfica — São José: Escola de Oleiros — Telhado de Vidro — restaurante Pirão — Claudio Dutra — ASASUZUIS — "Acorda POVO: Laura Della Mônica — Doralécio Soares no IHGSC — VOZES VELADAS: Eglê Malheiros — Honra ao Mérito: Walter Fernando Piazza — Willy Zumblick — Teobaldo Costa Jamundá — Bráulio do Nascimento — José Sant'anna — Mário Souto Maior — Saul Martins — Museu de Folclore "Rossini T. de Lima. Imemoriám: Pedro Ivo Campos. Theatro Adolfo Melo: João José Hoyedo de Gouvêa Lins — ALTINA: Paulo Sá Brito — Eudóxia de Barros — Comissão Maranhense de Folclore — Centenário do Theatro Álvaro de Carvalho — Campos Junior: Exposição — Seleuma Sewaybricker e Zacarias Carvalho de Lima — AMPOLA: Porto da Lagoa — Rodeio: Tradição Exposição de EDLA LINS — Pão Por Deus: FURB — Nelson Garcia Santos — Editora Atlas — UNC: Universidade do Contestado — Micro História — MASC — Blumenau: Fídeas Teles de Carvalho — Folclore Sergipano — Paulo Carvalho Neto — Museu de Folclore Nelson Carneiro — Fernando Caruso BH — UNICAMP: SP. — Lourdes de Túlio — Roselys Veloso Roderjan — Espaço Cultural do BB — Editora Paralelo 27 — José Carlos Zanélli — Cx. Econ. Federal apresenta Dinette Stenzoski — VITOR ANTONIO PELUSO JUNIOR — Centenário do TAC-UFSC: Cruz e Souza — Jaldir Faustino B. da Silva — Academia Maçonica de Letras — Francisco José Pereira — Cantigas de Roda: Hélio Teixeira da Rosa — 8º Feira do Livro — UFSC — Inês Mafra — Pernambuco Terceiro polo Brasília de Corais — Revista Piracema — 1ª Semana Cultural de Lucena — Baronesa Esther Karkiski — Correio Filatélico — Blumenau: Oscar Leonardo Kunen — Recife: Festa do Colégio Marista — RETIFICAÇÃO — Religião e Folclore no Brasil — Volta do Concurso Silvio Romero — Associação Brasileira de Folclore — Festival de Folclore de Olimpia — 1994 — Comissão Nacional de Folclore — Folclore de Minas: Saul Martins — PUCCMP: Museus — IHGSC: Sessão Solene Sílvia Amélia Carneiro da Cunha — Casa Aldo Krieger — Correiros: Mala Postal — Itajaí Sedla Folclore Açoriano — Olinda Espaço Tirindá — O Narrado e o Vívido — Os bichos Telúricos — Ratalhos do Recife — Rotary: Edison Lima — III Semana Cultural na Terra, Chã — Organizações Internacional de Arte Popular — 5 e 6

EDITORIAL

Aqui está presente a Comissão Catarinense de Folclore, com mais uma edição do seu Boletim.

Com esta edição n° 45-46, referente ao ano 1993-1994, colocamos em dia os números atrasados. Assim voltaremos em 1995, ANO XXX, com a numeração 47, totalmente atualizada para com os assuntos relacionados ao folclore catarinense e por que não dizer do Brasil. Continuaremos a manter o nosso Noticiário Cultural, isto é, referente às notícias culturais, lançamento de obras etc., acontecidas em Santa Catarina, e no Brasil, quando enviadas ou conhecidas de nossa Comissão, as quais são comentadas por este editor.

*

*

*

*

Não tem sido fácil manter atuante a Comissão, após o incêndio que desalojou a sua sede da Alameda Adolfo Konder. O seu "salvado" de livros de sua biblioteca, e o pouco que restou do seu museu, estão alojados em prateleiras protegidas na garagem de minha residência, à espera do amparo do setor cultural do Governo. Tentativas têm havido, mas infrutíferas.

Difícil se torna presidir uma Comissão, cujos membros cada vez mais se distanciam dos assuntos que diz respeito à cultura popular, ou seja, ao Folclore. Entretanto com a reestruturação desta, ocorrida em uma reunião histórica a 22 de agosto, nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico, as vagas existentes foram preenchidas, levando a crer melhor colaboração dos seus integrantes.

Com o falecimento do Prof. Victor Antonio Peluso Junior, que era Vice-Presidente, foi eleito para o cargo por aclamação o Prof. Nereu do Vale Pereira, bem como a Profª Lélia Pereira da Silva Nunes, para Tesoureira, vaga aberta com o falecimento da Profª Cléa Mendes Brito.

A reunião da Comissão se afigurou histórica, por ter ocorrido a 22 de agosto, dia Mundial do Folclore, e contar com a presença da Professora Cáscia Frade, da Comissão Nacional de Folclore, que se encontrava em nossa cidade como convidada especial da Fundação Franklin Cascaes, para o 1º Encontro Catarinense de Folclore, realizado no mês de agosto em Florianópolis, cujo registro consta desta edição. A Profª

Cácia proferiu uma palestra sobre a atuação das Comissões Estaduais de Folclore, que vai aqui publicada.

Falecimento

Destacamos nesta edição o falecimento do Prof. Jaldyr Bering da Silva, professor aposentado da UFSC, e Gal. da reserva do Exército Brasileiro. O Prof. Jaldyr, como era conhecido, deixou além de vários livros publicados, uma legião de amigos e admiradores. A Comissão Catarinense de Folclore, ao registrar no seu Boletim o seu falecimento, o faz com grande pesar.

Editorial (2)

OSVALDO RODRIGUES CABRAL — Memórias. Sara Regina Silveira de Souza.

(A Comissão Catarinense de Folclore e "O AR DE SUA GRAÇA")

Sára Regiña Silveira de Souza lançou o livro de "MEMÓRIAS" sobre Osvaldo Rodrigues Cabral, seu pai "adotivo" especialmente quanto ao seu encaminhamento cultural. Obra completa, analisando a vida do ilustre médico e historiador catarinense, nascido em Laguna. Focaliza todos os aspectos de sua existência cultural e política.

Historiador emérito que deu a Santa Catarina o melhor de sua vida, e mais de duas dezenas de livros publicados.

Perdeu-se entretanto a renomada escritora na sua importante obra, quando se refere à vida de Osvaldo Cabral como folclorista. Não no que diz respeito ao seu trabalho desenvolvido nessa área, mas quando diz à pág. 151 "O Folclorista". Na alínea 10, faz referência à Comissão Catarinense de Folclore e a seu Boletim, que transcrevemos: "Infelizmente hoje em dia, nem a Comissão Catarinense de Folclore, nem o seu Boletim, deram mais "o ar de sua graça".

Completamente desinformada, a Dra. Sára Regina, que reside em São Paulo, portanto desconhece a Comissão Catarinense de Folclore, que continua existindo sob minha direção, desde 1969, quando Osvaldo Cabral a abandonou. Este, instado por mim, como integrante da Comissão, indicou-me a Renato Almeida, Presidente da Comissão Nacional, para seu substituto como Secretário Geral. Isto ocorreu por ter criticado o estado de abandono que se encontrava a Comissão com seu Museu e Biblioteca, na antiga "Casa de Santa Catarina", posteriormente demolida, e deu seu lugar ao prédio atual da Biblioteca Pública do Estado. Esse abandono foi motivado por ter havido um pequeno desentendi-

mento entre ele e o seu ex-aluno, professor Walter Fernando Piazza, que na época era diretor e editor do Boletim. — Não entrarei no mérito da questão.

Assumi a Comissão em 1969, como está registrado acima, mas com falta de recurso, somente em 1975, com auxílio da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, sob a direção do Prof. Braulio do Nascimento, atual Vice-Presidente da Comissão Nacional, me foi possível editar o nº 29 do Boletim, após uma interrupção de doze anos. O Boletim iniciado na gestão de Osvaldo Cabral, em que pese todo esforço existente na época, mesmo de valor intrínseco, isto nos primeiros anos da década de 50, era um folheto de pouca expressão gráfica, mas com colaborações valiosas, visto que o "folclore" no Brasil era uma ciência que iniciava os seus primeiros passos. Na expressão do Prof. Nereu do Vale Pereira, a "Comissão na época era uma novidade como Instituição Cultural, hoje ela encontra-se consagrada nacional e internacionalmente".

Osvaldo Cabral na UFSC

Conforme está registrado na obra de Sára Regina, foi brilhante a passagem de Osvaldo Cabral na área do ensino superior em Santa Catarina. Foram tantas as suas atribuições, que pouco sobrava para a área do folclore, mesmo assim o registro bibliográfico de suas obras é apreciável. Coube no entanto a Walter Piazza, seu aluno predileto, dar andamento ao seu trabalho desenvolvido na Comissão, passando a dirigir o Boletim até 1963, quando abandonou definitivamente, editando ainda na sua gestão o nº 25-26, Ano XI, edição com 121 páginas.

Hoje o BOLETIM, que se transformou em apreciável obra com sua edição nº 44, de 122 páginas, graficamente perfeito, Ano XXIX — 1992, impresso com apoio do Governo, através da Fundação Catarinense de Cultura, como tem ocorrido nos governos anteriores, dá andamento a sua edição 45-46, na Imprensa Oficial do Estado, o qual reúne matéria de vários colaboradores, inclusive do Exterior, continua sendo destaque nos meios culturais do Estado, do Brasil e Exterior.

"Folclore Brasileiro SANTA CATARINA". Nestê interregno das edições do Boletim, em 1978, foram editados de minha autoria pelo Departamento de Assuntos Culturais da Fundação Nacional da Arte — FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, da Comissão Nacional do Folclore, o livro da Série Folclore Brasileiro Santa Catarina e o Caderno nº 27 "Boi-de-Mamão Catarinense" (documento escrito) e o disco idem (documento sonoro), com minha apresentação.

Com a criação na Comissão da "Biblioteca da Cultura Popular", foram editados os cadernos de minha autoria, com apoio do Governo, JOGO DA MORA, Caderno nº 1, JOGO DE BOCHA, idem nº 2, SCHÜTZENVERAIN: Sociedades de Atiradores, nº 3, e o livro RENDAS E RENDEIRAS DA ILHA, aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura.

MEMBROS — A Comissão Catarinense de Folclore está composta por 14 membros efetivos e nove colaboradores no Brasil e dois no Exterior (Portugal). A sua Diretoria foi recomposta de novos membros. Com o falecimento do Vice-Presidente, Victor Antonio Peluso Junior, foi eleito Nereu do Vale Pereira e Lélia Pereira Nunes, como tesoureira, vaga em decorrência do falecimento de Cléia Mendes Brito, isto numa sessão memorável, realizada no dia 22 de agosto do corrente ano, com a presença da professora Cásia Frade, Secretária da Comissão Nacional de Folclore.

A Comissão tem os seus Estatutos publicados no Boletim nº 39-40 de 1988, e está devidamente registrado no Cartório de Títulos e Documentos da Capital Catarinense.

Como vê, Dra. Sara Regina, a Comissão Catarinense de Folclore continua atuante e dando o valioso "AR DE SUA GRAÇA".

Doralécio Soares

CACUMBI — DANÇA AFRO-BRASILEIRA NO FOLCLORE CATARINENSE

Doralécio Soares



A dança do Cacumbi ou Ticumbi, do Folclore Afro-Brasileiro, existe no folclore catarinense não só no município de Florianópolis mas também nos de Penha e Araquari. Em épocas passadas existia em outros municípios, mas alguns padres católicos e pastores de igrejas evangélicas influenciaram para que pouco a pouco esses grupos de danças fossem sendo dispersados. Na época atual, com a proteção das autoridades públicas, as sociedades ou grupos de manifestações da nossa cultura popular, e em face da recomendação do Ministro da Educação e Cultura (isto em 1990), de maior proteção e apoio às nossas tradições, abrem-se novas portas que virão ao encontro dos folclórogos que, à mingua de recursos, lutam em defesa dessas tradições.

DANÇA DO CACUMBI — A dança do Cacumbi ou Ticumbi, que é dança afro-brasileira, chamada de Baile dos Congos, representa simbolicamente uma dança guerreira, entre duas "nações ne-

gras", a de Reis do Congo e a de Reis Bamba, do Reisado africano.

É dançada em homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, realizando o grupo de dança uma cerimônia com ritual e cântico na véspera ou no dia desses Santos, no interior da igreja. (Quando permitido).

O grupo de danças é composto por 11 homens de cor e uma moça portando a bandeira com as figuras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

A dança é formada por duas alas de "marinheiros" vestidos de sapatos brancos e calças brancas, camisas azuis, de bonés uns, outros de chapéus enfeitados, tendo no centro do grupo o Capitão, que é o chamador da cantoria, nas quais reverenciam os Santos.

As cantorias chamam marchas e marchas fogo. A dança é cantada e acompanhada pela música dos pandeiros e o batuque dos tambores em várias toadas, que termina com a luta do Capitão com os marinheiros que reclamam o pagamento da "ração".

O Capitão é o chamador da cantoria, repetindo o grupo em coro os versos do chamador. Na seqüência da apresentação, transcrevemos alguns desses versos, cuja música temos gravada, à disposição de quem interessar.

MARCHAS FOGO

A Nossa Senhora
Saiu hoje na rua
Mandando seus filhos
Fazê meia lua

Nós chegamos hoje
Saldar nossa praça
Oh! S. Benedito sejas
Nossa Senhora da Graça

O dono da casa
Mandou me chamá
Com sua licença
Queremos chegá. . .

Santo Antônio
"Arripica" o sino
Leva a bandeira
Lá no caminho

A calçada é alta
Não posso "assubi"
Tem pedra miúda
Pudemos cair

O neguinho do ganho
Que quer ganhar
Um tostão por dia
Pra gastar

O capitão mandante
O chefe general
O nosso batalhão
Que mandou marchar

"Avuou uma ave — cap.
Daquela janela — coro
É um papagaio sá dona — cap.
Da pena amarela — coro

Vamos marchando
Ao romper do dia
E dá obediência
A vossa Senhoria

Quero e quero á
Quero e quero á
Senhor dono da Casa
Qui tem pra me dá

Oia o peixe no rio
O camarão no mar
Senhor dono da Casa
Qui tem pra me dá

De pena amarela
Do bico encarnado
Era um papagaio sá dona
De pena dourada

O bispo de Lena
Rainha dos anjos
Como é que se chama
São Miguel Arcanjo

Ô matumba, ô querenga,
orunganda
Ôrunganda, ô matumba,
ô querenga
Ô querenga, ô matumba,
orunganda

Esses versos são sempre repetidos pelo grupo que forma o coro.

Olha aqui a Maria
Do congo oruá
A canoa virou
La no meio do mar

Virou, virou, deixa virar
De boca pra baixo
De fundo pro ar

Oia aqui a Maria
Você é minha tia

A canoa virou
La no meio do rio

Tia Maria
Cadê tio João
A canoa virou
Lá no meio do fundão

Aqui nesta casa
Haverá muito trigo
Amanhã hei de pagar
Quem nos dá abrigo

O grupo de dança é dividido em alas, munidas de seis pandeiros e dois surdos que fazem o batuque nas extremidades das alas, fazendo uma espécie de círculo, ficando no centro o Capitão; os outros componentes do grupo o coro da cantoria e em uma das extremidades do círculo coloca-se a Fé da Bandeira.

O grupo de dança que se apresenta em Florianópolis é muito homogêneo, dançando e cantando com muito ritmo, com batuque característico em que a música dos pandeiros e o som dos batuques dão à cantoria e coreografia uma beleza extraordinária.

O ponto alto da apresentação é a luta entre o capitão e os marinheiros que reclamam o pagamento da ração, cujos versos são assim cantados:

O Sinhô, sinhô, sinhô Capitão
Quedê o dinheiro da nossa ração

CAPITÃO

Já que tu não soubeste
Pra que não me dão
A metade do queijo
Fatia de pão

Cap.: Vai "timbora sordadi"
Não me venha atentar
Com essa espada
Não se pode brincá

O que pode essa espada
Disfarce do corte
Eu ti tiro o pescoço
No primeiro corte

Cap.: Não tenho dinheiro
Não tenho nada
Tenho é a ponta
Da minha espada

Vai embora sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Eu te posso furar

Vorti aqui meu sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Não se pode brincá

Sinhô dono da casa
Me dê um tustão
Pra fazê pagamento
A este meu batalhão

DRAMATIZAÇÃO DA DANÇA

Um outro aspecto da dança que destacamos é a coroação do Rei e da Rainha. Essa apresentação é em palco ou salão, pois traduz simbolicamente as coroações de reisados africanos.

O rei se apresenta acompanhado da rainha, com seus pagens coroados, com mantos ricamente bordados com uma faixa indicando o rei e a rainha com o nome da Nação. Os soberanos ocupam os tronos ficando ao seu lado os pagens, e uma dama da corte portando a bandeira com a figura de Nossa Senhora do Rosário, protetora dos homens de cor.

O capitão Cacumbi dá início à cerimônia da coroação cantando os versos alusivos ao ato, cuja dança ao som dos batuques com a cantoria dá ao ritmo e coreografia os movimentos que conduzem à coroação.

O rei e a rainha ao sentarem-se descobrem-se das coroas, que ficam com os pagens.

As danças da coroação são prolongadas, com movimentos coreográficos e cujos versos contam a história das nações guerreiras vencedoras das guerras entre as tribos disputantes dos domínios territoriais.

A invocação aos santos protetores, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e outros santos, está presente nos versos da cantoria, que são improvisados, permanecendo sempre mais ou menos autênticos.

Ao ser concluída a cerimônia da coroação, são cantados versos alusivos à Fé da Bandeira, dedicados à Nossa Senhora do Rosário.

No encerramento faz-se a despedida com a "meia-lua", onde o grupo desfila entoando:

DEUS ESTEJA AQUI
QUE ME QUERO ARRETIRAR
SENHOR DONO DA CASA
JÁ É HORA DE MARCHAR.

Ritmo do Cacumbi

ARRANJO: M. LÚCIA K. BASTIAN

The musical score is arranged in five systems, each consisting of a grand staff with a treble and bass clef. The key signature is one flat (B-flat) and the time signature is 4/4. The piece begins with a repeat sign. The right hand (treble clef) plays a series of chords, primarily triads and dyads, in a steady, rhythmic pattern. The left hand (bass clef) plays a simple, rhythmic bass line consisting of quarter and eighth notes. The overall texture is that of a piano accompaniment for a folk dance.

Transcrito do livro Danças Folclóricas da Ilha de Santa Catarina.

Ritmo do Cacumbi

TRANSCRIÇÃO PARA TAMBOR

Mão Direita		↓	Σ	x	x	y	y	↓	y	
Mão Esquerda		Σ	x	y	y	x	x	y	↓	

↓	Σ	x	x	y	y	↓	y		↓	Σ	x	x	y	y	↓	y	
Σ	x	y	y	x	x	y	↓		Σ	x	y	y	x	x	y	↓	

↓	Σ	x	x	y	y	↓	y		↓	Σ	x	x	y	y	↓	y	
Σ	x	y	y	x	x	y	↓		Σ	x	y	y	x	x	y	↓	

↓	Σ	x	x	y	y	↓	y		↓	Σ	x	x	y	y	↓	y	
Σ	x	y	y	x	x	y	↓		Σ	x	y	y	x	x	y	↓	

Transcrito do livro. Danças Folclóricas da Ilha de Santa Catarina.

LINGUAGEM POPULAR — O FALAR ILHÉU

Doralécio Soares

Linguagem Popular — O linguajar é a maneira do povo se expressar, sem a preocupação de fazê-lo corretamente, principalmente os que não deram importância à Escola, ou não tiveram condições de freqüentá-la, por razões que não nos cabe discuti-las. Muitos conservam a maneira nativa como lhes foram transmitidas as palavras, e assim vamos encontrar pessoas com linguajar, conforme os costumes adquiridos nas regiões onde habitam.

Na ilha de Santa Catarina, notadamente no seu interior, vamos encontrar muitos habitantes ainda mantendo o linguajar da herança do português açoriano. As palavras são cantadas e muitos ainda se expressam com a linguagem nativa. É comum empregar a expressão, *dotore, bonecro, soidade, toicinho, oiro, bassoura, barrer, taimpa, pra-riba, deajoje, pra-mode* e muitas outras palavras dos seus ancestrais. Os estudiosos em Filologia, entretanto, acham essas expressões corretas, pois encerram estudos profundos em matéria de lingüística.

Bem, mas o nosso caso aqui, não é discutir as expressões de linguagem, e sim registrá-las entre as diferentes regiões catarinenses, onde houveram formações de núcleos de formação luso-brasileira.

Linguajar em alguns municípios serranos

Os habitantes dos municípios da zona serrana são ricos em matéria de linguagem, notadamente nas comunidades do interior dos mesmos,

Os registros indicam termos que somente são conhecidos pelos que habitam os lugarejos dessas regiões. Vejamos: **APEIROS** — móveis e utensílios, quando se diz; *apeirar, mobiliar, a casa é bem apeirada*. **ARRIPIAR A CARREIRA**, desistir: ele não fez negócio porque arripiou a carreira. **BATER BRUACA**: vagabundear. **CARÁTER**: o senhor não quer lavar o caráter? **CALAVEIRA** — velhaco. **COSTA-ARRIBA**: coisa sem cabi-

mento: casamento de rico com pobre é coisa de costa-arriba. DAR LOUVADO: pedir a bênção, — “filho vai dar louvação ao padrinho! DESCONTADO: defeituoso, doente: descontado da vista. COMER LEITE: tomar leite para ficar forte. DOR NA NUCA: preguiça, sem vontade de trabalhar. São centenas de palavras com significados característicos da região. Paralelamente, vamos encontrar os FALARES que são empregados para designar coisas, objetos, costumes, animais etc. Termos esses mais empregados na vida do campo, nas fazendas e estâncias de criadores de gado. RAMADA: casa onde se guardam os apetrechos de montar. CAMPEAR: procurar. LAMBER ESPORAS: ser subserviente. NEGAR ESTRIBOS: faltar, desobedecer, revoltar-se. PREGAR COSTEIO: dar lição, impor castigo. PIDICAR: negar por usura. LEXIGUANA: abelha silvestre. OROPA; colméia, cachopa. QUERÊNCIA: lugar de afeição, de moradia. PELEAR: lutar, brigar. CHUSPA: bolsa. BATER PEDRA: fechar negócio. ENZOINA: disfarce, mentira. PANZINAS: grávida. TIAGEM: nuvem nos olhos, neblina. AJOUcado: aconchegado. PASSANTE: viajante de passagem etc.

São inúmeros os termos encontrados na região serrana, que daria uma obra completa sobre o assunto.

O FALAR ILHÉU

A ilha de Santa Catarina é conhecida como “Ilha dos Ocasos Raros”. O poeta Marcelino Antônio Dutra, conhecido como poeta do Brejo, autor do poema satírico político “ASSEMBLÉIA DAS AVES” a cognominou de ILHA DOS OCASOS RAROS.

O nativo ilhéu está rareando em face do crescimento populacional, decorrente do desenvolvimento da Capital Catarinense nas últimas décadas.

Disse A. Seixas Netto (falecido) que: “O Ilhéu tem velocidade lusitana de flexão capaz de pronunciar cinquenta palavras razoavelmente longas por minuto: tem o som cantado”, português que sonoriza melodiosamente com o vocábulo como no Minho, no Douro, Traz-os-Montes, e, de modo particular, nos Açores. O nativo ilhéu ainda usa, em pleno curso, e um significado original, palavras lusitanas do século dezesseis, que porém, aos de fora, parece estranhas e inusitadas, é, inegavelmente, purismo popular. É comum ver-se o ilhéu nativo dizer “bonetro”, “soidade”, “cagalume”, “bantesma” ou mesmo “vantesma”, capina — (o nativo geralmente diz: “carpir por capinar, tirar o capim à enxada: para o ilhéu “carpir é chorar”) — “toicinho”, “oiro”, e assim por diante, só lhe falta evidentemente o sotaque luso, mas isto seria impossível pela latitude da ilha e pelo clima; mas traz; influência de Magda Grécia, em Portugal

o "b" pelo "v" e vice-versa: Assim diz: "bassoura", barrer por "varrer"; e indo por diante: diz "taimpa" por tampa "verbo tampar" — (cobrir) — que muitos que se diz culto "tapar", tapar é dar tapa, com a mão aberta: "dou-te um tapa nas ventas" é comum no interior ilhéu para significar: dou-te um tapa na cara; no nariz, mas precisamente; por isto de modo bastante regular, quem fala com um nativo ilhéu, dos sítios, pouco lhes entende o significado das palavras ou disso se ri, como se o ilhéu, fosse "burrinho", mas não, seu falar é seiscentista e é preciso o bom conhecimento português para seguir o "fio da conversa". Depois, há usos portugueses das aldeias: Fazer "serão"; serão é trabalho voluntário à noite, gratuito, com "anedoitas" e causos para matar o tempo até as "deshoras"; (é deshoras lusitano mesmo, que quer dizer, hora tardia, tarde da noite e não dez horas). Mas há também uma intrusão muito interessante. É a do "francesismo", trazido pelos seus maiores desde Portugal, como por exemplo: "pra riba", suspender, (por alevantar), "dejahoje" (por horas atrás); "pra mode" e tantos outros. O ilhéu sente dificuldade em aceitar os "inglesismo" atuais. No futebol, por exemplo, o "goal" é "golo", — é como dizem em Portugal.

É um linguajar puro de expressividade característica, dos seus ancestrais, conservada por um povo sem maldade, sensível ao romantismo.

EXEMPLOS DE LINGUAGEM DO ILHÉU

É comum certas ocorrências, cujos termos empregados evidenciam esta permanência do linguajar do dia-a-dia.

— Num posto dentário, no interior da Ilha, registramos: o dentista após aplicar uma injeção na boca do paciente e proceder à extração, pergunta-lhe: — Que tal, doeu? O paciente sentindo o lado da face amortecida, disse: nan "dotore", num sinto mas "dore". Mas parece qui fiquei cu u narige fora de "prumi".

Segundo registro do Sr. Carlos Passoni (já falecido), ocorreu próximo ao LIC — Lagoa late clube.

Certo cidadão se dirigia à Lagoa da Conceição, com o objetivo de conhecer o Clube. Mas não encontrando o caminho certo, pára o seu automóvel, e pergunta a uma senhora que passava. — A senhora poderá me informar onde é o LIC? Esta pensou um pouco, e após uma pausa, respondeu: "Quali éli", u Liguigase, ou Eligaze".

LINGUAJAR EM ALGUNS MUNICÍPIOS SERRANOS

O ex-professor Custódio Campos (falecido) registrou, em pesquisas no Planalto Catarinense, 234 vocábulos ou expressões, e algumas frases

usadas pelo povo nos municípios catarinenses de Lages, Curitiba, Campos Novos, Joaçaba e Chapecó, das quais transcrevemos algumas: **ABORRIDO**: ando muito aborrido, muito doente. **ABUÇALADO**: o agredado é abuçalado do fazendeiro. **AFAMILIADO**: pobre e muito afamiliado. **AGARIBAR-SE**: zangar-se, agaribou-se à-toa. **AGUACHADO**: pesado, demasiadamente gordo; o compositor vai dar uns galopes no cavalo para desaguachar. **AJOUJAR**: unir um boi ao outro pelos chifres. **ALARIFO**: é difícil cobrar a conta porque o devedor é alarifo, ou cavaleira. **APEIROS**: móveis e utensílios; a casa é muito bem apeirada. (mobiliada). **ARECEM**: o vizinho esteve aqui à recém, (a poucos momentos). **ARRIPIAR A CARREIRA**: desistir, ele não fez o negócio porque arripou a carreira. **ASSUNTAR**: não entendi porque não assuntei bem. **BATER BRUACA**: vagabundear; ele vive na bruaca. **BOICONDE**: boi que não engorda. **BOLICHO**: pequena casa de negócio. **BOI DE BOTAS**: designação pejorativa que se dá ao serrano. **CAFÉ COM MISTURA**: café acompanhado de bolos, pão e biscoitos. **CAMPEAR**: ele andou campeando o dinheiro que perdeu, mas não achou. **CARIMBAMBA**: charlatão, curandeiro. **CARÁTER**: rosto, aparência; o senhor não quer lavar o caráter? **CATARINETA**: catarinense; eu não sou barriga-verde litorâneo, mas sim catarineta. **CALAVEIRA**: velhaco; **COMPRAR NA FORMAIGA**: comprar uma tropa em diversas partes: Ex.: tropeiro comprando gado na formiga. **COSTA-ARRIBA**: sem cabimento, casamento de rico com pobre, é cousa de costa-arriba. **DOR NA NUCA**: preguiça, sem vontade de trabalhar. **ESCOTEIRO**: andar sozinho, isolado. **EXISTÊNCIA**: (pertences) Ele vendeu a casa por dez e a existência por cinco. **FESTAR**: ir à festa. **JEITO**: indicação de lugar; ele mora no jeito de quem vai para o rio Canoas. **VIRA O FIO**: brigar, eles eram amigos, mas por causa de uma intriga, viraram o fio. **SALÁRIO SUJO**: salário sujeito à despesa de alimentação. **SALÁRIO LIMPO**: salário e alimentação.

FALARES DA VIDA CAMPEIRA

ARREATAS: tiras de couro. **MANDRACA**: feitiço. **GAVIÃO**: fujão. **SUMANTA**: surra, sova. **SOCADO**: lombilho de madeira. **VASTAR**: recuar. **CHACHO**: porco. **ESCARPINS**: meias. **MOSQUEAR**: sacudir a cauda. **LANÇANTE**: descida. **CAMPEAR**: procurar. **RAMADA**: casa onde se guardam os apetrechos de montar. **LAMBER ESPORAS**: ser subserviente. **NEGAR OS ESTRIBOS**: faltar, desobedecer, revoltar-se. **PREGAR COSTEIO**: dar lição, impor castigo. **APEIROS**: arreamento completo, ou parte dele, mas usado para trens de cabeça. **PIDICAR**: negar por usura. **TIRADOR**: avental de couro. **TAIPA**: muro de pedras soltas. **SOQUETES**: ossos partidos em pequenas frações. **MANGUEIRA**: curral de bovinos. **GAUDÉRIO**: cão sem dono, vadio.

REMİNADA: zangada, enfezada. CINCHO: fôrma de fazer queijo. COLHE-RA: diz-se de dois animais presos, um ao outro por meio duma tira de couro atada ao pescoço. ENCONTRO: o peito do cavalo. CHIBEZINHA: raquílica. PELEAR: lutar, brigar. ENTREVERO: confusão, mistura. XEREN-GA: facão. PELETEADA: agarrada, presa pelos quadris. MAMOTA; bezerra que ainda mama. ARICUNGO: cavalo ruim. TORDILHO: pêlo esbranqui-çado do cavalo. PEALAR: laçar pelos pés ou pernas. FECHO: muro de divisão do campo. BERRANTE: revolver. ÉGUA-MADRINHA: a que guia a tropa. PIÚCA: fumo de corda bom. BOMBPEAR: espiar, espionar. RECU-LUTA: busca, procura de gado perdido ou extraviado. BOSTEAR: defecar. RAMADA: casa onde se guardam os apetrechos de montaria. MOCHO: rês sem aspas ou cornos. GUAMPADA: chifrada, cornada. AGREGADOS: que moram na mesma estância à parte. POSTEIROS: moradores de outra estância do mesmo fazendeiro (do posto). CANGUARA: aguardente. QUEI-XUDO: teimoso. CAMBICHO: paixão, apego, "beguin". CHUSPA: bolsa. BATER-PEDRA: fechar negócio. OSCAR: pêlo queimado, escuro. PANZI-NAS: grávidas. MÃE-DO-CORPO: útero. REVIRADO: carne com farofa para comer em viagem. CHÁ DE OSSO DE QUATI: raspagem do osso do membro viril do quati, tida como afrodisíaco. BOFES: pulmões. IR AOS PÉS: defecar. BARBICACHO: cordão com borla na ponta, prendendo o chapéu ao pescoço. AMARGO: chimarrão, chá de erva-mate. MATEAR: tomar o amargo. MECO: capa curta, de lã, fiada ou tecida à mão. GRAMEI-RO: habitante de vila ou cidade. AJOUcado: aconchegado. TESTAVI-LHAR: tropeçar. INTIMAÇÃO: jactância. ARREGANHADO: de queixo cerra-do e ventas trancadas pelo cansaço. PASSANTE: viajante, de passagem. ENCOSTO: cercado improvisado nos pousos. LANÇANTE: descida, ram-pa. BORRACHÃO: espécie de garrafa feita de chifre de boi, utilizado também para aboiar o gado. REDOMÃO: gado ainda não-amansado. XERGÃO: manta de animais. CRUZES: parte da espinha, sobre as costelas. MADRINHEIRO: peão que cavalga a égua madrinha. E mais uma infini-dade de outras expressões comuns, na linguagem do homem dos cam-pos serranos.

"MOFAS COM A POMBA NA BALAIÁ"

Prof. Nereu do Vale Pereira L.D.*

1. INTRODUÇÃO

O título refere-se a um dito popular da Ilha de Santa Catarina, uma frase expressiva, pedagógica, criada ao sabor do popularesco, espontâneo que tem por função dizer de/ou a alguém com quem se interloca, em espírito satírico de deboche ou "gozação" e diante de algo que se revela pouco provável de se realizar, ou que intisica, "amurrinha", que cansará de esperar; vai perder tanto tempo que é capaz de criar mofo, ficar velho. . . enfim não alcançará o objetivo. . . com que estás fazendo vás criar mofo, "mofas com a pomba na balaia".

Qual a origem desta expressão? Brotou de qual quadro referencial? Naturalmente que frases ou expressões populares e grotescas como essas são inúmeras e incontáveis em todas as comunidades. Umam passam, perdem aceitação rapidamente. Poucas perduram mais de um século. Umam são mais criativas, outras chulas; umas grotescas, outras poéticas; umas divertidas e ilariantes, outras, comoventes e sentimentais etc.

Grande maioria passam como um cometa!

"Mofas com a pomba na balaia" vem resistindo a mais de um século, sem se saber ao certo quando começou e continua em uso corrente na Ilha de Santa Catarina, Ilha da Magia, Ilha de Sol e Mar, Ilha de Deus, sendo utilizada não só por populares como também por camadas eruditas, intelectualizadas e da chamada alta sociedade, especialmente quando a paciência se esgota frente a algum "chato" vendedor, galanteador, inoportuno, cabalador de votos, etc.

Como se percebe, a expressão tem incontáveis empregos, inclusive para identificar solteironas ou namoradeiras inveteradas à cata desesperada e tardia de um bom partido, ou companheiro sexual. "Mofas com a *pomba* na balaia", lhe dirão! Neste caso o termo pomba é utilizado dentro do simbolismo de vênus, mulher, órgão sexual feminino, vulva.

Como se diga: "estás passada", mofada por falta de uso; não serves, ninguém a quer.

Em meu tempo de juventude, anos quarenta, aliás tempo próprio para o desabrochar da vida e da busca de parceiro para se organizar a família, havia em Florianópolis, saudosa Nossa Senhora do Desterro, na "Ilha dos casos e ocasos raros", ilha das fantasias e das cores vivas, uma prática social semelhante e tantas outras em tantas comunidades que criariam formas de ambos os sexos se encontrarem e se reverem, para iniciarem conhecimentos e processos de escolha para namoro e casamento, denominadas, por esnobismo lingüístico e influência alienígena, FOOTING!

Realizava-se o "footing" florianopolitano no trecho de rua compreendido entre a esquina com a Praça XV de Novembro, rua Felipe Schmidt até a esquina da rua Trajano, de início, para posteriormente, com o seu crescimento, até a rua Deodoro, e isso na medida que o comércio se expandia e se aprimorava, mantendo suas vitrines adornadas e acesas. Era a "vitrine" das moças a desfilarem e os rapazes encostados nas "vitrines" das lojas a apreciá-las naquele andar constante em vai-e-vem sistemático.

Um outro "footing" defronte ao Palácio do Governo, Praça XV de Novembro, entre a rua Felipe Schmidt e Tenente Silveira, se desenvolvia inicialmente por camadas populares de menor nível de renda, geralmente da raça negra (havia forte segregação racial em Florianópolis), depois tendo se transformado para dar lugar ao "footing" da Felipe Schmidt, expulso de lá pelo trânsito de veículos que o progresso trouxe e, finalmente, com a perda do prestígio social o "footing" deu lugar para as mulheres de programas e até homossexuais.

O calçadão da Felipe Schmidt é coisa recente (década de 70), já o trecho defronte ao Palácio passou a ser fechado ao trânsito de veículos. Tal deveria acontecer por ser ela de trânsito privilegiado de veículos para o comércio e acesso direto à Ponte Hercílio Luz.

Como vimos, as moças desfilavam em duas filas, chamadas de "indianas" (não sei porque) caminhando uma para um lado e outra para o outro, em sentido contrário. Era um ir e vir constante, enquanto os rapazes parados ou em grupos, geralmente encostados nas paredes

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, membro da Comissão Catarinense de Folclore, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, membro do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Presidente da Fundação Cultural Açorianista e Museu do Ribeirão da Ilha, Doutor em Ciências Humanas.

ou vitrines, a observarem as moças, apreciando-as, escolhendo-as, "flertando".

Muitos eram os dizeres: vê se olha ô ô. . .; difarça e olha; queres vir comigo; me leva. Como resposta poderia ter: chega pra lá; "tu não és para o meu bico"; vamos lá; tou a fim; morres torto; vê se te enxergas.

Quando o rapaz queria dar um basta forte à garota que fazia "pssiu" para ele, respondia "mofas com a pomba na balaia"

2. ORIGENS — O POMBEIRO

Como vemos "mofas com a pomba na balaia" é um brocado popular com múltiplos usos. Qual sua verdadeira origem?

Não serei o primeiro a responder a essa indagação, buscando decifrá-lo, explicá-lo. Muitos outros já o fizeram. Também não serei o último, pois o que vem do povo, do espontâneo, do anonimato evolui em sentido e interpretações ao longo do tempo. Creio que não haverá repetições tendo em vista que o elenco de estórias e acontecimentos, às vezes criados no imaginário de quem escreve, outras na própria criatividade popular, "quem conta um conto aumenta um ponto", são acrescidos e modificados e são, por isso, inúmeros.

Numa coisa todos se igualam quando afirmam que a expressão tem origem na atividade sócio-econômica do "pombeiro", um tipo de vendedor ambulante que o progresso "matou".

Pombeiro é um substantivo masculino designando um personagem que saía perambulando de rua em rua, vendendo peixe e, especialmente aves domésticas de base alimentar, galinhas, POMBAS, pato, peru.



FOTO Nº 1 — 1952 — Centro de Florianópolis. Pombeiro tradicional. Veja-se o seu trajar, adiante comentado, as balaia, o porrete — cambão — nas costas e as mercadorias à venda, inclusive galinhas. Foto W Gil. Arquivo do autor.

Havia, no meu tempo de criança, um pombeiro daqueles “brabos” — enfezados e vendendo aos gritos. PATO — MARRECO — GALINHA — PERU. A gurizada corria atrás respondendo: Calça rasgada no rego do cu!

O homem endoidecia. Largava tudo no chão e disparava para cima da gurizada. Quanto mais ele ficasse bravo, mais a gurizada com ele intisicava. . . Nunca pegou qualquer guri.

Bom, Pombeiro era pois um vendedor popular das áreas rurais, ou sítios, ou do sertão, pequeno produtor rural, mais preocupado com a plantação amplamente diversificada e de subsistência, que buscava colocar à venda as sobras de cada cultura. Um pouco de cada coisa. Vinham, no caso ilhéu, principalmente das localidades de Saco Grande, Santo Antônio de Lisboa, Ratonés e Rio Vermelho. Andavam de pé cerca

de até 30 quilômetros diariamente com a carga nas costas. Trabalho pesado, cansativo e pouquíssimo rentável. Mas, o que fazer? Vendiam aquilo que estava de mais na sobrevivência da família ou quando fosse preciso fazer dinheiro para comprar outros bens. Em nossa casa, na rua Major Costa, 124 no centro, chamada "Canudinhos", porque não tinha saída, terminava junto a uma chácara, costumava aparecer um Pombeiro do Saco Grande, conhecedor da família, pois meu pai fora lá nascido e vivido até os 16 anos. Raramente aparecia um outro de Santo Antônio.

Voltemos ao conceito de "Pombeiro". Aquele que lida com pombos — "Pombe", nome africano do sertão e que se aplicava, não só na África portuguesa, como também no Brasil, para o agente emissário que percorria os sertões negociando com os indígenas e escravos.

Pombeiro foi pois o termo adotado para identificar nos Açores, e por este a nós trazido, o vendedor de peixes que comprava na praia com a chegada das embarcações de pescadores ou onde o "cerco" era puxado, para trazê-lo e vendê-lo a varejo, retalho, de porta em porta, nas áreas urbanizadas ou distantes das costas marítimas.



FOTO Nº 2 — 1979 — O Pombeiro nos Açores. Veja-se o estilo das balaia, a forma completa no trajar, e no fundo um "trajo" típico, mulher açoriana casada, da Ilha de Faial, cidade da Horta. Foto do autor.

Verdadeiramente o pombeiro deixou de existir a muito tempo. Atuou por mais de um século, dedicando-se a vender não só pombas e peixes, porém tudo o que fosse possível trazer, dentre os produtos rurais dispo-

níveis. A venda de pombinhas para a alimentação não era tão freqüente. Afirma-se que a carne do pombo dispõe de atributos afrodisíacos e estimulantes do apetite, sendo, pois, utilizada para preparar canja a ser ministrada a debilitados ou com falta de apetite.

Nas balaia e deperdurados no "porrete" que trazia às costas, vinha uma verdadeira miscelânea de produtos alimentares, e, inclusive, ervas medicinais. Até capim-colchão, para acolchoados e colchões; paina e marcela para travesseiros, logo, porque trazer muitas pombas se elas iriam mofar na balaia; dificilmente iriam ser vendidas. Diriam-no, "mofas com a pomba na balaia".

Aqui devemos discutir também o termo balaia, ou seria balaio, no masculino? A denominação genérica é balaio, cabendo ao feminino designar as cestas rasas e geralmente sem alça. Assim, entre nós antigamente, e sempre, ainda hoje nos Açores, a balaia era utilizada pelo "pombeiro" que vende peixes ou camarão.

Logo, o termo balaio é genérico adaptando-se a qualquer formato que o cesto adotar. Era traçado de vime, cipó, ou taquaras. Possui as mais variadas dimensões.

Veja-se que na foto nº 2 a balaia adota a forma de alguidar, forma esta rarissimamente encontrada como uso entre os pombeiros. Seria mais a forma adotada pelos doceiros ou padeiros. Era uma formação adequada para uso feminino.

Já, balaio, como dissemos, cestaria em vime, bambu, palmeira, cipó, taquara etc., de vários tamanhos e formas se adaptava ao uso masculino. Até nisso aparecem as práticas peculiares de cada função social, em relação aos sexos.

Foi, assim, o pombeiro, um personagem, um tipo social popular servidor, na maioria, enganador e explorador em raríssimos casos, que batia de porta em porta, gritando e anunciando seus produtos nos centros urbanos ou nas vilas mais populosas, oferecendo variada gama de produtos hortifrutigranjeiros, laticínios etc.

Olha a banana madura-a-a. . .

Olha o ovo o o o . . .

Capim-colchão o o o . . .

Tudo fresco e barato. Dona Maria. . .

Hoje tenho pombinha a a a . . .

Pelo fato de se dirigir à clientela, geralmente mulheres e de renda maior que a sua, determinava a etiqueta social que estivesse sempre vestido com sobriedade e respeito. Não poderia faltar o paletó e o chapéu. Sapato! Bom, sapato não era preciso. Antigamente ao se adentrar às casas tirava-se o calçado. Depois, as estradas e ruas não eram pavimentadas e se revestiam de pó ou lama conforme fosse sol ou chuva.

Também vinham eles de lugares distantes e não tinham os pés adaptados para sapatos. Na roça e nas lidas rurais trabalhava-se descalço ou de tamancos de madeira. Calçar sapatos, somente para ir a missa, batizados ou casamentos. Como então suportar longas caminhadas com sapatos calçados. Arreventariam os pés. Por outro lado, era só lavar os pés em alguma bica ou corredeira d'água, e estava novamente limpo para chegar perto das freguesas.

Veja a foto nº 3 a seguir e as anteriores que apresentam a forma tradicional do trajar de pombeiro, e, com todo seu rigor social.



FOTO Nº 3 — Um pombeiro em Saco dos Limões, defronte a Matriz, nos anos de 1948, vendendo leite, carregando roupa e outras hortaliças, na balaia. Veja-se o trajar comentado no texto. (Arquivo do autor).

Pelo início dos anos 60 vem a degradação do pombeiro com a alteração do trajar como mostra a foto nº 4 a seguir.



FOTO Nº 4 — Anos 50. O pombeiro já está vestido de forma mais simples e mais adequada à época da mudança. (Arquivo do autor)

Estava começando a morte do pombeiro. . .

O "vara pau" que apoiava-se em suas costas recebia as denominações de "porrete", fueiro, varapau, cambão ou simplesmente "pau". Era confeccionado de vara naturalmente arqueada, "rabo de macaco", "lixado e com as extremidades escavadas para segurar as alças das balaias ou as outras mercadorias à venda.

Tornava um conjunto muito pesado, daí porque quando as mercadorias começavam a ficar de difícil venda baixavam os preços, facilitando a saída, para aliviar o peso. Imaginem só trazendo leite para vender, balançando ao sol em longas caminhadas. Era costumeiro aparecer pedaços de manteiga já batida junto com o leite ou este talhar. O leite não era desengordurado. Não havia recursos técnicos para isso.

3. ESTÓRIAS SOBRE O ASSUNTO

Muitas "estórias", além do "mofas com a pomba na balaia" existiram envolvendo o pombeiro e suas atividades.

Seu Joca, célebre e sério pombeiro, negro, sexagenário ao que me lembro, conhecido de quase todas "as donas" de casa florianopolitanas, estava todos os dias nos caminhos de minha infância visitando diariamente nossa casa. Ao chegar cumprimentava a todos, principalmente à minha mãe a quem chamava de Dona Maria, aliás esse não era o seu nome, mas para ele todas as donas de casa chamavam-se Maria.

La gritando de forma melodiosa, e às vezes era difícil de entender o que ele anunciava, batia pelas portas ou ia entrando pelos quintais a dentro. Xuxu, banana, galinha gorda, cebola verde, manteiga, abóbora, ovos, as mais extravagantes combinações, pois até ervas medicinais e chás poderiam vir dentro das balaias ou dependurados no "porrete" do pombeiro. Completava, tenho tudo, bom e barato freguesa!

— "Compra alguma coisa hoje para ajudar o negro, dona Maria," que respondia ao seu Joca: — "Hoje não quero nada, não estou precisando de nada, seu Joca".

Nem uns ovos, dona Maria. "Faço uma dúzia de treze". Poria mais um de inhapa (inhapa, substantivo feminino — do guichua yapana — o que o vendedor dá de presente ao comprador, o que se recebe além do ajustado, gorjeta, propina).

"Certa vez seu Joca foi esbofeteado inopidamente por uma mulher e, surpreso, estático ficou e adoeceu". Ficou tempos sem retornar às atividades.

Era uma mulher viúva, de pouco tempo, muito bonita, de corpo bem feito, portanto, atraente. Seu Joca anunciava seus produtos, cantando alongado, quando por ela passava e foi tomado seu canto como um abuso, uma atitude indecorosa, dizia o seguinte: compra freguês, compra freguês: olha o ovo e a uva boa — "oi o o vi uva boa"... e lá se foi bofetada!

Seu Joca reclamava quando remexiam muito dentro de seu balaio repleto de miscelâneas. Cuidado, "acabam fazendo de meu balaio um balaio de siri", pegam uma coisa e vem um montão empencado, engatados uns nos outros.

Tainha tinha de ser fresca, capturada há poucas horas. Para assegurar essa apresentação esfregava-se areia da praia no peixe, deixando coberto por uma camada branquinha de areia fina. "Veja dona Maria, ainda tem areia da praia, é fresquinha".

Camarão da Costeira do Pirajubaé (Costeira do Saco dos Limões — Costeira do Pirajubaé) era o que não faltava para ser vendido pelos

pombeiros. Neste caso usava-se o balaio raso, facilitando a visualização e o manejo. Não havia balanças, já estava fora de uso medir-se o volume das mercadorias em litro. O camarão era vendido aos "centos". Pegava-se os camarões aos pequenos montes "pela barba" — "pegar camarões pelas barbas", diziam, e ia-se contando, geralmente de cinco em cinco, e, se o freguês "chorava", pechinchava, ia mais uns cinco ou dez de "lambuja", de inhapa, que era para garantir o freguês para sempre!

Esta outra estória nos apresenta uma curiosa variante do viés principal, relativo à origem do "mofas com a pomba na balaia" e com sentido figurado "picante". Passou-se no Ribeirão da Ilha há pouco mais de trinta anos, e, aqui no caso, recorre aos balaies de "serão" de um cavalo de carga, e a arte de fazer rendas de bilros.

Com efeito, um determinado senhor acabava de chegar em casa depois das caminhadas de venda, exercício da profissão de pombeiro, não com o cambão às costas, porém, com cavalo com o serão no lombo (serão é o conjunto composto por uma cangalha e dois balaies dependurados, um de cada lado, dentro das quais colocavam-se as mercadorias a transportar ou a vender). Freqüente era o seu uso no carregar a mandioca da roça para o engenho. Enquanto arrumava o cavalo, já anoitecendo, observava sua esposa fazendo renda de bilros, com a almofada à beira da porta, e bem arrumada à espera do marido, que ao vê-la convidou-a para a cama, porém recebeu um forte "não". Brabo gritou para ela: então "mofas com a pomba na balaia". A mulher não se perturbou com a brincadeira chula, e contra-atacou com outra semelhante, dizendo ao marido: e tu "mofas com o bilro na almofada".

Bons tempos onde o comércio chegava às nossas portas, sem precisarmos ir ao mercado ou até à "venda", nome que se dava às casas que comercializavam alimentos, secos e molhados. Também não haviam os modernos supermercados. Os preços eram baixos e fixos pois não havia inflação, expoliação, correção monetária, remarcação, promoções. . . Tudo aos mil-réis. Concorrências também não faltava.

Hoje, esperar pelo "pombeiro" é "mofar com a pomba na balaia".

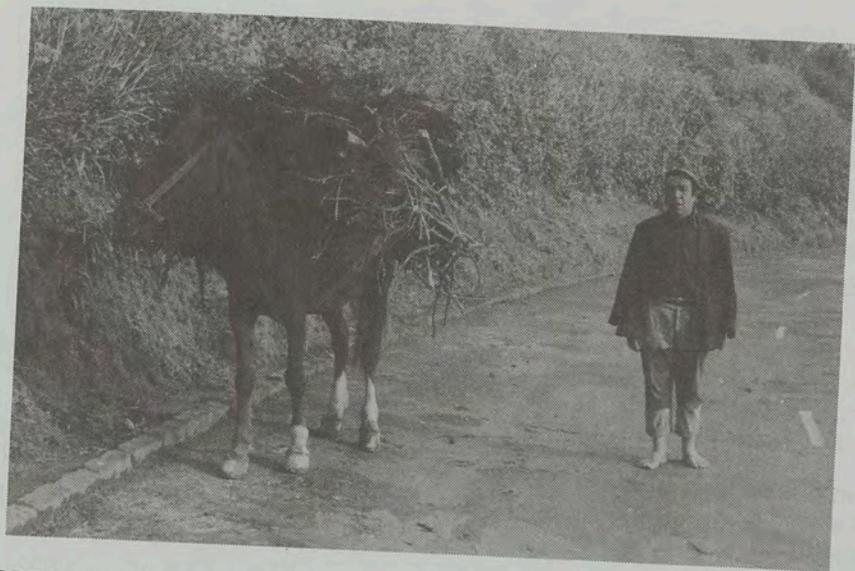


FOTO Nº 5 — Uma variedade no transporte de mercadorias (lenha) no lombo do cavalo, nos Açores, na Ilha de Santa Maria, 1979. Qualquer semelhança conosco será mera coincidência? Foto do autor.

FESTILHA

"FESTA DAS TRADIÇÕES DA ILHA"

São Francisco do Sul — Santa Catarina

Prof: Sônia Maria Copp da Costa

Visando resgatar os costumes, divertimentos e histórias de seus antepassados, o município de São Francisco do Sul, o mais antigo do Estado de Santa Catarina, criou a **FESTILHA** — Festa das Tradições da Ilha, envolvendo carinhosamente sua comunidade e visitantes.



É na rua Babitonga, descontraída e alegre que se reproduz festivamente os fatos históricos como o "footing", as apresentações festilhescas de grupos folclóricos como o vilão, boi-de-mamão, capoeira, fandango,

chamarrita. . ., danças ao ar livre, barraquinhas, artesanatos, passeios de barco, bandas e serestas. . . Com o mesmo sucesso dos anos anteriores, 93 e 94, recebeu os milhares de turistas com a hospitalidade de um povo que sabe "fazer amigos". Estes, admiraram o Centro Histórico, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, os casarios antigos, e Igreja Matriz, as ruas estreitas, o Museu Histórico, o Museu Nacional do Mar, onde encontra-se exposta a embarcação a remo "Parati I" de propriedade do navegador solitário "Amyr Klink, enfim um verdadeiro passeio no presente com a mais pura evocação da história de um passado distante.

No transcorrer da **FESTILHA**, além das apresentações de bandas, serestas, bailes, grupos folclóricos e uma infinidade de barraquinhas com comidas típicas, acontecem shows no pavilhão principal com cantores da nossa música popular.

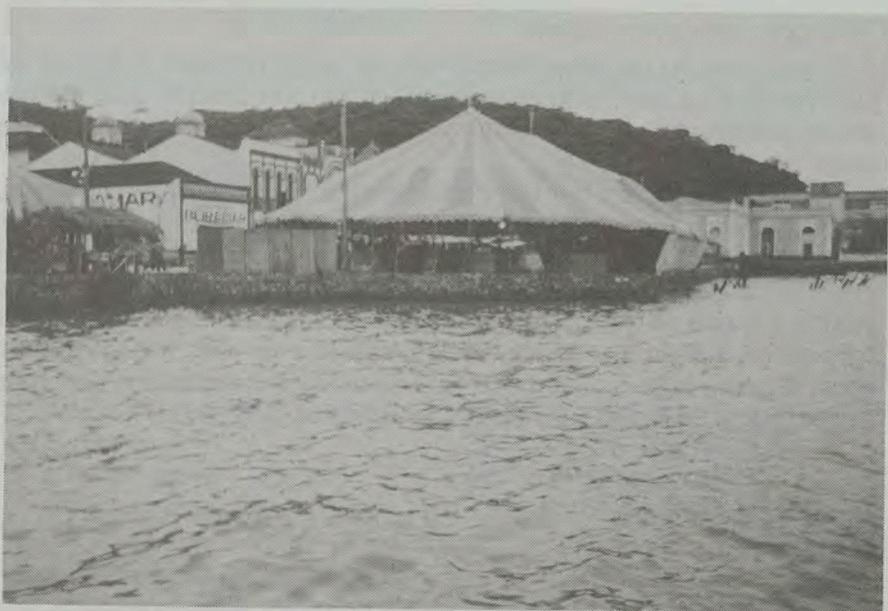


Foto do pavilhão principal, localizado às margens da Baía de Babitonga, onde se realizam os passeios de barcos até a Vila da Glória, passando por diversas ilhas, onde o turista vive momentos de beleza e encanto.

Com o advento da FESTILHA — Festa das Tradições da Ilha, resgatou-se o hábito das trocas do PÃO-POR-DEUS, que o tempo e a modernidade tentaram apagar da mente do pacato e acolhedor povo francisquense. Destacamos para esta edição, do conceituado Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, o resgate deste folclore "reflexo das raízes sociais e culturais de um povo".

O PÃO-POR-DEUS

O Pão-Por-Deus representa um dos hábitos mais delicados do passado francisquense, tão cheio de mil outros encantos na sua deliciosa simplicidade.

O QUE É PÃO-POR-DEUS?

É um coração ou outra figura feito de papel cetinoso e de cor, de preferência azul, vermelho ou amarelo, tendo comumente quatro faces que se justapõem com a parte branca do lado de dentro e uma pequena franja rendilhada.

O coração obriga a dar um presente de 1º de novembro em diante, e esse presente tem o nome de Pão-Por-Deus. É em quadrinhas afetuosas, escritas na face interna, que se pede a dádiva, não pelo prazer material de ganhá-la, porém, pela satisfação de ter uma lembrança da pessoa a quem se quer bem. Os versos são meigos e escritos em letra caprichada, miúda e redonda. Cada papel leva de uma a duas quadrinhas. A gente logo o reconhece pelo estofado farfalhante do envelope e pelo cheiro de malva ou manjerição que dele desprende.

E os versos dizem:

Lá vai o meu coração
Retratado em uma flor,
Vai pedir o Pão-Por-Deus
A quem tenho tanto amor.

És o mimo desta Ilha
És o amparo das flores,
Manda-me o Pão-Por-Deus
Prenda dos meus amores.

Lá vai o meu coração
Sozinho sem mais ninguém,
Vai pedir o Pão-Por-Deus
A quem quero tanto bem.

Se os anjos do céu soubessem
A graça dos olhos teus,
Desceriam do céu à terra
Para pedir o Pão-Por-Deus.

Lá vai o meu coração
Correndo o mundo sem fim,
Chega lá, bate na porta
Pede o Pão-Por-Deus por mim.

Cupido leva esta flor
Entrega ao amor-perfeito
Se pedires Pão-Por-Deus,
Pede com todo respeito.

Brilha o sol e brilha a lua
Brilham os lindos olhos teus,
Brilhante serás em tudo
Se mandares Pão-Por-Deus.

A palma de sua mão,
É linda, deliciosa
Manda-me o Pão-Por-Deus,
Meu lindo botão de rosa.

Um outro apaixonado tem a sua mágoa e queixa-se:

Bem sei que sou infeliz,
Não mereço agrados seus,
Mas mesmo assim desprezado
Vou pedir-lhe o Pão-Por-Deus.

Outro procura remover obstáculos e fala imperiosamente, ao que parece a um viúvo:

Lá vai o meu coração
Todo cheio de tetéias
Mande-me o Pão-Por-Deus
Não se ponha com idéias.

Não se lembre do passado,
Não mais pense em quem morreu,
O Pão-Por-Deus não demore,
Quem manda agora sou eu.

Este põe o seu amor acima de tudo:

Os justos pedem aos santos,
Os santos pedem a Deus,
Eu só peço ao meu amor
Que me mande o Pão-Por-Deus.

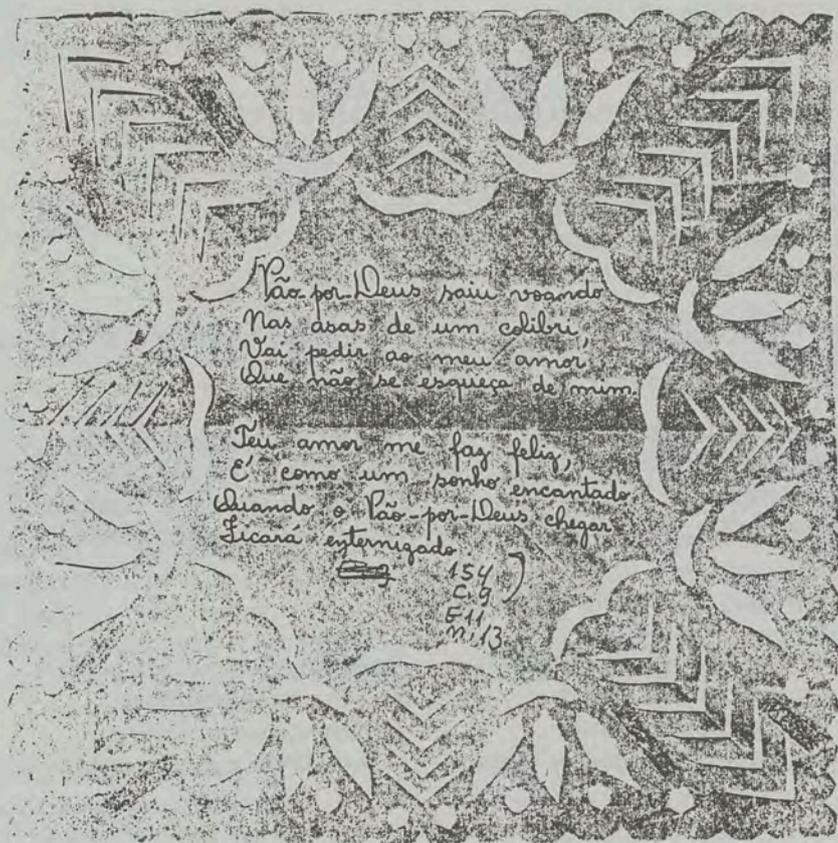
Governa o Rei e o seu povo,
Aos escravos o senhor,
A mim somente governa,
O meu lindo e meigo amor.

Eu nada quero do mundo,
Nada quero de ninguém,
Basta aquela luz brilhante
Do vivo olhar do meu bem.

Aparece também algum coração pilhérico:

Quem tem cabras, tem cabritos,
Quem tem porcos, tem presuntos,
Mande-me o Pão-Por-Deus
Por alma dos seus defuntos.

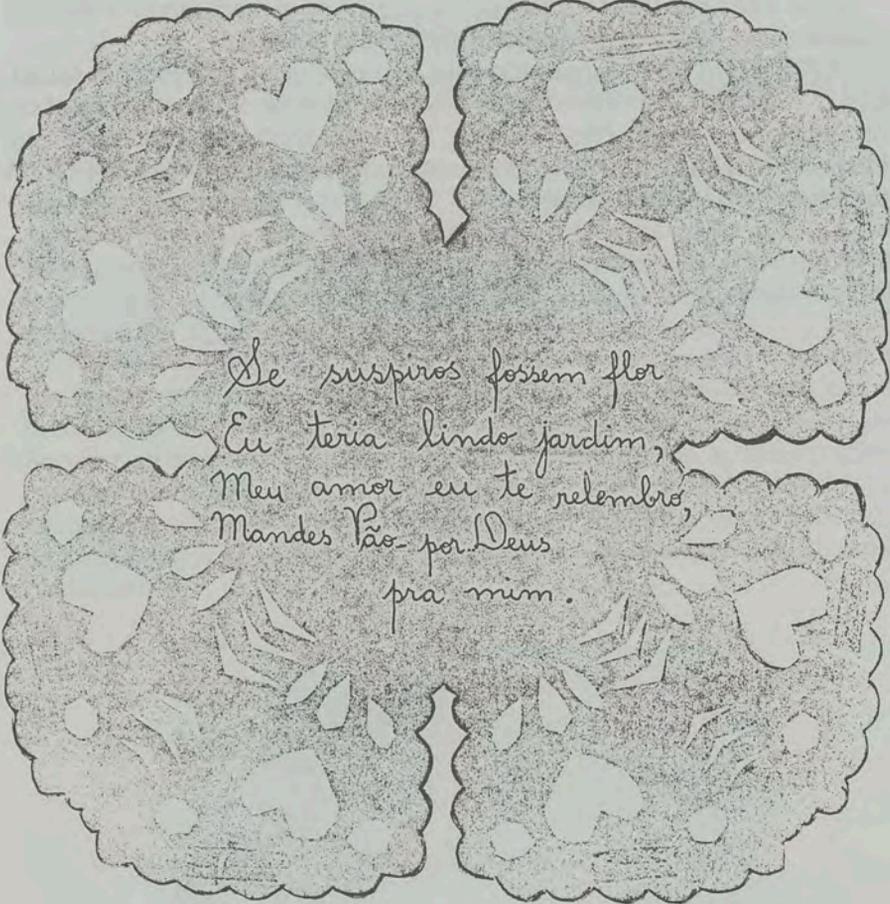
Mande-me o Pão-Por-Deus
Não me faça sovinice,
Esse mal já lhe persegue
Desde a sua meninice.



O despeito elogia e fere:

Cabelo de ouro fino
Em cachos de diamante,
Manda-me o Pão-Por-Deus,
Não sejais ignorante.

Muito formosa por certo
No seu ar engalanado,
O Pão-Por-Deus que mandar
Cheira a leite já estragado.



Se suspiros fossem flor
Eu teria lindo jardim,
Meu amor eu te relembro,
Mandes Pão por Deus
pra mim.

O coração que lá se vai atrás do Pão-Por-Deus é, em geral, um emissor discretamente apaixonado do outro coração, que ficou no peito a tremer de amor, e muitas vezes, o Pão-Por-Deus é a capela enfeitada do bairro, ou até mesmo a nossa igreja matriz, um bando alegre de convidados e o padre muito sério a dizer:

“Com o favor de Deus querem se casar. . .

E os Pães-Por-Deus continuam a cruzar-se perpetuando a tocante singeleza da nossa querida SÃO FRANCISCO DO SUL.

A **FESTILHA** vem resgatando este costume que a velhice tem saudades e, a mocidade, introduzindo novas formas de figuras e versinhos. As figuras do nosso Pão-Por-Deus foi um trabalho artesanal da Sra. Phrynéa Pereira Stazak que podemos encontrar durante a **FESTILHA** na barraca da “Casa da Amizade”.

Pesquisa: Sr. Dauro Stazak
Diretor de Cultura do
Município de São Francisco do Sul — SC

AFA — ASSOCIAÇÃO FRANCISQUENSE DE ARTESÃOS

Foto: Conny Baungat — Prof. de Arte Naval

"A Arte é uma manifestação ligada intimamente ao espírito humano. Desde as origens das civilizações, o homem busca dar aos objetos que cria, além de uma forma mais eficiente e útil para o fim a que se destina, qualidades que independem da simples utilidade e que satisfazem uma necessidade de harmonia e de beleza. O artesão revela aspectos da "arte popular" que caracteriza povos e culturas".

Em São Francisco do Sul, um grupo de artesãos, com a finalidade de fundar uma Associação que os representasse, reuniram-se em 25 de outubro de 1988, na Sede da Associação Comercial do município. Receberam o apoio da FUCISF — Fundação Cultural Ilha de São Francisco (atualmente inativa) com o objetivo, também, de realizarem um de seus projetos: a primeira Feira Francisquense de Artesãos. Vencendo todas as dificuldades, recebem apoio e incentivo do ex-Secretário de Turismo, Fábio Zattar.



O sonho se realiza pela primeira vez: na Praça da Bandeira, os trabalhos artesanais são expostos sobre mesas cedidas pelo Clube Náutico Cruzeiro do Sul, no dia 04 de dezembro de 1988. Outras oportunidades se sucederam. Várias Feiras foram realizadas na Praça Dr. Getúlio Vargas, no Centro Histórico da cidade, e, na temporada de verão, na praia de Enseada. Tornam-se conhecidos e respeitados.

Nas Festilhas — Festa das Tradições da Ilha — a AFA expõe seus trabalhos em barracas instaladas no trapiche de atracação de pequenas embarcações, em frente do BESC. Como incentivo e valorização, recebem, merecidamente, dois troféus pela participação nas FESTILHAS, festa que acontece no mês de abril.

Os trabalhos dos artesãos francisquenses alcançam a FECART, em Camboriú. Cresce o entusiasmo e a disposição de melhor se organizarem. O esperado acontece. Após uma reunião no Cine Teatro Municipal X de Novembro, com membros da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Comunitário, surge a idéia de uma "loja". Sua inauguração acontece no dia 14 de outubro de 1993, com a presença de autoridades municipais, convidados, amigos e parentes dos artesãos francisquenses.

A "Loja Artes da Ilha", funciona no andar térreo do prédio da Secretaria de Turismo, à rua Dr. Hercílio Luz nº 73, no Centro Histórico de São Francisco do Sul — SC.

Possui um número expressivo de artesãos, contando ainda com alguns Clubes de Mães. O primeiro presidente da Associação Franciscense de Artesãos foi o Sr. Heins Groos. Foi sucedido pelo Sr. Conny Baumgart, destacado artesão, pelas miniaturas que produz em garrafas, pássaros em madeira sobre galhos, pinturas em conchas e pequenas telas, expondo todo o seu amor à natureza e à Ilha de Babilonga.

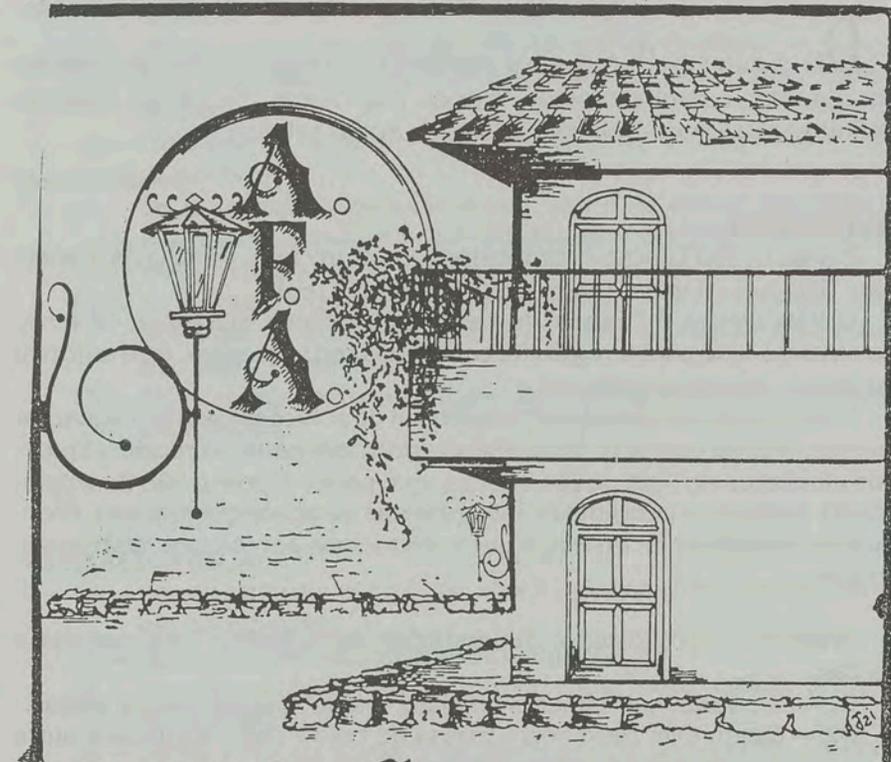
Atualmente preside a AFA, a Sra. Rosalba de Lima Pereira e a secretária, desde a sua instalação é a Sra. Helenice Vieira Rocha.

O turista poderá encontrar no Mercado Municipal lembrancinhas de São Francisco do Sul. Entretanto, artesanato franciscense dos mais variados, encontrará na "Loja Artes da Ilha", a saber: pinturas em telas, vidros e panos; tricô e crochê, bordados diversos, entalhes em madeira, arranjo de flores secas, enfeites em gesso, tapeçaria, trabalhos em cipó e corda, bonecas de pano e tricô, chinelos, fantoches, sachês, macramê, chocolates, licores, roupas tingidas, bijouterias, cerâmica porcelanizada, cartões, embalagens para presentes. . .

No dia 30 de outubro de 1993, a "Loja Artes da Ilha" recebeu a visita ilustre do príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança, quando de sua vinda a São Francisco do Sul.

O esforço deste Grupo de Artesãos oferece à cidade mais um espaço artístico-cultural de grande valor histórico e social. Uma visita à "Loja Artes da Ilha" já faz parte do roteiro turístico das excursões que chegam à bela e encantadora "terra dos carijós".

FEIRA DE ARTESANATO



Associação
Francisquense de
ARTESÃOS.

CULINÁRIA TÍPICA DO VALE DO RIO TIJUCAS

*Pesquisa de Nilson Luz da Silva

Diz o autor ser a pesquisa realizada em alguns anos de trabalho em algumas comunidades do Vale do Rio Tijucas. Não é um trabalho definitivo visto ser o universo folclórico muito extenso.

Doralécio Soares

DA PESQUISA

O Vale do Rio Tijucas é composto pelos municípios de Tijucas, Canelinha, São João Batista, Major Gercino e Nova Trento.

O Vale recebe influência do elemento indígena, habitante da terra, do africano, que para a região foi conduzido como escravo, e do europeu (açoriano, italiano e polonês).

O objetivo deste trabalho é uma busca de soluções para salvaguardar as crendices na culinária, pesquisando principalmente as receitas típicas nos alimentos no Vale do Rio Tijucas, que pouco a pouco vão desaparecendo, motivadas pela falta de interesse das gerações que surgem. Podemos até classificar de tristeza o que entendemos por folclore neste imenso Vale.

Truques — Crendices e Superstições na Culinária , na cozinha e na casa.

- 01 — Se deixar cair talheres no chão, é sinal que vai chegar visitas.
- 02 — Quem tiver mexendo a massa de bolo e der o lugar para outra pessoa mexer, o bolo não cresce.
- 03 — Duas pessoas não podem bater o mesmo bolo, pois assim ele não dará certo.
- 04 — Mulher grávida mexer a massa do bolo, ele cria pé.

* Nilson Luz da Silva, é professor da área do Ensino Médio

- 05 — Quando se faz comida à noite, não se deve falar em mortes, porque a comida ficará escura, com gosto forte e cheirando mal.
- 06 — Para espantar visitas, coloca-se uma vassoura atrás da porta.
- 07 — A clara de ovo batida em neve, coloca-se um garfo no meio dela, se o garfo ficar em pé, é porque a pessoa que o colocou tem bom coração, se o garfo cair, a pessoa é má.
- 08 — Bolo quente não pode pegar vento, ele encolhe e cria pé.
- 09 — Fazer molho de maionese e mudar de mão em mão, o mesmo dissora.
- 10 — Deixar cair sal no chão da cozinha é sinal de azar.
- 11 — Para espantar visitas é só colocar sal dentro de uma frigideira no fogo.
- 12 — Para não se receber visitas é só colocar uma vassoura atrás da porta.
- 13 — Se uma mulher grávida deixar cair uma colher no chão da cozinha, e se a mesma cair emborcada é menino e caso contrário é menina.
- 14 — Uma mulher grávida ao cozinhar o coração de frango, deve observar: se o mesmo abrir levemente vai nascer menina, se não abrir, é menino.
- 15 — Se se estiver cozinhando morcilha, não se deve assoviar, senão ela estoura.

CULINÁRIA TÍPICA

- 16 — Ao se arrancar um pé de aipim, não se deve gemer, senão ele não cozinha.
- 17 — Bolo feito por mulher menstruada, cria pé.
- 18 — Se uma mulher, que estiver fazendo bolo, lambe a tigela, ele não cresce.
- 19 — Se na hora do preparo do almoço, cair uma colher no chão, é mulher que chegará para almoçar.
- 20 — Quem não quer receber visitas na hora das refeições, deve colocar uma vassoura em pé, atrás da porta.
- 21 — Molho que não quer engrossar, balance a panela três vezes.
- 22 — Ao fazer mingau, deve-se mexer o mesmo em uma só direção, ou seja, na mesma posição, se se mexer ao contrário ele dissora.
- 23 — Quando alguém estiver a bater claras de ovo, isto é, com a

mão direita e chegar alguém e ele inadvertidamente trocar de mão, a clara dissora.

- 24 — Remexer a comida com uma faca, a receita desanda.
- 25 — Provar a comida que se está cozinhando, mais de três vezes, deixa a comida aguada e insossa.
- 26 — Panela que queima a comida várias vezes, vicia. É melhor jogá-la fora.
- 27 — Não se deve cozinhar, seminu, porque a comida esturrica.
- 28 — Quando bater um ovo, deve-se ter o cuidado de tirar a gata, pois se assim não fizer chama defunto.
- 29 — Quando entra grilo verde na cozinha, é sinal de sorte. Se o grilo for preto é sinal de azar.
- 30 — Não deixar a chaleira ferver sem necessidade, se assim for chama azar.
- 31 — Quando se entra na cozinha com guarda-chuva aberto, chama médico.
- 32 — Mulher menstruada que faz bolo, o mesmo não chega a crescer.
- 33 — Quando a clara de ovo está em neve, pode-se virar o recipiente de cabeça pra baixo, que ela não se mexe.
- 34 — Quando na cozinha cai um garfo no chão, é sinal que vai chegar um homem.
- 35 — Quando uma colher cair e ficar com a concavidade para cima, é sinal que vai chegar uma mulher gordinha.
- 36 — Quando se bota a massa do bolo na fôrma e se passa o dedo nas bordas da forma, o bolo não irá crescer.
- 37 — Para dar sorte, pendura-se uma ferradura atrás da porta da cozinha.
- 38 — Pendura-se alho ou cebola na porta da cozinha, para espantar maus espíritos.
- 39 — Quando um copo ou xícara quebra, deve-se jogar fora, senão trará azar.
- 40 — Galo quando canta na porta da cozinha, é sinal de azar.
- 41 — Quando entra uma borboleta preta na cozinha, é sinal de coisa ruim.
- 42 — Chinelos virados na porta da cozinha, traz azar.

Culinária Típica do Vale do Rio Tijucas

Receitas Italianas: colhidas em Nova Trento

Polenta — fubá (farinha de milho feita em tafona ou comprada em armazéns). Queijo ralado à vontade. Sal ao ponto, água e óleo.

Como fazer: colocar a água a ferver com sal e um pouco de óleo.

Ao levantar a fervura, ponha o fubá, mexendo sempre, pelo espaço de uns 40 minutos. Botar o queijo quase na hora de tirar da panela. Despeje toda ela sobre uma tábua lisa, de preferência redonda e corta-se em pedaços à vontade, com uma linha.

Salada de Radicci — 3 pés de radicci, alho, sal e óleo.

Cortar o radicci bem fininho, isto é, depois de bem limpo. Temperar com sal, óleo e alho socado.

Costelas de Porco com Repolho — 1 kilo e meio de repolho cortado bem fininho. 1 quilo de costelinha de porco. Suco de limão, 2 cebolas grandes, cheiro verde (salsa, cebolinha), 5 dentes de alho, cominho, pimenta-do-reino a gosto, 3 tomates, 2 pimentões vermelhos, sal a gosto. **Modo de fazer:** temperar a costelinha com suco de limão, alho amassado, cominho, pimenta-do-reino, sal, isto 5 horas antes de fritar bem, colocando em seguida a cebola, os tomates, os pimentões e os outros temperos. Colocar o repolho e deixar cozinhar.

Servir, de preferência, com polenta e vinho tinto.

Macarrão Caseiro — 400 gramas de trigo, 2 ovos, sal e água morna.

Modo de fazer: coloque numa vasilha os ovos bem batidos, com sal e um pouco de água. Coloque o trigo fazendo a massa até desprender-se das mãos. Abra a massa com o rolo e corte em tiras. Leve ao fogo para cozinhar em água fervendo com óleo. Escorra e sirva com molho de tomate ou alho/óleo, com bastante queijo parmesão.

Nhoques de Batata — 1 quilo de batata, 2 ovos, 200 gramas de trigo, fermento Royal (1 colherinha) e queijo parmesão. Cozinhar as batatas e amassá-las. Enquanto estiver quente, juntar uma colherinha de fermento Royal. Junte o sal a gosto, os ovos e a farinha de trigo. Amasse bem, formando rolinhos de 2cm de diâmetro. Cortar em pedacinhos de mais ou menos 2cm e deixar descansar 15 minutos. Ponha a cozinhar em água fervente. Tirar com uma escumadeira assim que boiar. Servir com molho branco, queijo mussarela e polvilhado com parmesão se for molho de tomate.

Culinária

Omelete de Ovos com Queijo (Tortaia) — meio quilo de queijo caseiro e 6 ovos. Fritar o queijo e colocar os ovos inteiros por cima do queijo.

Galinha Ensopada — uma galinha velha de aproximadamente 2 quilos. 5 colheres de banha de porco, 3 tomates, 2 cebolas, alguns dentes de alho, salsa, cebolinha, cominho, pimenta-do-reino moída.

Como preparar: picar a galinha, salgar e fritar. Após, prepara-se um refogado com os temperos acima e põe-se a galinha frita, com um pouquinho d'água. Deixa-se cozinhar por um bom tempo e serve-se.

Algumas Receitas

Cabeça de Negra — meio quilo de fubá, meio litro de leite fervendo, 2 ovos, 1 xícara de açúcar, 1 pitada de sal.

Modo de fazer: coloca-se o fubá a escaldar com o leite fervendo. Mistura-se os outros ingredientes e bota-se em banho-maria, amarrado numa toalha de prato.

Concertada — 1 bule de café forte, 1 garrafa de cachaça, cravo e canela de pau à vontade e açúcar até ficar bem doce (tomar como aperitivo).

Flor da Pedra — 1/2 quilo de carne seca, 1 cebola média, 2 tomates maduros, 5 dentes de alho e óleo. Pimenta-do-reino a gosto e cheiros verdes.

Modo de fazer: assar a carne na brasa. Depois de assada, bater com um soquete de cozinha ou martelo mesmo, ou socar num pilão. Lava-se para tirar o sal, e desfia-se bem, depois refoga-se os temperos, colocando-se a carne. É uma "flor de pedra muito gostosa".

Ensopado de Folhas de Taiá — folhas de taiá na quantidade que se desejar, coloca-se na água. Toma-se uma ou duas cebolas médias, idem de tomates, sal, salsa e cebolinha verde (isto é, cheiro verde). Pimenta e cominho a gosto. Pegue as folhas de taiá, pique-as bem fininhas, tirando as nervuras. Afervente. Retire a água, ponha os temperos e deixe cozinhar.

É um ensopado bem gostoso.

O BOI-DE-MAMÃO DE JAGUARUNA

Valmor Beltrame

Sábado, dia 20 de junho de 1992, um grupo de jovens e adolescentes se reúnem no salão paroquial, ao lado da igreja de Jaguaruna. O município, situado no litoral sul-catarinense, dista cerca de 170km da capital, Florianópolis.

A colonização açoriana deixa, ainda hoje, vestígios evidentes da sua cultura. Isso é possível perceber no tom das falas das pessoas, na arquitetura de algumas casas, nos tipos físicos e pelas suas festas. O Boi-de-Mamão é uma delas. Estes jovens, que neste dia se reúnem, vão brincar de Boi. O número de apresentações do grupo já ultrapassa 50, dentro e fora do município. Minha solicitação para efetuar a gravação da apresentação, para um posterior estudo a ser realizado, foi prontamente atendida. A única condição foi a possibilidade de ver a gravação em qualquer oportunidade. Muitas perguntas começaram a surgir durante a apresentação do grupo: quem são estes jovens? o que fazem? o que pretendem?

“Oi dá licença, eu vou cantar”

Estudantes secundaristas, funcionários públicos, marceneiros, comerciários, caixas de supermercados, agricultores. . . liderados por uma jovem envolvida na pastoral da juventude da Igreja Católica, formam o grupo Folclórico CRU. Chama-se assim porque dizem que ainda não estão cozidos. Porque ainda sonham com uma longa caminhada a ser percorrida. Porque o gosto e o entusiasmo pelo folclore local é o Boi-de-Mamão, do qual participam, precisa ainda ser estudado é melhor apresentado. Por isso chamam-se CRU. Porém, conforme as horas vão passando, em fogo brando se percebe que o CRU vai cozinhando. Primeiro porque, sabiamente, não deixaram de integrar no grupo os seus tios, amigos, vizinhos que antigamente brincavam de Boi. Eles garantem, com sua experiência e conhecimento, detalhes da brincadeira e possuem a segurança necessária, que um principiante precisa, na hora de dançar

Boi-de-Mamão
do
Folclore
Catarinense



debaixo de uma figura e em frente aquele mundão de gente. Além disso, garantem a cantoria, com o puxador improvisando os versos, que mudam de acordo com o lugar da apresentação e tipo de público presente.

O CRU vai cozinhando também, porque no trajeto entre a sede do grupo e Sangãozinho, local da apresentação, acontecem diversas situações que servem de "aquecimento" para a apresentação. São brincadeiras entre os membros do grupo, uma cantoria lembrando canções da infância, o relato de uma situação inusitada, vivida entre amigos, enfim. . . tudo isso contribui para a instalação de um clima de alegria e predisposição para o jogo, para a brincadeira, indispensáveis neste tipo de manifestação.

Sangãozinho é uma comunidade possível de ser identificada porque ali existe uma igreja, um salão, uma "venda" e não mais que meia-dúzia de casas.

Mas o local da apresentação do CRU está repleto. São centenas de pessoas. Ouve-se o bumbo, o violão, o cavaquinho, o acordeão, o chocalho e o coro afinado cantando "oi dá licença, eu vou cantar". Do meio do público e ampliando o círculo necessário para a apresentação do Boi, os cantores e instrumentistas são acompanhados por outros participantes que carregam o estandarte com o nome do grupo e um crânio de boi preso na ponta de uma vara. Uma grande tocha de fogo ardente movimentada em círculo abre ainda mais a roda. Isso confirma que vai ter brincadeira de boi e que o CRU está brincando com fogo.

"Esse Boi é brabo. . . ele é demais. . . ele mete medo. . .

"A gente pede para aumentar a roda. A gente não se responsabiliza se o boi machucar alguém. O boi tá solto e ele é muito brabo."

(Fala da líder do grupo ao microfone, dirigida a todos os presentes).

Feita a apresentação do grupo com o seu canto de chegada, começa a brincadeira. O Boi é a primeira figura que se apresenta. Ele repete um ritual conhecido de todos: apresenta-se, dança, investe contra o público, morre, ressuscita, é laçado pelo vaqueiro e depois vai embora.

Em todos os Bois da região a seqüência é a mesma e todo o público presente conhece e sabe disso. No entanto, grita, participa, ri, se emociona a cada apresentação. O Boi impressiona pela agilidade nos movimentos, no ritmo da sua dança, pela ocupação de todo o espaço. Deixa uma sensação de que toda a sua coreografia é pensada e planejada. Conversando com o "ator" que interpreta o Boi, ele diz que antes de entrar pra dançar, enquanto acontece o canto de chegada, ele precisa

olhar o público para o qual vai dançar. Nessa hora, percebe se existem pessoas vestidas de vermelho.

Na região acredita-se que os touros reagem violentamente a cores vivas. E que por isso nas touradas espanholas o toureiro utiliza-se do vermelho para provocar o touro.

Identificadas onde estão as pessoas de vermelho o "ator" as escolhe para contracenar. Investe violentamente sobre elas, faz movimentos com os pés como que tentando cavar na terra dando impressão de ferocidade, rodopia seguidas vezes. . .

Enfim, percebe-se uma série de movimentos, gestos pensados, planejados que somados à fala inicial da líder do grupo, criam esta atmosfera do medo, do riso descontrolado, do pavor, da gritaria no público presente. Aliás, todos riem, e riem de tudo, riem das "autoridades", riem de si mesmos.

"Mataram o Boi. . . a nossa alegria. . ."

Com a presença do Doutor, o CRU altera uma tradição centenária dentro do Boi-de-Mamão: a presença feminina na interpretação de papéis. Não se tem registro da presença de mulheres protagonizando papéis dentro da brincadeira. Normalmente, as mulheres que participam limitam sua atuação junto ao coro. Nesta noite, uma mulher faz o médico. Não é médica. Continua o profissional, o médico, o Doutor. A negação dessa autoridade comumente reverenciada ao profissional de saúde começa pelos seus aspectos físicos: é coxo, corcunda, sofre do mal de Parkson, precisa de um cajado para caminhar, carrega uma garrafa de cachaça debaixo do braço. Além disso, fala errado, diz coisas sem sentido, insiste em cheirar a bunda do Boi e espanta com insistência o urubu e o cachorro, quando se aproximam do Boi morto. A ridicularização deste papel se coloca como forma de negação da autoridade através do riso, do esbracho e do desrespeito.

Lembra, também, a famosa personagem da Comédia Dell'Arte, o Doutor, que sempre faz o oposto daquilo que comumente o povo simples pode esperar.

Depois da apresentação, a "atriz" contou como se deu no CRU o processo de seleção dos papéis a serem representados por seus integrantes. Conta que a escolha se deu por identificação pessoal. O tempo utilizado para aprender a cantoria e confeccionar as figuras, foi importante para que cada um comesse a optar pela figura a representar. Neste mesmo tempo, as sugestões dos colegas participantes também auxiliava. Uma vez prontas as figuras, com os ensaios, os integrantes

do grupo experimentavam cada uma delas e, a partir disso, faziam a opção. Foi uma mistura de opção pessoal com a sugestão grupal, segundo o "Doutor".

Fica evidente para quem vê a apresentação esta integração não só entre os membros do grupo, mas principalmente a familiaridade do "ator" com a figura que apresenta e com as figuras com as quais contracenam. Isso é possível perceber quando dançam simultaneamente boi e cavalinho, ou boi, cachorro, urubu, urso e macaco, ou quando contracenam com as personagens humanas como Mateus, domador do urso, toureiro.

Outro momento de incontida irreverência é quando se dá a ressurreição do Boi. Ou seja, não são os préstimos médicos e seu saber que lhe devolvem a vida. Mas a cachaça. Primeiro, o cheiro da cachaça faz com que "a nossa alegria" dê sinais de vida. Depois, a garrafa é publicamente estendida ao "ator" que está debaixo do Boi. Ele bebe, os cantores anunciam sua ressurreição e o Boi retorna a dançar muito mais alegre e provocador do povo.

É interessante perceber que é justamente a cachaça, bebida vulgar, normalmente desaconselhada para o consumo, a bebida do populacho que se contrapõe ao saber médico para salvar o Boi.

Na seqüência vem a maricota, dançando com as mãos espalmadas, abrindo a roda e pedindo dinheiro. Com as contribuições, o grupo faz os reparos necessários nas figuras. Por último, como que numa grande festa, todas as figuras dançam juntas, o público canta junto e aplaude.

A Confecção das Figuras

Outro aspecto que demonstra que o CRU vive um cuidadoso processo de cozimento, se observa nas figuras que integram a brincadeira.

O cuidado na confecção das mesmas confirma a presença de um escultor da cidade que integra o grupo. Tudo feito na técnica do papiê-machê, com os modelos feitos em argila. O acabamento bem feito é visível em diversos detalhes: na escolha das cores usadas na pintura das cabeças, nas cores dos tecidos, na costura bem feita, no acabamento dos cabelos, enfim. . . estes cuidados demonstram e confirmam a relação afetiva e prazerosa que os integrantes têm entre si e com o próprio trabalho.

Vale observar também, que o grupo incorporou elementos como: purpurina, lantejoulas, rafia, e outros materiais que, normalmente são utilizados na confecção de fantasias de carnaval. Não se tem registro dos Bois no Estado de Santa Catarina, do uso destes materiais. Além

disso, o grupo faz outras rupturas que merecem registro: as estruturas das figuras não são de bambu como se dá tradicionalmente. Preocupados com a durabilidade e peso das mesmas, optaram por confeccioná-las em vime. Seguramente dão mais resistência e são mais fáceis de manipular pela leveza.

Mas a figura do cavaleiro chama especial atenção. Ele vem vestido com capa preta, meia-máscara feita em tecido e chapéu preto. Lembra muito a mitológica figura do Zorro, herói do cinema, televisão e revistas em quadrinhos.

Ou seja, estes jovens incluíram na representação imagens que povoam o seu universo, figuras que integram seu imaginário. São diversas as alterações efetuadas pelo grupo: a inclusão de elementos mais sofisticados com brilho, a substituição de materiais, a preocupação da durabilidade dos materiais de cena e, ainda, a adaptação de uma personagem televisiva para integrar a brincadeira.

Isso nos permite pensar que o CRU, motivado pelo seu desejo de preservar o folclore local, não faz disso uma "camisa de forças" ou limitação. Pelo contrário, consegue sintetizar nesta atividade diversas formas de expressão pessoal e grupal, e ao mesmo tempo contribui para a preservação de uma manifestação que pertence à cultura local.

Por isso, a sensação de quem vê o grupo apresentar-se é de muita alegria e prazer.

A impressão que se tem é de que seus integrantes se divertem muito. Parece que tudo é muito sincero e verdadeiro. Com certeza, o CRU não está tanto quanto se diz.

GOVERNADOR CELSO RAMOS

Pesquisa de Rose Mary Gerber

Trecho da entrevista realizada pela Assistente Social Rose Mary Gerber, com a senhora Edite Luiza Miranda, 80 anos, em Gancho do Meio, no dia 16 de março de 1993.

(Rose) — Como era naquela época dona Edite, esse negócio de colher café no escuro?

(Edite) — Naquele tempu nós fazia a sorti, intão si apanhava café nu iscuru né. Intão nós ia apanhá café verdi i maduru i inchadu.

U verdi casava cum sortero
U inchadu casava cum apartadu
I u maduru era cum viúvu.

Eu só apanhava maduru i casei cum três homi viúvu, casei cum três viúvu..

(Rose) — E o que mais era feito naquela época? Tinha mais alguma coisa?

(Edite) — Tinha, nós tirava sorti di agulha na água. Esfregava agulha na mão i botava assim na água, ela aboiava na água. Duas agulha, u nomi du namoradu i u nomi da genti. Daí a agulha procurava a otra, si encontrava assim abraçava um a otra i caía nu fundu d'água, casava cum aquele homi. . .

I nós fazia também, botava u ovu im cima du telhadu, a clara du ovu.

(Rose) — Como é?

(Edite) — A clara du ovu im nevi, nu otro dia a genti ia vê, di manhã cedu:

Si amanhecia um barcu, casava cum homi di barcu. Um barcão casava cum homi que tinha venda.

Si havia di morrê sortera aparecia um caxão.

Jogava buchecha d'água dentru di casa.

(Rose) — E pra casar tinha que acontecer o que com a água?

(Edite) — Se caísse a água i eles currio atrás da genti, aí casava. . . si não curria não casava, não ia casá, morria sortera. . .

(Rose) — E como era a da bananeira?

(Edite) — Nós cortava, nós saía di noiti nu iscuru, qui naqueli tempu não tinha luz, a pomboca di querosene, intão nós saía, ondi tinha banana nós marcava di dia, quandu era di noiti nós ia lá cortá u ispigu da bananeira i chamava u nomi du namorado. . . Nu otro dia a gente ia vê, u qui não casava u ispigu nãi crescia i u qui casava saía aquela ispigu. . .

Trecho da entrevista realizada pela Assistente Social Rose Mary Gerber com as senhoras Luiza Martins Firmo, 67 anos, e Maria da Silva Marque, 83 anos, sobre a cantiga do ABC, no dia 12 de dezembro de 1992:

(Maria) — Cantiga, cantiga eu sabia até o ABC intero.

(Luiza) — É, sabia.

(Rose) — Então canta um pouco pra gente dona Maria.

Maria — O "A" qué dizê amar

E também dizê amante
Eu não possu me esquecê
desses teu ólho brilhanti

O "B" qué dizê benzinho
Eu te queru muito bem
Meus ólhu chora por ti
Não chora por mais ninguém

O "C" qué dizê como
Eu não posso i lá ti vê
meu coração é duenti
tenhu medu di morrê

O "D" qué dizê Deus
Santu di tantu valô
Já jurei por minha alma
qui ás di sê u meu-amô

O "E" qué dizê eu quero
Ir morar nesse teu peitu
Só assim eu gozaria
U meu coração perfeito

O "F" qué dizê uma flor
Meu bem tu és uma rosa
Eu te amo com fermesa
Não me tragas enganosa

O "G" qué dizê
Ganhê uma fé de esperança
Eu te amo com fermesa
Não sei se terás fiança

"H" qué dizê hoji
Estou pra fazê mudança
Mas sem eu lá te vê
Meu coração não descansa

O "I" qué dizê eu quero
I morá nesse teu peitu
só assim eu gozaria
O meu coração perfeito

"J" já me esqueceu. . . A genti vai esquecendu, não continua. . .

"K" . . .

"L" qué dizê lembrança
Te tenhu me alembrado
O dia que não ti veju
Meu coração tem penadu

"M" qué dizê é meu
Não sei se tu meu serás
Eu te trago na lembrança
. . . e não te esqueço jamais

"N" . . .

"O"...

"P" qué dizê perdão
Muitu tenhu perduadu
Me perdoas meu amor
Se eu te tenho te agravadu

(Maria) — Os otros eu não mi alembro: "Q" "R", "S", "T", "U", "X",
"Y", "Z".

Rose Mary Gerber
30.04.93



I ENCONTRO ESTADUAL DE FOLCLORE

Florianópolis – agosto de 1994

CONVITE

A Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis, tem a honra de convidá-lo para o 1º Encontro Estadual de Folclore, que será realizado nos dias 20 e 21 de agosto de 1994.

Este encontro visa à preservação e à recuperação de manifestações culturais que têm raízes na tradição popular.

PROGRAMAÇÃO

Dia: 20/08

Largo da Alfândega

09h — Desfile de apresentação de todos os grupos

09:30h — Apresentação dos grupos:

Santo Amaro da Imperatriz

Biguaçu

Itajaí

Florianópolis

Blumenau

Criciúma

Treze Tílias

Museu Cruz e Sousa

16 às 18h — Palestra — Prof.^a Cáscia Frade

- Situação atual dos grupos de dança e folguedos do Brasil
- Atuação da Comissão Nacional do Folclore/UNESCO

Dia 21/08

Feirarte — Beira-Mar Norte

15h — Apresentação dos grupos:

Nova Veneza
Pomerode
São Bento do Sul
Florianópolis
Curitibanos
Araquari
São Francisco do Sul
Canoinhas

Jurerê Praia Clube/Jurerê Internacional

21h — Coquetel e encerramento com apresentação de grupos locais:

Teatralização do carnaval
Rastafari

PROMOÇÃO

Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prefeito: Sérgio Grando

Vice-Prefeito: Afrânio Boppré

Fundação Franklin Cascaes

Superintendente: Salim Miguel

Coordenador-Geral: João Carlos Silveira de Souza

Coordenador de Assuntos e Eventos Comunitários:

Décio Bortoluzzi

Coordenador de Patrimônio Cultural: Ademir dos Santos

PESQUISA E TEXTO:

Prof: MARIA ROSÂNIA TOMAZ

DIAGRAMAÇÃO: Doralécio Soares

APOIO CULTURAL

Jurerê Internacional

Associação de Funcionários da Caixa Econômica Federal de SC

GRUPO FOLCLÓRICO ROSA MÍSTICA

Representando uma das correntes colonizadoras do município de Santo Amaro da Imperatriz — os lusos-açorianos, trouxeram a Cantoria de Terno de Reis, que valoriza, preserva e difunde uma das tradições culturais mais significativas dos Açores, visando reconstituir laços de solidariedades, relembrando as datas de obrigações religiosas, desempenhando a função de Arautos.

O ritual manifesta-se em cantorias realizadas de porta em porta, durante a noite, narrando a história da visita dos Reis Magos ao menino Deus, entoando cantigas peculiares à comunidade, acompanhados de uma viola, uma rabeça e um acordeão, de 1968 a 1970, esta manifestação era coordenada por um grupo local de teatro amador.

Atualmente o grupo é composto por 25 pessoas e coordenado pelo Sr. Adair Sema.



GRUPO FOLCLÓRICO DANÇAS E CANTARES AÇORIANOS

Representando a principal corrente colonizadora do município de Biguaçu, o grupo visa resgatar, valorizar, preservar e difundir a cultura açoriana através de cantos e danças, buscando um comparativo com os valores e sua influência na formação cultural do município.

Formado a partir de maio de 1991, considerado o grupo mais reconhecido enquanto representantes do Folclore luso-açoriano, apresentando tocata, cantoria e bailadores, irão participar do I Encontro Estadual de Folclore, interpretando as cantorias: Chamarrita, Pezinho, Rema, Manjeriçã, Tirana, Mané Chiné, demonstrando os alegres movimentos coreográficos: Bela Aurora e Palmas.

Atualmente é composto por 22 pessoas e está sob coordenação de Ana Lúcia Coutinho Looks.



GRUPO FOLCLÓRICO "UNIDOS DA PACIÊNCIA"

Fundado em 1984, com o objetivo de resgatar e registrar uma das correntes colonizatórias formadoras do município de Itajaí, o grupo valoriza e difunde a importância dos lusos-açorianos um folguedo típico do litoral de Santa Catarina, através de Boi-de-mamão.

Sendo um dos folguedos mais expressivos do litoral de Santa Catarina e no nordeste tratando do tema épico, morte e ressurreição do boi. Outros personagens compõem a coreografia: o cavalinho, a bernúncia e seu filhote, a maricota e seu boneco, o doutor e a viúva. Faz-se importante salientar que as pessoas que reproduzem o ritual, são moradores da área rural do município, composto de agricultores e operários do distrito de Paciência.

Atualmente o grupo é composto por 40 pessoas sob a coordenação de Mário Luiz Rocha.



GRUPO DE DANÇA DA 3ª IDADE/NET/UFSC

Formado em maio de 1989, o grupo busca valorizar e divulgar a cultura luso-açoriana.

Envolvendo indivíduos da terceira idade, recriam a dança do Pau-de-Fitas, o Circo de Flores, a Quadrilha, e a Dança Portuguesa.

No I Encontro Estadual de Folclore, apresentam a dança do Pau-de-Fitas que simboliza um ritual sagrado para fertilização da terra, praticado originalmente em áreas agrícolas significando o processo de acasalamento, fecundação e geração.

A dança é representada em quatro movimentos: trançado simples, duplo, trenzinho e rede de pescador, acompanhada de uma pequena bandinha em ritmo de cachoeira.

Atualmente o grupo é composto por 34 pessoas e está sob a coordenação de Ivete Ouriques Quint e Marize Amorim Lopes.



GRUPO FOLCLÓRICO TEUTÔNIA

Representando a principal vertente colonizadora do município de Blumenau, este grupo resgata, valoriza e difunde a cultura germânica desde março de 1893, quando na sua fundação.

Os imigrantes alemães trouxeram em sua rica cultura belos movimentos coreográficos, reproduzindo hábitos, costumes e modo de vida que ultrapassam a simples demonstração, evidenciando fatos históricos da Alemanha de 1800.

Atualmente o grupo é composto por 22 pessoas, sob a coordenação de Friederich Ideker.



GRUPO FOLCLÓRICO POLONÊS ORZEL BIALY

Fundado em 1979, representando a participação da cultura étnica polonesa na formação do município de Criciúma, o grupo valoriza, preserva e difunde hábitos e costumes de sua riquíssima cultura.

Inicialmente, por volta de 1975, o grupo reunia-se visando relembrar canções folclóricas de sua etnia. Somente em 1979, quando Criciúma completaria o primeiro centenário, os objetivos foram ampliados, incluindo movimentos coreográficos que elucidam o modo de vida, os hábitos e os costumes da Polônia.

O programa é composto de uma dança tradicional da cidade de LUBLIN — SUITA LUBELSKA, uma dança que retrata o Mar Báltico - Norte da Polônia — SUITA KASZUBSKA —, e músicas folclóricas das regiões de SLASKA e TROJAK.

Atualmente o grupo, com 19 pessoas, está sob a coordenação de Maximiliano Milak.



GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA TIROLESA SCHUMPLATTNER

Fundado em 1933, junto com a chegada dos imigrantes austríacos, o grupo representa a principal corrente colonizatória do município de Treze Tílias, visando valorizar, preservar e difundir a importância da cultura germânica na formação do município.

Os austríacos Lorentz Leitner e Luiz Metzler foram os precursores deste gracioso movimento coreográfico que resgata e recria uma dança típica da região do Tirol, caracterizada pelo sapateado e acompanhada por Citara — tradicional instrumento musical da Europa Central, forma aperfeiçoada da Lira —, popularmente conhecida como Viola.

Atualmente o grupo é composto por 10 pessoas e coordenado por Erwin Felder Júnior.



GRUPO FOLCLÓRICO ÍTALO-BRASILEIRO

Representando a principal corrente colonizatória do município de Nova Veneza, formado em 1976, visando resgatar, preservar e difundir aspectos da cultura italiana na formação local, o grupo reconstituiu através de manifestações artísticas, a vinda dos imigrantes italianos e sua vida no Brasil, principalmente no litoral sul de Santa Catarina.

Os movimentos coreográficos serão: A Vida na Itália, Viagem Sta Lúcia e Dal'Italia noi siamo Partiti. No segundo ato, abordarão as danças Sarda, Reginela Campanhola, Tarantela e Integração.

Atualmente o grupo é composto por 41 pessoas e coordenado por Susan Bortoluzzi Brogni.



GRUPO FOLCLÓRICO ALPINO GERMÂNICO

Fundado em 1968, visando valorizar e difundir a cultura germânica, o grupo representa a principal corrente colonizatória do município de Pomerode, através de uma dança típica folclórica da Bavária e Tirol.

A dança e a música sempre estiveram presentes no cotidiano germânico, assim, através de movimentos coreográficos populares dos teutões, como o típico sapateado, este grupo alegremente compõe um cenário que retrata o modo de vida desta significativa cultura.

O grupo composto por 15 pessoas é registrado desde 1986 no Ministério da Cultura, sendo coordenado atualmente por Andreas Zimmer.



GRUPO FOLCLÓRICO GERMÂNICO BOHMERWALD

Fundado em 1977, o grupo registra e difunde a participação dos imigrantes germânicos na formação cultural do município de São Bento do Sul, visando reproduzir através da dança e da música, as tradições dos teutões.

Apresenta alegres movimentos coreográficos que elucidam e valorizam os hábitos, valores e modo de vida dos imigrantes germânicos, revelando um resgate historiográfico com gracioso figurino em cores vibrantes e diversos bordados, além de chapéus enfeitados, relembrando a alegria dos habitantes de BOHMERWALD (região que até a Segunda Guerra pertencia à Áustria).

Reconhecidos em inúmeras cidades brasileiras, e também na Alemanha e Áustria pela sua originalidade.

Atualmente o grupo é composto de 27 pessoas e está sendo coordenado há 17 anos por Rose Marie Scharf.



GRUPO INFANTO-JUVENIL DO PORTO DA LAGOA

Do desenvolvimento de um projeto arte-educativo, visando a reutilização de materiais recicláveis, integração e perspectivas profissionalizantes para os moradores da comunidade do Porto da Lagoa, nasceu o Boi-de-Mamão infanto-juvenil, que pretende valorizar e difundir um dos folguedos mais importantes de Florianópolis, como também do litoral de Santa Catarina.

O processo de criação deu-se desde a confecção das máscaras dos animais que fazem parte do cotidiano dos moradores — Boi-Bumbá, Urubu, Cavalinho —, até o resgate e elaboração das falas dos personagens que compõem o cenário e o enredo do Boi-de-Mamão.

O Boi-de-Mamão, retratado através de um tema épico, a morte e a ressurreição do boi, onde o jogo entre o dramático e o trágico, dão lugar ao lúdico e ao cômico, criando um folgado leve e alegre.

Atualmente o grupo é composto por 29 pessoas e está sob a coordenação de Graça Carneiro.



GRUPO DE DANÇA O CONTESTADO

Formado por volta de 1912, o grupo procura preservar a importância do município de Curitibaanos enquanto palco de memoráveis batalhas heróicas da Guerra do Contestado.

Através de movimentos coreográficos, o grupo teatraliza o episódio histórico catarinense, visando valorizar a participação dos caboclos e jagunços, evidenciando-se a importância de uma jovem camponesa "MARIA ROSA", consagrada porta-voz celestial do monge João Maria, estabelecendo certos modos de vida da guerreira, da mística das virgens e dos jagunços.

Atualmente o grupo é composto por 13 pessoas e está sob a coordenação de Jaqueline Paza e Maria Mitsuko Yoshioca.



GRUPO FOLCLÓRICO DA ASSOC. CULTURAL E ESPORTIVA DE CURITIBANOS

Representando uma ativa colônia japonesa, destacando-se nacionalmente pela produção de alho, o grupo resgata, valoriza, preserva e difunde aspectos culturais relevantes na formação do município de Curitiba.

Visando promover integração e solidariedade entre os habitantes da colônia e seus descendentes, o grupo reproduz uma dança folclórica oriental com as seguintes temáticas: HANA GASSA ONDO originária de Yamagata, significando pedir uma grande fartura na safra de arroz, e uma dança de duas personagens femininas sendo acompanhadas das músicas "KAWATI-OTOKO-BUSSH", significando trazer energia positiva e passá-la as pessoas que as rodeiam.

Atualmente o grupo é composto por 16 pessoas, sendo coordenadas por Maria Mitsuko Yoshioca.



GRUPO FOLCLÓRICO DO DISTRITO DE ITAPOCU — CACUMBI

Fundado em 1920, pelo ex-escravo Antônio Bangala, o grupo busca resgatar, preservar e difundir a corrente afro na formação do município de Araquari.

A dança do Catumbi, Cacumbi ou Ticumbi, é uma manifestação cultural popular afro-brasileira, simbolizando uma guerra entre duas nações negras. Originalmente o ritual era reproduzido através de um cortejo real, encenado por movimentos coreográficos que identificavam as tribos participantes da luta, bem como seu soberano.

Este é o único grupo do Estado de Santa Catarina, que realiza esta importante manifestação de forma permanente. Atualmente o grupo, de 26 componentes, está sob a coordenação de José Marcelino Maria, que faz a cantoria, acompanhados por dois tambores em madeira de olandim.



GRUPO FOLCLÓRICO "DANÇA DO VILÃO"

Procurando demonstrar a prosperidade econômica do município de São Francisco do Sul em meados do século XVII, os fazendeiros, promoviam a cada término de colheita uma grande festa, tendo como ponto alto a apresentação de uma dança de origem portuguesa, absorvida e praticada pelos escravos, visando comemorar a grande safra.

A expressividade do movimento coreográfico, tanto nos terreiros das fazendas senhoriais, como atualmente, revelam ritmos de ataque e defesa, onde os dançarinos utilizam bastões de madeira ija e verde. A coreografia, denominada DANÇA DO VILÃO, apresenta-se em sete atos: toque do tam-tam; troca lugar; cerradinho; perna sobre bastão; bastão sobre a cabeça; saída com uma roda; todos os movimentos são enriquecidos pelos compassos e ritmos afro.

Este grupo é reconhecido e valorizado no Brasil. Como também em Lisboa, quando teve a oportunidade de participar do I FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE em 1990.

Salientamos que esta dança é reproduzida somente no distrito de Morro Grande.

O grupo é formado por 32 pessoas sob a coordenação de Jair Antônio Shetz.



GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO "BLAVAT"

Representando uma das correntes colonizadoras do município de Canoinhas, o Grupo Folclórico Ucraniano BLAVAT contribui para valorização e difusão da milenar cultura ucraniana, através de uma dança folclórica.

O alegre movimento coreográfico estabelece um cenário em homenagem aos heróis pátrios ucranianos, referenciando-os com uma flor típica denominada de BLAVAT.

Atualmente com 21 pessoas, está sob a coordenação de Lúcia Sarkovski Osrm.



I SEMINÁRIO NACIONAL DE "AÇÕES EM FOLCLORE — Divinópolis — MG

Com a presença do Presidente da Comissão Nacional do Folclore — IBCC — Unesco, Dr. Ático Vilas Boas da Mota, Dr. Domingos Diniz — Presidente da Comissão Mineira de Folclore, Arquiteto Dr. Aristides Salgado Santos, Prefeito Municipal e dos Presidentes das Comissões Estaduais de Folclore, teve lugar a Instalação do Seminário, no Auditório do JB Pálace Hotel, em Divinópolis, MG, em noite de 09 de novembro do corrente ano.

Por designação do Senhor Prefeito, a Secretária de Educação e Cultura, deu as boas vindas aos folcloristas presentes.

Com a palavra o Presidente da Comissão Mineira de Folclore, Prof. Domingos Diniz, disse das razões do 1º Seminário Nacional de Ações em Folclore, proferindo uma brilhante oração cultural, a qual publicaremos no decorrer deste noticiário.

O Dr. Ático Vilas Boas da Mota, com a palavra, disse dos trabalhos desenvolvidos pela Comissão Nacional de Folclore, enaltecendo as Comissões Estaduais, fazendo a apresentação dos que ali se encontravam, destacando a atuação individual de cada Presidente. Com a palavra o Sr. Prefeito Municipal, discorreu sobre a vida e obra do Artesão GTO, genial artista de Divinópolis, cujas obras de arte, principalmente "os homens dentro das rodas" de sua criação, além de outras, vêm sendo seguidas pelo seu filho e neto, após o seu falecimento.

Após os discursos formais, foi realizada uma hora de arte e cultura, com a participação de um artista da terra, qual a todos encantou pela versatilidade dos números apresentados.

MESAS-REDONDAS

De acordo com a programação, no dia seguinte teve lugar a realização das mesas-redondas, cujas pautas das reuniões foram regiadamente cumpridas, com a participação de todos os integrantes.

Da primeira mesa-redonda, participaram: Domingos Diniz, Hildegãrdes Vianna (CBF), José Maria Tenório da Rocha (CAF), Ático Vilas Boas da Mota (CNF), com a coordenação de Cásia Frade, (CNF), tendo como relator Roberto Benjamin (CPF). Outra mesa-redonda contou com a participação de Anaísa Virgulino (CPF), Roselys Roderjan (CFPn) e Ligia Argentina (CRSF), Zélia Camurça (CCF) e Maria do Socorro Araújo (CMF), com debates, tendo como relator Renato Pacheco (CFES) e Delzimar Coutinho (CF).

Na continuação dos trabalhos tivemos no dia 11 a participação de Osvaldo Trigueiro (CPbF), Doralécio Soares (CCF) e Esther Karwinsky (CFAg), com debates sob a coordenação de Roselys Roderjan e Roberto Benjamin como relator. No período da tarde os trabalhos se processaram com a mesa-redonda e participação de Roberto Benjamin (CPF) e Renato Pacheco, (CESF), com debates sob a coordenação de Zélia Camurça, tendo como relator Antonio de Pádua Moura.

Às 18 horas foram encerrados os trabalhos com a leitura e aprovação do Documento Final do Seminário.

DOS DEBATES

Convém destacarmos a participação de Domingos Diniz, Hildegardes Vianna com a previsão de um Congresso de Folclore a realizar-se em Salvador em 1995. Ático Vilas Boas da Mota dissertou sobre a necessidade da interiorização da Cultura, destacando o Catireté, sugerindo a Memória Biográfica dos membros das Comissões.

A Dra. Lilia Argentina da CGF falou da introdução por decreto do ensino de folclore no ensino público do 1º e 2º graus no Rio Grande do Sul. Roberto Benjamin de Pernambuco, teve atuação destacada nos debates, bem como Anaísa Virgulino, Roselys Roderjan. Lilia Argentina, disse das dificuldades dos Grupos Afros do Rio Grande do Sul, de fazerem as suas apresentações, isto é, dentro das igrejas, solicitando à Comissão Nacional de Folclore sua interferência junto ao Arcebispo de Porto Alegre, permissão para que os grupos possam manter essa tradição tão necessária à autenticidade das apresentações.

SANTA CATARINA

Doralécio Soares, se manifestou, dizendo que houve época que também em Santa Catarina os padres, bem como os pastores evangélicos interferiam nessas apresentações, principalmente nos Cacumbis, mas com a intervenção da Comissão Catarinense de Folclore, isso foi sanado. Anaísa Virgulino do Pará, Antropóloga, disse do trabalho desenvolvido pela Comissão, cuja titular é Maria Brígido, incansável na sua atuação,

frente à cultura popular daquela importante região. O Pará foi abalado com o falecimento do Dr. Arthur Napoleão Figueiredo, destacado prof. da Universidade do Pará. O Museu Emílio Goeldi, o classificou de pesquisador emérito, pelos resultados de suas pesquisas científicas. A Dra. Anaísa, desenvolveu outras considerações sobre o folclore paraense.

O Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, apresentou sua Comunicação, que vai aqui publicada, dizendo que o Folclore de Santa Catarina teve o seu dia efetivado pelo Decreto-Lei nº 4.287, de 27 de abril de 1969, do então Deputado Estadual Pedro Ivo Campos, posteriormente eleito Governador do Estado, como tal veio a falecer. A Lei em referência, determina que na Semana do Folclore de 22 de agosto, as Escolas Públicas do Estado de 1º e 2º graus, promovam o folclore catarinense nas suas várias manifestações, enviando o relatório dessas promoções à Comissão Catarinense de Folclore para serem analisados.

SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Maria do Socorro Araújo da CMF, Antropóloga, destacou os vários "Sutaques" do folguedos de bois do Maranhão, dizendo da existência do Centro de Cultura Popular "Vieira Filho", onde existe um importante Museu de Folclore. Foi destacada a participação de Maria do Socorro, que atua na área do Turismo no Maranhão.

CEARÁ

Zélia Camurça, destacou o trabalho desenvolvido por Florival Seraine, quando Pres. da Comissão Cearense de Folclore, atual Presidente de Honra. As considerações sobre o Folclore Cearense, apresentadas, pela Presidente da Comissão Cearense de Folclore, foram importantíssimas, no que concerne aos motivos levantados que também envolve as demais Comissões Estaduais. Disse da importância da criação de Comissões Municipais, visto que sendo as manifestações folclóricas de natureza regional envolve o seu relacionamento com todos os Usos e Costumes do Povo.

PARANÁ

Roselys Roderjan da Comissão Paranaense de Folclore, denunciou a existência de uma organização de natureza internacional, considerada perigosa para as atividades folclóricas do Brasil, encaminhando à Comissão Nacional os comprovantes de sua denúncia.

Nota: é possível ter havido algumas omissões, sobre a atuação de destacados membros que atuaram no Seminário, aos quais apresento as minhas escusas.

Doralécio Soares

BOAS-VINDAS AOS NOSSOS VISITANTES

Discurso de abertura do I Seminário Nacional sobre Ações em Folclore
DOMINGOS DINIZ
Presidente da Comissão Mineira de Folclore

A Comissão Mineira de Folclore, como anfitriã do I Seminário Nacional sobre Ações em Folclore e o encontro dos presidentes das comissões estaduais de Folclore, dá as boas-vindas a todos os visitantes.

Minas é um mundo.

O país das Gerais.

Aqui encontramos semelhanças geomorfas e culturais com quase todos os Estados da Federação.

O Norte e o alto médio São Francisco se assemelham ao Nordeste brasileiro. As caatingas, a terra seca, pouca chuva. Os umbuzeiros nativos. A fala cantada, os costumes, a culinária. Os ditos "ôxe", "oxente", "viche-Maria". A cultura do couro que subiu pelas águas do São Francisco. Tanto que o norte mineiro faz parte do Polígono das Secas. A região Noroeste, o Triângulo com suas planuras, o cerrado rico em frutas silvestres, as veredas — caminhos hídricos — os buritizais. Tudo lembra Goiás e parte do Maranhão.

O Sul com seus morros arredondados cobertos de cafezais. A fala carregada do "l" em vez de "r". É São Paulo.

No Leste vamos encontrar a zona da mata mineira com seus picos agudos e profundos vales. Os contrafortes da Serra do Mar e por extensão a Mata Atlântica. Os habitantes dessa região se ligam ao Rio de Janeiro ou Espírito Santo.

Mais a Nordeste, temos os rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha. Deságuam no litoral sul da Bahia ou Norte capixaba. As semelhanças são bem acentuadas.

A Mantiqueira. Região das vertentes. O clima é frio, e elegantes pinheiros, de braços abertos, lembram o Paraná e Santa Catarina.

Se não temos os pampas gaúchos, há as veredas muito parecidas com os banhados do Sul. Temos o quen-quen, ave das várzeas, das campinas. Dizem que o quen-quen não dorme. O guardião da noite.

As pessoas que dormem pouco ou não dormem, a gente fala que esta pessoa comeu ovo de quen-quen. Conta-se que, quando as capivaras estão numa roça de milho e/ou de cana, ficam atentas ao grito do quen-quen. Se houver qualquer coisa estranha, o quen-quen dá alarme e as capivaras tibum no rio. O nosso quen-quen nada mais é do que o quero-quero do Rio Grande do Sul ou o ten-ten do Norte.

Alguém pode objetar: — Minas não tem um rio como o Amazonas.

Possuímos o São Francisco. Muito menor do que o caudal amazônico. Parafraseando Fernando Pessoa, diremos: "mas é o nosso rio".

O oeste, o centro, o coração de Minas. Ferro, ouro, diamante incrustados nas montanhas, nos vales, nos rios.

A mineiridade. O "uai", "uai sô", "ô trem bão", "um trem". O gostoso pão de queijo. A broinha de fubá de canjica.

O congado. Os irmãos em Nossa Senhora do Rosário. Reis, rainhas, princesas. O tilintar das gungas dos moçambiqueiros. As cores vivas dos catopês, dos congos. As folhas de Santos Reis. A catira, o lundu, o carneiro. O boi da manta e de janeiro e do lé.

Aí está Minas, o sumário do Brasil.

Esse Brasil que aqui se encontra. Cada qual trazendo um pedaço de seu Estado, de sua região. A força da cultura popular, do Folclore.

Cultura renegada pelos meios de comunicação de massa, onde a prioridade é toda para a cultura alienígena.

Pasmem: segundo notícia do Jornal do Brasil — Caderno B — o nosso Ministro da Cultura, referindo-se à bienal do Livro em Frankfurt (Alemanha), disse com todas as letras: "a bienal é coisa séria, não é folclore".

Para ele, Folclore é sem importância, uma mentira, um faz-de-conta.

Pelo visto, ele, o Ministro, não leu Mário de Andrade e, muito menos, Gramsci.

Como os próprios agentes do fato folclórico, somos teimosos. Resistimos.

A prova está aqui, neste encontro, cuja idéia nasceu em São José dos Campos, em 1992, numa conversa entre nós e Cascia.

E o Prefeito de Divinópolis, Dr. Aristides Salgado dos Santos, sensível a todas as manifestações folclóricas abriu-nos as portas de Divinópolis, essa cidade do Divino, onde os devotos de Nossa Senhora do Rosário cantam e dançam.

Tá caindo fulô.

Tá caindo fulô.

Tá caindo fulô!!!!!!

Divinópolis, 09 de novembro de 1994.

AO 1º SEMINÁRIO NACIONAL DE AÇÕES EM FOLCLORE

Promoção da Prefeitura Municipal de Divinópolis, Minas Gerais.

Comunicação de Doralécio Soares

A Comissão Catarinense de Folclore, sob a Presidência de Doralécio Soares, desde o ano de 1970, tem procurado com a participação de alguns dos seus Membros, manter acesa a chama que durante os 46 anos de sua existência a une ao passado, pesquisando e divulgando o Folclore Catarinense através do seu Boletim, no seu XXX ano de existência.

Santa Catarina, dada a formação étnica do seu povo, possui o folclore mais diversificado do Brasil.

Destacam-se em quase todas as regiões do Estado, a cultura herdada dos seus antepassados e a adquirida dos povos que colonizaram o Estado catarinense.

No século XVIII quando as famílias açorianas, perfazendo um total superior a 6.000 viventes, foram destinadas à Ilha de Santa Catarina, para consolidar a conquista portuguesa, as famílias que aqui aportaram, após uma viagem tortuosa do Arquipélago dos Açores, chegaram cheias de esperanças. Analfabetos na sua quase totalidade, trouxeram como era natural os seus costumes; representados pela sua cultura popular, pelo seu folclore. As suas credences e religiosidades. A alimentação insípida, como base na agricultura primitiva, o seu artesanato, representado por suas rendas de bilros. Os traçados de cipós de suas esteiras de tabôa, cestas e balaio, e a cerâmica aculturada dos indígenas.

A principal atividade dessas famílias, como meio de subsistência era a agricultura, enquanto as mulheres se dedicavam às rendas de bilros, como atividade de auxílio à economia do lar, existente até nossos dias.

Portadores de um linguajar característico, que com o decorrer dos anos foi sendo transferido aos nativos. E assim foram se consolidando

essas famílias açorianas, dando a Florianópolis um caráter diferente dos demais municípios, acentuando que esta colonização se estendeu por toda a região litorânea, desde o Município de Araranguá no Sul do Estado, até a ilha de São Francisco do Sul. Foi uma colonização diferente da maioria dos municípios colonizados pelos europeus, principalmente os alemães que se iniciou no século XIX em São Pedro de Alcântara, hoje município, com atividade na agricultura. Esta colonização teve continuidade, se acentuando no final do século, quando mais de um milhão de italianos penetraram no Estado catarinense, juntamente com alemães que se instalaram por todo o Vale do Itajaí, poloneses, russos brancos em Criciúma, bem como italianos que se fixaram também em Criciúma, Orleans, Nova Veneza, e outros municípios do Sul do Estado.

Santa Catarina cresceu, e com ela os costumes herdados de nossos colonizadores. E a Comissão Catarinense de Folclore, integrada por vários descendentes desses colonizadores, vem registrando e divulgando os seus costumes, o seu folclore.

CULTURA AÇORIANA

O Arquipélago dos Açores, entretanto, se tem feito presente com a sua cultura na Ilha de Santa Catarina. Com a Universidade de Santa Catarina, tem sido ministrados uma série de Cursos de Arte e Cultura Açoriana, nestes últimos anos, como uma tentativa de resgatar as manifestações dos colonizadores luso-açorianos que aqui se fixaram entre 1748 a 1756. Os cursos são promovidos por representantes do Governo dos Açores, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Exposições, Oficina de Fundação Teórica: Etnografia do Arquipélago dos Açores, se destacando a Fundação Catarinense de Cultura e Fundação Cultural Açorita. O Núcleo de Estudos Açorianos funciona no Centro de Ciências da Educação da UFSC, realizando cursos pelo Departamento Artístico-Cultural, promovendo oficinas abordando os usos e costumes açorianos. O objetivo é resgatar e valorizar a cultura dos colonizadores do litoral catarinense.

Muitos têm sido no decorrer dos últimos anos a ministração de Cursos, como vemos, com a participação de representantes das Ilhas dos Açores entre o "Céu e o Mar". Na "Rota dos Navegadores Portugueses", entre as exposições fotográficas no hall da UFSC, a artista plástica de Florianópolis, Dircéa Binder, instalou a sua exposição de "Pão Por Deus", num trabalho primoroso de sua criatividade, na procura de resgatar a cultura difundida ainda em Santa Catarina. Na sua exposição, diz a

autora que mostra uma visão plástica do folclore luso-açoriano, num trabalho de pesquisa literária de Doralécio Soares, e do Grupo de Idosas do Município de Palhoça, onde é cultuada ainda esta tradição. Diz, "quero com essa instalação, resgatar a cultura luso-açoriana na ilha de Santa Catarina e inculcar, transmitindo, à nova geração a beleza de nossas tradições, da "cantiga de roda" da "ratoeira" e das quadrilhas do "Pão Por Deus", que leva tanto amor e carinho às pessoas às quais são enviadas.

MESAS-REDONDAS

Têm sido formadas com o objetivo de estudar o povoamento açoriano e sua evolução demográfica em Santa Catarina em paralelo com os Açores nos séculos XVIII a XX. Destaca-se também a Mesa-redonda sobre Arquitetura Luso-Açoriana, além de Recreação Infantil, com as danças típicas do litoral catarinense.

Eis, pois, a contribuição da Comissão Catarinense de Folclore a este Seminário, na procura de engrandecê-lo junto aos demais membros participantes.

Doralécio Soares

COLABORAÇÃO DE GENTE DE FORA

NOTAS SOBRE A COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE/IBECC/UNESCO

Cácia Frade

Para melhor entendermos a Comissão Nacional de Folclore, creio necessário referir-me, mesmo sucintamente, à UNESCO e ao IBECC, não por uma questão de cronologia, mas para situá-la no organograma que a organiza e legitima.

A UNESCO (United Nations Educacional, Scientific and Cultural Organization) foi instituída pela Convenção de Londres, a 16 de novembro de 1946, no ano seguinte ao término da Segunda Guerra Mundial. Ela é resultante das preocupações com a paz e o bem-estar da humanidade, passíveis de serem obtidos através da educação, ciência e cultura. O fim do conflito mundial não significou a vigência da paz entre os homens, pois a chamada "guerra fria" se alastrou. Tornou-se então necessário o estabelecimento de organizações que assegurassem a paz, uma vez que a estrutura das Nações Unidas, como instrumento de segurança internacional, revelava uma força precária. Assim surgiram a ONU, o Banco Internacional de Reconstrução e Fomento, o Fundo Monetário Internacional, a UNESCO.

Afirmando que a guerra, nascendo na mente dos homens, só na mente deles se podem erguer os baluartes da paz, a UNESCO fixou como princípios básicos, a ampla difusão da cultura, a educação da humanidade para a justiça e a liberdade, o dever sagrado que as nações têm de cumprir essas determinações com espírito de responsabilidade e ajuda mútua, solidariedade intelectual e moral da humanidade, lembrando que a paz não se constrói apenas com acordos políticos, havendo necessidade de assegurar a todos pleno e igual direito à educação, o acesso aos mecanismos que faculte a possibilidade de investigar a verdade objetiva, e o livre intercâmbio de idéias e do conhecimento. Foi sob tais fundamentos que ela foi instalada em novembro de 1946, com sede em Paris.

A referida Convenção de Londres determina no seu artigo de nº 7, que cada país estabeleça organismos compostos por delegados governa-

mentais e por grupos interessados em educação, ciência e cultura, com o objetivo de coordenar esforços nacionais, associá-los à UNESCO, assessorar os respectivos governos e delegações às conferências e congressos, como agentes de ligação e informação. Foi baseado neste artigo que no mesmo ano de 1946, o então Ministro das Relações Exteriores, Embaixador João Neves da Fontoura, organizou o IBCEC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura). Neste mesmo 1946 foi instalado no Palácio Itamaraty, onde permanece.

São seus órgãos: a Assembléia Geral — composta por delegados governamentais e representantes dos grupos culturais convocados —, a Diretoria, as Comissões Estaduais e as Comissões Técnicas, entre as quais a Comissão Nacional de Folclore.

Esta foi criada por Renato Almeida em 1947, que então fazia parte da diretoria do IBCEC. Instalada a 19 de dezembro desse ano de 1947, teve como seu primeiro Secretário-Geral, o seu criador, que a configurou como órgão técnico permanente, executivo e normativo.

Percebendo que para ser atuante, a CNF deveria mover-se em âmbito nacional, Renato Almeida iniciou a mobilização dos estudiosos do folclore de todo o País, fundando em cada estado uma Comissão Regional. Graças ao entusiasmo de Renato Almeida, à abnegação dos Presidentes das Comissões Estaduais, já no ano seguinte — 1948 — realizava-se a I Semana do Folclore, para comemorar o dia 22 de agosto.

Seguiram-se outros eventos:

1949 — II Semana do Folclore, em São Paulo

1950 — III Semana do Folclore, em Porto Alegre

1952 — IV Semana do Folclore, em Maceió

1951 — I Congresso Nacional de Folclore, no Rio de Janeiro

1953 — II Congresso Nacional de Folclore, em Curitiba

1957 — III Congresso Brasileiro de Folclore, em Salvador

1959 — IV Congresso Brasileiro de Folclore, em Porto Alegre

1963 — V Congresso Brasileiro de Folclore, em Fortaleza

1972 — VI Congresso Brasileiro de Folclore, em Brasília

Em 1954 realizou-se em São Paulo, o I Congresso Internacional de Folclore, com presença de 33 delegados dos diferentes países.

Foi no I Congresso Nacional — 1951 — que se emitiu a Carta do Folclore Brasileiro, documento de extrema importância por tratar da conceituação do Fato Folclórico, da posição do folclore no plano científico, da sua metodologia, de técnicas de pesquisa, da proteção às artes populares, do aproveitamento do folclore na educação e outras projeções na vida nacional. Nesse mesmo congresso pedia-se a criação de um organismo de caráter nacional, destinado a defender o patrimônio

folclórico e a proteger as artes populares. O apelo foi atendido pelo então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, que em 1958 criou a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Em 1980 este órgão passou para os quadros do Ministério da Cultura sob o nome de Instituto Nacional do Folclore. Atualmente se denomina Coordenação de Folclore e Cultura Popular.

A Comissão Nacional iniciou ainda a publicação de comunicações de folcloristas de todo o País, criando também o Boletim Bibliográfico, de circulação regular. Surgiram depois revistas, monografias e boletins publicados pelas Comissões dos Estados, o que permitiu um intercâmbio de informações e a divulgação dos trabalhos realizados nas diversas regiões.

O objetivo dessas realizações era valorizar e promover a pesquisa, o estudo e a divulgação de nosso folclore.

Com o afastamento de Renato Almeida por questões de saúde, bem como a de muitos Presidentes de Comissões pela mesma razão, a Comissão Nacional viveu um período de recesso. Convém lembrar aqui que muitas Comissões Estaduais, apesar de tudo, continuaram com suas atividades, sobretudo publicando seus boletins, graças aos esforços de seus dirigentes. Destaco: a Comissão Alagoana, com José Maria Tenório; a Comissão Catarinense, com Doralécio Soares; a Comissão Mineira, com Saul Martins e Domingos Diniz, posteriormente.

Foi em 1987 que a Comissão Nacional retomou suas atividades, com Ático Vilas Boas da Mota na presidência, por indicação de Manoel Diégues Júnior, que substituirá Renato Almeida.

O que vem desenvolvendo atualmente? Primeiramente está buscando reativar as Comissões Estaduais através do estímulo à composição das respectivas diretorias, seja como antigos integrantes, seja com pessoas outras de competência e interesse comprovados no campo do folclore nacional. Está ainda ampliando sua atuação em âmbito internacional, especialmente no continente Americano. Foi com a perspectiva dessa ampliação, bem como da reintegração e dinamização de suas atividades, que a Comissão Nacional reformulou seus estatutos, estabelecendo uma estrutura orgânica que lhe possibilite agilizar seus trabalhos. Criou ainda um Boletim, que embora apresente uma composição gráfica simplificada, publica informações relativas às suas atividades e outras de interesse geral. Este periódico é distribuído a todas as Comissões Estaduais, bem como a organismos culturais e folcloristas de todo o País e da América Latina.

Paralelamente, a Comissão Nacional iniciou a produção de textos para publicação, como ocorreu com o volume Estudos de Folclore em

homenagem a Manoel Diégues Júnior, coordenado por Braulio do Nascimento, Vice-Presidente da Comissão Nacional. Editada em 1990, esta obra teve a colaboração de membros das Comissões de todos os estados. Uma outra publicação foram os **Anais do Simpósio Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore**, editado pela Fundação Cultural "Cassiano Ricardo", da Prefeitura de São José dos Campos, São Paulo. Este volume é decorrente do referido Simpósio, coordenado pela Comissão Nacional.

Ainda no campo de publicações, um outro projeto, este em andamento, pretende reunir a valiosa correspondência de Renato Almeida com personalidades brasileiras interessadas em folclore. Este material constitui documentação importante para a história do folclore em nosso País, pois nela se encontram registradas as articulações de Renato Almeida para a criação das Comissões Estaduais, bem como a evolução das pesquisas e estudos de folclore no Brasil e o surgimento de novos valores.

Este projeto deverá se realizar no próximo ano de 1995, ano do centenário de nascimento do criador das Comissões Nacional e Estaduais.

No plano dos eventos, pretende-se realizar o **Encontro das Comissões Estaduais de Folclore**, promovido pela Fundação Cultural de Divinópolis, MG, e pela Comissão Mineira, no período de 9 a 12 de novembro próximo. O objetivo é estabelecer um plano integrado de atividades, visando intensificar o intercâmbio, refletir sobre projetos comuns e divulgação dos trabalhos, considerando a reestruturação e ampliação dos quadros de várias Comissões Estaduais.

Ainda em relação a eventos, estuda-se a possibilidade da realização do VI Congresso Nacional, possivelmente promovido pela Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, SP, com apoio da Prefeitura local. Está planejado para 1995. O objetivo é realizar uma releitura da Carta do Folclore, que conforme vimos, foi promulgada em 1951, há 43 anos passados. As novas conquistas das chamadas ciências humanas estão a exigir a "dessacralização" de alguns elementos conceituais. Em decorrência dos avanços científicos, aspectos considerados caracterizadores do folclore em 1951, contraditoriamente passaram a ser fatores de imobilização de um fenômeno que é dinâmico por natureza.

Resta dizer que a Comissão Nacional funciona no mesmo endereço do IBCEC, isto é, no Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro.

O EROTISMO, A FEITIÇARIA E O PUERIL NO FOLCLORE DO SAPO

Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima
Associação Brasileira de Folclore

Os anfíbios são os mais antigos vertebrados a conquistarem o ambiente terrestre. Estão classificados zologicamente em três categorias: gimnofionos, animais adaptados à vida subterrânea, semelhantes às cobras (daí o nome "cobras-cegas", como são conhecidos); urodelos (tritões e salamandras), dos quais no Brasil só existe uma espécie (de salamandra) na Amazônia; e os anuros (sapos, rãs e pererecas), que perderam a cauda e se especializaram no saltar. Esses últimos são os anfíbios mais conhecidos e estudados, apresentando-se em aproximadamente 3.500 espécies, distribuídos por quase todo o mundo.

Popularmente os sapos diferenciam-se das rãs pelo fato destas não apresentarem pele verrucosa. Os cientistas, entretanto, informam que os sapos se diferenciam das rãs por terem as patas posteriores mais curtas e por terem a pele pontilhada de tubérculos, formados por pequenas glândulas que podem secretar ou muco ou um líquido leitoso, tóxico, que lhes serve de defesa. Esse líquido constitui veneno extremamente ativo quando ingerido ou inoculado na corrente sanguínea, tendo como via de acesso mais freqüente a mucosa. Os animais mais suscetíveis à ação desse veneno são os cães, por estarem sempre atacando os sapos.

As rãs verdadeiras têm cintura escapular fixa (firmisternia), ao passo que, o que o povo chama de "rãs" no Brasil, são como os sapos, de cintura móvel (arcíferos). A "rã" comestível, entre nós, é o *Leptodactylus ocellatus* (que como se vê não faz parte do gênero *Rana*). Outra espécie, bem maior, é o *Leptodactylus pentadactylus*, que o povo chama Numbuia ou Gimbuia, ou rã-pimenta.

De uma maneira geral, os anfíbios acasalam-se na água. Nos sapos (pertencentes ao gênero *Bufo*), à medida que os ovos são expelidos numa fita gelatinosa, vão sendo fecundados pelos espermatozoides do macho, que fica acavalado à fêmea. Em contato com a água, a gelatina embebe e torna-se mais intumescida.

No gênero **Pipa** da Amazônia e Bahia — anuros sem língua (**Aglossa**) — os embriões são transportados nas costas da fêmea. Assim que os ovos são fecundados, o macho coloca-os sobre o dorso da fêmea, que se incha muito, formando pequenas cavidades nas quais os embriões se desenvolvem. Eles só abandonam essa moradia após estarem ou em girinos ou completamente metamorfoseados.

Sapo-boi, intanha, untanha ou sapo-de-chifres são denominações dadas a espécies do gênero **Ceratophrys**: **C. omata**, **C. dorsata**, **C. boei**. Carnívoros, engolem pintos e camundongos. Vivem enterrados no chão úmido e são extremamente agressivos; avançam pulando e gritando.

O **sapo-ferreiro**, cujo nome provém das características do seu coaxar, semelhante ao som do malho batendo em bigorna, constrói seu ninho de barro.

O **sapo-parteiro** é o **Alytes obstetricans**, que não ocorre no Brasil. Seu nome provém de o macho envolver as coxas com os cordões de ovos postos pela fêmea e jogar-se na água quando os ovos estão prestes a eclodir.

O **sapo-da-unha-preta** é o **Pelobates cultripes**, com esporão córneo nos pés.

O **sapo-cachorro** parece imitar o ladrar dos cães. Segundo especialistas, pode ser uma "rãzinha" do gênero **Hyla**.

No Nordeste brasileiro o sapo é chamado **cururu**, o mesmo da cantiga: "Sapo-cururu/ da beira do rio/ quando o sapo canta, maninha/ é que está com frio" (Câmara Cascudo in **Dicionário do Folclore Brasileiro**).

No Sertão do Seridó (RN) encontra-se, freqüentemente, "casca de cururu". As formigas atacam as entranhas do sapo morto, devorando-lhe todos os órgãos. Possivelmente por haver substâncias tóxicas, só não se alimentam da pele. Resta então a "casca".

Um cágado também ganhou o nome de sapo: é o **sapo-concho**, ou **sapo-conqueiro** em alguns lugares.

O peixe **baiacu**, do qual o **Baiaquará** é a espécie mais comum, chama-se ainda **sapo-do-mar**. Há também um **peixe-sapo**, **peixe-marinho** da família **Batrachoidae**, um misto quanto à forma de bagre e sapo, tal como o **bagre-sapo** (**Pseudopimelodus**), **bagre d'água doce**. O **marinho** é conhecido na Bahia por **Moreiatim** ou **Niquim**.

Erasmio Garcia Mendes, Professor Titular de Fisiologia da Universidade de São Paulo, refere, em "Sapos": **Ficção e Ciência**" (**Revista Ciência e Cultura** 39 (1), janeiro, 1987) caso "com ressonância no campo da ficção literária", em que a participação do veneno do sapo, na receita que é usada no Haiti para o preparo de uma poção, gera o poder de produzir um morto-vivo, um zumbi. Se parentes ou inimigos desejam

ver-se livre de determinada pessoa, preparam uma poção composta de plantas alucinógenas, veneno de baiacu ("tetrodotoxina", que ocorre também em anfíbios) e veneno de sapo. Se a pessoa ingere a poção, entra em estado de catalepsia, é considerada morta e enterrada. Os feiticeiros, na calada da noite desenterram a vítima, que dificilmente recobra a memória, mas conserva a força física e passa a ser usada como escrava em trabalhos braçais. "Essa versão de como se produz um zombie" — relata o autor — "está presente em pelo menos dois livros de ficção, escritos por brasileiros".

É notória a presença do sapo e seu veneno nos procedimentos de feitiçaria, a exemplo do que encontrou, inserido na literatura de ficção, o autor do citado artigo. Nessa literatura foi feito um aproveitamento ou projeção do folclore ocorrente no Haiti e procedimentos de feitiçaria presentes também no Brasil, onde o sapo figura como ingrediente essencial.

Quanto ao caso que culminou na morte do naturalista Ruschi, atribuída a veneno de "sapo", diz o Professor Erasmo: "É pouco provável, todavia, que Ruschi tenha morrido como consequência de repetida manipulação de uma espécie de *Dendrobates*. Das ações do seu veneno não se infere que ele seja hepatotóxico e o pranteado Ruschi parece ter morrido de cirrose. De qualquer maneira, o veneno, para ser mortal, deveria ter tido acesso à circulação, pois uma flecha envenenada, segundo Physalix,* basta, para matar, em alguns minutos, um cabrito montês ou um jaguar".

Segundo informação veiculada pela *Folha de São Paulo*, de 1º de novembro de 1988, "Resistência de sapos ao frio mostra como congelar humanos". É que existem gêneros de sapos capazes de passar o inverno congelados. Na primavera, "ressuscitam". Eles estão sendo observados por cientistas da Universidade de Nova York (EUA) e Carleton (Ottawa, Canadá), especializados em Criobiologia, ciência das interações entre a vida e o frio.

O povo costuma confundir sapo com rã. Acha, por exemplo, que "a rã é 'mulher' do sapo". Muitos não comem carne de rã, porque "sapo é venenoso".

Escuta-se, freqüentemente, que o sapo, quando agredido, vinga-se expelindo veneno em direção aos olhos do agressor, para cegá-lo. O sapo, entretanto, não possui meios de expelir o seu veneno, a não

* N. da A. — Renomada cientista francesa, especializada em animais venenosos.

ser através da compressão feita pelo próprio agressor. Possui um meio de defesa considerado "passivo". A sua urina, supostamente venenosa e causadora de cegueira, é inofensiva.

Subsiste também a crença de que se encontra, na cabeça do sapo, uma pedra com poderes mágicos, que alguns acreditam ser de ouro.

No folclore universal, o sapo, da mesma forma que a rã, aparece como o protetor tradicional das fontes de água — lugares onde habitualmente é encontrado — e, numa crença já presente nas mais antigas teogonias, é a entidade guardiã das águas e proporcionadora das chuvas. Por isso é que esculturas a representá-los são encontradas à beira de lagos e fontes.

Câmara Cascudo (op. cit.) menciona: "A deusa mexicana Toci ou Tocitzin, avó dos homens, alma da terra, coração do mundo, é representada também na forma batráquial, tendo o corpo coberto de bocas abertas, simbolizando a umidade terrestre".

Contos da Carochinha

Nos contos da carochinha, estórias onde o maravilhoso predomina, batráquios são príncipes ou princesas encantados, à espera do toque mágico anulador do encanto.

Através dos **Contos de Grimm**, **Contos de Andersen** e **Contos de Mamãe Gansa**, de Perrault, revelaram-se seres que povoam um mundo fantástico no folclore universal.

No Brasil, um dos maiores divulgadores de estórias maravilhosas foi Figueiredo Pimentel (1869-1914) que, entre 1894 e 1896 publicou **Contos da Carochinha**, traduziu Perrault, Grimm e outros autores, no livro intitulado **Contos de Fadas**. Desse mesmo período são **Histórias da Avozinha** e **Histórias da Baratinha**. Toda essa obra foi editada por Quaresma, RJ. (Leonardo Arroyo in **Literatura Infantil Brasileira**, Ed. Melhoramentos, SP, 1989, 248p.)

Os irmãos Grimm, Jacob Ludwig, fundador da filologia alemã (1785-1863) e Wilhelm Karl, escritor (1786-1859), também filólogo, ambos dicionaristas de renome, conhecedores de mitologia e professores da Universidade de Berlim, editaram, em 1812, os **Contos para Crianças e para os Lares**. Constituem esses contos uma série de estórias, ouvidas e registradas no decorrer de suas viagens, e que foram largamente divulgadas através de sua obra. No Brasil, foi esse livro editado com o nome de **Contos de Grimm**. A edição consultada foi a da Editora Cultrix (São Paulo, 1963). Nela se encontra a estória do Príncipe Rã.

Em Grimm, o príncipe é uma rã encantada que devolve a bola de ouro, com que brincava a princesa, e que caíra no seu poço. Ao acompa-

nhá-la, em troca, até o palácio do rei, finalmente transforma-se em "um lindo príncipe, de olhos bondosos", no momento em que é violentamente arremessada contra a parede do quarto da princesa.

O folclorista soviético Aleksandr Afanasiev (1826-1871) foi quem originalmente coletou e registrou, em *Contos de Fadas Russos*, a estória da Princesa Rã, que posteriormente desdobrou-se em outras versões.

No folclore russo, o príncipe Ivan, o Galhardo, filho do Czar, atira sua flecha e acaba por encontrá-la na boca de grande rã encantada, a qual consegue executar, com perfeição, as tarefas de costura, bordado e cozer um pão, solicitadas pelo rei às noivas dos filhos, transformando-se, oportunamente, em belíssima princesa. Esta rã-princesa possuía a peculiaridade de transformar-se em linda moça, desfazendo-se da sua pele de rã, assim como podia, a qualquer momento, vesti-la novamente e transformar-se em batráquio. Ela era a fada Elena. (*Russian Fairy Tales collected by Aleksandr Afanasiev, Pantheon Books, Inc., 1973, USA*).

Os mais belos contos juvenis, de Carlos J. Erben, traz esta mesma estória. (Ed. Vecchi Ltda., 3ª ed., 1952).

Em variante, o fato passa-se entre família de camponeses abastados. A mãe de três rapazes impõe, às futuras noras, tarefas de habilidade manual, sendo que a rã encantada é quem as realiza da maneira mais perfeita e, chegado o momento de apresentar-se à futura sogra, transforma-se em encantadora jovem, ajudada por três feiticeiras. (*The Violet Fairy Book*, edited by Andrew Lang, Dower Publications, Inc. New York, USA), edição apresentada como "completa e inalterada reprodução da primeira (1901) edição".

A Noiva do Príncipe Errante é a estória constante do vol. IV, do *Thesouro da Juventude* (W. M. Jackson Inc. Editores, RJ-NY, USA):

Três irmãos príncipes apaixonaram-se pela formosa Margarida e por ela travavam terrível combate. Um bruxo que por ali morava, ante tal alvoroço irou-se e, para fazer cessar a disputa, transformou a jovem em uma "rã muito feia" que, de um salto, desapareceu. Apaziguados os ânimos, voltaram os príncipes para o castelo. O rei, sentindo-se próximo ao fim, desejou que fosse seu herdeiro o mais valoroso dos três. Impôs-lhes por isso tarefas difíceis: arranjar 100 metros de pano fino que passasse pelo seu anel de ouro, trazer um cão tão pequenino que coubesse na casca de uma noz e levar à sua presença a mais bela dama do mundo. Quem melhor realizou as duas primeiras tarefas foi o filho caçula, graças a uma rã encantada que forneceu-lhe, até, um cãozinho dentro de uma casca de avelã. Estava o príncipe desanimado

a conjecturar que lhe seria impossível realizar a última tarefa, quando viu surgir a rã encantada, numa abóbora em forma de coche, puxado por seis ratos. O cocheiro era um sapo velho e atrás, como lacaios, vinham duas rãzinhas. Mas logo tudo se transformou em luxuoso coche puxado por seis cavalos negros, cocheiro de libré e, dentro, Margarida, a mais bela do mundo, que, finalmente, tornou-se a princesa consorte do príncipe herdeiro.

O folclore africano Swazi apresenta estória de rã encantada que salva a princesa Tombi-Ende (Donzela Esguia) da morte por duas vezes, retoma a forma humana como príncipe — “o mais encantador dos homens” — que se apresenta vestido com peles de animais e plumas de avestruz. (*Black Fairy Tales* by Terry Berger, an Aladdin Book, Published by Atheneum, 1969, USA).

No folclore americano do norte aparece *A Frog Would A-Wooing Go*, estorinha em versos com estribilho, em que a rã corteja a ratinha, mas que, ao contrário de outras, acaba mal. Um gato devora a ratinha, e a rã, que foge espavorida, é fígada logo adiante, numa lagoa, por um pato. (*A First Caldecott Collection*, Warne Classic Series, USA).

Em outra versão, também em versos, de John Longstaff (USA), a estória chama-se *Frog Went A-Courtin* e nela, rã e ratinha casam-se e vão para a França.

Ruth Rocha, autora dedicada à literatura para crianças, elaborou engenhoso aproveitamento de estória em *Sapo Vira Rei Vira Sapo* ou *A Volta do Reizinho Mandão*, onde se lê:

Lá vai um sapo na estrada
Procurando seu desejo
Encontrar uma menina
Que queira lhe dar um beijo.
(Ed. Salamandra, RJ, 2ª ed., 1983).

Quatro informantes declararam que, quando crianças, ouviram histórias contadas por pessoas da família e empregadas, entre as quais a do sapo encantado que, ao ser beijado pela princesa, transforma-se em garboso príncipe e com ele se casa.

1º informante: 85 anos de idade, natural de Bragança Paulista, SP;

2º informante: 82 anos de idade, natural de São Paulo, Capital;

3º informante: 76 anos de idade, natural de São Fidélis, RJ;

4º informante: 49 anos de idade, natural de São Paulo, Capital;

Outra estória romântica é *A Namorada do Sapo*, em que nenhum dos dois está encantado, mas o sapo apaixona-se por “uma linda sapinha, muito verdinha, de voz de soprano ligeiro...” (Sebastião Fernandes in *Contos Infantis*, Ed. Pongetti, 1936).

As estórias sobre rãs e sapos mostram também esses batráquios sob outras emoções, como aventura, esperteza, pretensão, ambição, inveja.

Em *Contos de Andersen* (Ed. Cultrix, São Paulo, 1963), encontra-se *O Sapo*. Este é um sapinho andejo, desejoso de conhecer o mundo, com a pretensão de possuir uma jóia na testa. Finda seus dias no bico de uma cegonha.

É do folclore japonês e estória de duas rãs aventureiras, transcrita em *The Frog King and other tales of the Brothers Grimm* (Published by the New American Library, 1964, USA): *The Two Frogs*.

Duas rãs, uma morando em Osaka e outra em Kioto, coincidentemente dispuseram-se a viajar. A primeira desejava conhecer Kioto. A de Kioto desejava conhecer Osaka. Encontraram-se, em meio do caminho, sobre uma montanha. Ansiosas por conhecerem as cidades escolhidas, espicharam-se o mais que puderam e de pé, apoiadas uma na outra, apontaram seus narizes, cada uma para a cidade desejada. Esqueceram-se, porém, que de pé, seus olhos só enxergam o que fica para trás. E o que viram do lado oposto aos seus narizes foi somente suas próprias cidades de origem. Desapontadas, chegaram à conclusão de que as duas cidades eram absolutamente iguais, como duas ervilhas. Trataram, então, de voltar cada uma para sua casa.

The Frog Book, compilado e editado por Richard Shaw (Frederick Warne and Company, Inc., New York and London) é fartamente ilustrado com figuras de batráquios por "quinze renomados artistas"; contém prosa e poesia de autores conhecidos, outros anônimos, nas suas 40 páginas.

Uma estória contida nesse volume integra o folclore angolano e realça a esperteza de rã apaixonada: *The Frog's Saddle Horse*.

Rã e Elefante faziam a corte à mesma moça e esta, por fim, decidiu-se pelo Elefante. A Rã, para desmoralizar o rival, afirmou à moça que o Elefante nada mais era do que o seu cavalo de montaria. O Elefante, ao saber disso através da moça, não gostou e interpelou a Rã. Esta simplesmente negou tudo. Puseram-se então a caminho, para visitar a amada de ambos. Logo a Rã queixou-se de cansaço e, com o consentimento do Elefante, pulou para as suas costas. Em seguida, reclamou que estava escorregando e poderia cair; o Elefante, pacientemente, concordou com que ela lhe atasse umas cordinhas, para segurar-se. Logo mais, sugeriu a esperta Rã ao Elefante que seria bom ter em mãos um galho de árvore, a fim de afugentar as moscas que o importunavam. O Elefante, ainda uma vez, concordou. A essa altura, estavam chegando

à casa da moça. Esta, ao ver a Rã sobre o Elefante, segurando com uma das mãos as cordinhas, como se fossem rédeas, e com a outra agitando o galho verde, exclamou: Senhor Elefante, o senhor nada mais é do que o cavalo de montaria da Rã!

No mesmo volume encontra-se *The Frog and the Ox*, calcada em fábula de Esopo:

Uma rãzinha assustada contou ao pai que vira um enorme monstro, grande como uma casa, com chifres na cabeça e dois dedões pontudos em cada pé. O pai respondeu-lhe ser apenas um boi, e que não era tão grande assim. Podia ser "um tantinho" maior do que ele, mas ele também podia inchar um pouco e ficar do mesmo tamanho que o outro. Assim falando, respirou fundo enchendo-se de ar e perguntou se o boi era desse tamanho. A rãzinha respondeu que não, que era muito, muito maior. Respirou fundo novamente a Grande Rã, por duas vezes, mas a resposta da rãzinha foi a mesma. Então respirou fundo, aspirou a maior quantidade de ar que lhe foi possível, por três vezes e... nem teve tempo de terminar a pergunta: explodiu com grande estrondo.

Uma lenda contida no mesmo livro é *How the Frog lost his tail*, do folclore banto.

Foi assim que a rã perdeu a cauda:

À tardinha, quando os animais vieram para beber água, caçoaram da rã, achando-a feia, principalmente porque não possuía cauda. Desgostosa, dirigiu-se ela ao Grande Espírito, suplicando que lhe melhorasse a aparência, dando-lhe, pelo menos, uma cauda. Foi atendida, com a condição de vigiar o poço especial, aquele que nunca secava. Achar-se agora bela, a rã, orgulhosa e arrogante, postou-se a vigiar o poço especial. Quando as outras fontes de água secaram, os animais aproximaram-se para matar a sede. Então a rã, para vingar-se, escorraçou-os grosseiramente, dizendo que aquele poço também estava seco. O Grande Espírito, ao constatar essa atitude, desceu disfarçado ao poço e foi igualmente maltratado. Tomado de ira, puniu a rã, retirando-lhe a cauda. E esse castigo ainda permanece, pois a cauda que a rã recebe, ao nascer, vai aos poucos encolhendo, encolhendo, até desaparecer.

Esta quadrinha, constante da publicação citada, é da autoria de Ennis Rees e fala também da cauda da rã:

As the Tadpole said	Como disse o Girino
As the Tadpole said	Como disse o Girino
From under the log,	Debaixo da tora,
"My tail is ended,	"Minha cauda acabou-se
And now I'm a frog".	Sou rã agora".

NOTA: continua no próximo número

CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDIOSOS DO FOLCLORE BRASILEIRO

Américo Pelegrini Filho
Prof. Dr. na Escola de Comunicações de Artes
Universidade de São Paulo

Estas linhas são uma modesta e limitada panorâmica do desenvolvimento dos estudos de folclore no Brasil, a partir dos pioneiros nas últimas décadas do Século XIX. Evidentemente, a ausência aqui de diversos nomes não significa que sua contribuição seja desprovida de valor, como subsídio para o estágio atual desses estudos (que, deve-se logo afirmar, poderia ser mais avançado).

As primeiras tentativas de estudo do folclore brasileiro datam do final do Século XIX. Celso de Magalhães, Sílvio Romero, Melo Moraes Filho, Nina Rodrigues, Figueiredo Pimentel, Vale Cabral, Rodrigues de Carvalho e outros, efetuaram diversos registros de manifestações folclóricas e tentaram estudos, naturalmente desprovidos da metodologia que se viria a exigir em tempos posteriores. Essa situação perdura no início do Século XX, com observações e coletâneas de Pereira da Costa, Alexina de Magalhães Pinto, João Ribeiro, Lindolfo Gomes, Gustavo Barroso, dentre outros.

Pela década de 1920, Amadeu Amaral escreve artigos na imprensa diária — posteriormente reunidos na obra póstuma *Tradições Populares* — em que procura analisar aspectos do folclore por ele observados mas, principalmente, procura criticar “excessos prejudiciais” dos eruditos que se interessavam por tais assuntos — como teorizações imaginosas e precoces, diletantismo erudito, sentimentalismo — recomendando que devia haver “menos literatura e mais documentação”. Seus escritos revelam ter sido Amadeu Amaral um dos primeiros intelectuais preocupados em balizar o caminho para pesquisas em equipe e com procedimento metodológico adequado, sobre os fenômenos folclóricos.

Na primeira metade do Século XX, sobressaem-se os nomes de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, como argutos observadores de diferentes facetas da cultura do povo. A erudição de ambos podia

compensar qualquer eventual precariedade quanto à metodologia; Cas-cudo, aliás, não escondia seu autodidatismo, que afinal constituía uma condição obrigatória, então.

Em meados do século, o trabalho de Oneyda Alvarenga ordenando o material deixado por Mário de Andrade merece destaque especial.

Também por esse tempo, surge a Comissão Nacional de Folclore integrada no IBECC, ligado à UNESCO, e tendo à frente Renato Almeida, que procurou incentivar estudiosos em cada estado, criando as Comissões Estaduais (que, na verdade, funcionaram — quando funcionaram — na base do entusiasmo e da dedicação de poucos elementos, profissionais de diversas áreas que se interessavam também por folclore).

Durante o 3º Congresso Nacional de Folclore, realizado em 1957, em Salvador, foi designado um grupo de trabalho que deveria propor a criação de um órgão federal para cuidar do folclore. Assim foi instituída a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, instalada em 1958, e que se transformaria no Instituto Nacional de Folclore em 1971, no âmbito do Ministério da Educação e Cultura.

Consciente do perigo de se esquecerem nomes, não se pode entretanto deixar de citar os esforços de Edson Carneiro, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Théo Brandão, Alceu Maynard Araújo, Rossini Tavares de Lima, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Guilherme dos Santos Neves, Dante de Laytano, Veríssimo de Melo, Napoleão Figueiredo, Hildegardes Vianna, Bráulio do Nascimento.

Esse rapidíssimo apanhado — com as devidas desculpas pelo “rapidíssimo”, compreensível pela própria natureza desta comunicação sumária — dá idéia do longo tempo decorrido entre os primeiros estudos e as tentativas de consolidação do interesse erudito pelas vivências tradicional-populares, no Brasil. Nessas décadas, em São Paulo, mas também em outros Estados, não se nota a junção de esforços da universidade com os folcloristas, parecendo muitas vezes haver dois grandes grupos — os antropólogos e sociólogos de um lado e os folcloristas de outro. Uma série de fatores pode explicar essa separação — maior ou menor, conforme a região considerada — a ponto de, em palavras de Édison Carneiro, os estudos da área parecerem relegados “a uma existência quase clandestina, como menino deserdado na família das ciências sociais”. A propósito, esse autor de diversas obras úteis que “os cientistas sociais não leram e não lêem os folcloristas”. Talvez porque muitos escritos que tratam de folclore ainda têm a marca amadorística do sentimentalismo às vezes piegas e do voltar-se para o exótico e o curioso, permanecendo numa superficialidade que já poderia estar superada.

Quando não é isso, acaba sendo a presença de “folcloristas de última hora”, surgidos do aumento do interesse pela área de estudos conjugado ao vazio relativo de especialistas atuantes e com formação acadêmica. De modo que hoje em dia se pode perceber até o cuidado de professores universitários, ao efetuarem trabalhos sobre temas folclóricos, evitarem o significativo específico e dando-lhes denominações outras; daí a oportuna frase citada de Édison Carneiro: folclore como um “menino deserdado”. . . A esse respeito, vale reler artigos de Florestan Fernandes e Édison Carneiro, nos quais eles trocam farpas que revelam muito da situação das pesquisas de cultura tradicional-popular.

Se outro tivesse sido o encaminhamento dos estudos de folclore — ou o nome que se der a esse complexo sócio-cultural com 360 graus de abrangência, como se pode sentir através da “classificação decimal” elaborada por Vicente Salles — por certo hoje se disporia de melhores condições para um encontro de especialistas brasileiros em muito mais adiantado estágio de desenvolvimento. Se for necessário citar exemplos de fora, logo virão os adiantados centros de estudos de folclore — com esse nome — sediados nas universidades de Indiana, da Califórnia, de Buenos Aires e outros.

No passado, recomendou-se o estudo de folclore como aspecto da história ou da literatura ou da psicologia; alguns o colocam no âmbito da estética, da filologia... Trata-se de visões parciais que não satisfazem. A “Carta do folclore brasileiro”, aprovada no 1º Congresso, em 1951, é uma tentativa de colocar o estudo dessa área no campo da antropologia; embora esse documento mereça — algumas décadas depois e com a contribuição de novos estudiosos — uma revisão e atualização. Posição semelhante foi apresentada por estudiosos brasileiros (baseando-se em texto redigido por Oracy Nogueira) no Congresso Internacional realizado em São Paulo, 1954, embora torpedeada por participantes estrangeiros. Finalmente, no Congresso Internacional realizado em Buenos Aires, 1960, uma moção apresentada por delegados brasileiros foi aprovada como “Declaração de Princípios Sobre a Conceituação de Fato Folclórico”, recomendando que se leve “em conta a natureza cultural do fenômeno folclórico que precisa ser captado em sua realidade presente e na função social que exerce no tempo e no espaço”.

Apesar da freqüentemente visível falta de metodologia científica, a produção de folcloristas e de outros especialistas em áreas afins pode ser avaliada através de duas **Bibliografias** publicadas em tempos recentes: a de Bráulio do Nascimento, 1971, e a de Cristina Argenton Collonelli, 1979.

Assim como referências a autores podem acarretar esquecimentos involuntários, também a citação de trabalhos é problemática. Mas algumas obras se impõem: é o caso da grande produção cultural de Luís da Câmara Cascudo e de Mário de Andrade, em especial sobre folclore. Destaque para o sempre útil **Dicionário**, de Cascudo, e os três volumes de **Danças dramáticas do Brasil**, provenientes de observações e anotações de Mário, ordenadas por Oneyda Alvarenga. Quanto ao tratamento teórico do tema, o livro **Inteligência do folclore**, de Renato Almeida, constitui uma respeitável contribuição, naturalmente incluindo posições pessoais discutíveis: e ainda o **Dinâmica do folclore**, de Édison Carneiro.

Nesse contexto de atraso em que se colocam os estudos de folclore ou cultura popular, mormente num país de tão significativos e variados encontros culturais, é incontestável a necessidade e a validade de eventos como este que agora se inicia, reunindo estudiosos e pesquisadores de maneira eclética, para expor pontos de vista e discutir problemas. E são muitos os problemas, alguns dos quais certamente chegam a ser dilemas, outros se reduzem a situações de menor importância. Acha-mos interessante que — talvez num próximo encontro — sejam tratados assuntos como estes:

1. revisão da "Carta do folclore brasileiro", de 1951;
2. discussão da "Classificação decimal de folclore", elaborada por Vicente Salles;
3. inventário de pesquisas em andamento;
4. inclusão da disciplina "Folclore" no curso de Magistério.

BIBLIOGRAFIA

1. AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo, IPE, 1948.
2. CARNEIRO, Édison. "Evolução dos estudos de folclore no Brasil". *Rev. Bras. de Folclore*, 2(3), 1962; e 2(4), 1962.
3. IDEM. **Dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
4. COLLONELLI, C.A. **A Bibliografia do folclore brasileiro**. São Paulo, Secr. Est. da Cultura, 1979.
5. FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo, Hucitec, 1978.
6. NASCIMENTO, Bráulio do. **Bibliografia do folclore brasileiro**, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1971.
7. PELLEGRINI FILHO, Américo. **Antologia de folclore brasileiro — Século XX**. São Paulo/Belém/João Pessoa, Edart/UFPa/UFPb, 1982.

Transcrito: Do Folclore à Cultura Popular
(Encontro de Pesquisadores nas Ciências Sociais)
ANAIS — UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — 1990

Fundação Joaquim Nabuco
Instituto de Pesquisas Sociais
Departamento de Antropologia
Coordenadoria de Folclore
Rua Dois Irmãos, 11 - Recife - Pernambuco - Brasil

CANTIGAS DE NINAR: ORIGENS REMOTAS

FOLCLORE
OUTUBRO, 1991

Mário Souto Maior
da Fundação Joaquim Nabuco

A cantiga de ninar, o acalanto, a cantiga pra fazer menino pequeno dormir, é procedimento sem nenhuma dúvida, universal. Lula — na Suécia *kalebka* — na Polônia, *berceuse* — na França, *cantilena* ou *nane* — na Itália, *wiegezung* — na Alemanha, *lulle* — na Dinamarca, *rurrapatas* — no Chile, *canción de cuna* — na Espanha e em outros países da América Latina, *lullaby* — nos Estados Unidos e na Inglaterra, *lullen* — na Holanda, *cantigas de mucuru* — entre os nossos *nhengatus*, *cantigas de arrolar* — em Portugal e nos países africanos quando colonizados pelos lusitanos, *liulkova piesen* — na Bulgária, *kolybetnaia piecnh* — na Rússia, *cantec de legan* — na Romênia, *komoruita* — no Japão, e na boca de todas as mães do Mundo, as cantigas pra fazer menino pequeno dormir são um costume cuja idade é a mesma da primeira mãe quando pariu o primeiro filho. No começo, a cantiga de ninar não passava de simples melodia rudimentar, um rum-rum-rum gutural a meio-tom pra não acordar o marido cansado do trabalho diário e que as doces mães entoavam, vencidas pela fadiga, nas madrugadas sem fim, quando os filhos perdiam o sono. Mas ninguém sabe quem foi a primeira mãe que aconchegou seu filho de encontro ao seio, com a ternura própria das mães, e inventou essa cantilena que afugenta

o bicho-papão, o boi-da-cara-preta, o pavão que participam do mundo irreal de todas as crianças desde quando, ninguém sabe.

Muito embora não se tenha conhecimento de como, quando e onde surgiu a primeira cantiga de ninar, sabemos que o poeta romano Pérsio, no primeiro século da era em que vivemos, já falava de sua existência, o mesmo acontecendo com outro poeta, Ausônio, também romano, que viveu no Século IV depois de Cristo, que chegou a recomendar a Sexto Petrônio, que acostumasse seu filho a ouvir as estórias contadas por sua ama, bem como os acalantos.

Em seu Canções do Berço, J. Leite de Vasconcelos faz referência a Teócrito que viveu nos fins do Século III e começos do Século IV, antes de Cristo, que ensinou a Alcmena uma canção de ninar para ela acalantar Herácles e Íficles, seus filhos gêmeos:

Dorme, meus meninos,
Um sono doce e brando.
Dorme, almas minhas,
Irmãos um do outro,
Filhos afortunados,
Repousai, felizes
E felizes chegai
Até amanhã, de manhã...

Como acontece com todas as manifestações folclóricas correntes no Nordeste, a cantiga pra fazer menino pequeno dormir — menino chorão, manhoso, malcriado — também foi originária de Portugal, com exceção das cantigas de mucuru já entoadas pelos nossos nhengatus, antes de Pedro Álvares Cabral haver chegado por aqui. Mas, a maioria das cantigas de ninar mais conhecidas no Nordeste vieram no bojo das caravelas com as primeiras famílias portuguesas que chegaram na Terra de Santa Cruz.

A par de uma bagagem composta de baús, utensílios domésticos e agrários, cada português que aqui trouxe, no seu coração, na sua lembrança, as cantigas de roda, os provérbios, os travalínguas, as superstições e todas as demais manifestações folclóricas próprias de seu mundo, manifestações que se eternizaram através de gerações que se sucederam durante séculos. Assim, os primeiros brasileiros foram embalados por suas mães portuguesas, sentadas em rústicas cadeiras de balanço, ao som de ternas e doces cantigas de arrolar.

Com a chegada do escravo africano e a conseqüente participação da mulher negra na vida familiar do colonizador português no Nordeste, as cantigas de ninar portuguesas foram, aos poucos, se adaptando aos

costumes da região, permitindo tal adaptação que fossem feitas as mais variadas modificações não somente na letra como até mesmo na estrutura do verso, na construção da frase, na maneira de falar própria do linguajar de além-mar.

Podemos exemplificar o alegado neste acalanto de procedência portuguesa:

Vai-te, Côca, vai-te, Côca,
Pra cima do telhado
Deixa dormir o menino
Um soninho sossegado.

Foram feitas diversas modificações na cantiga de ninar mencionada. A Côca ou cuca — espécie de bicho imaginário criado e usado para fazer medo às crianças choronas que não querem dormir — só continua participando deste acalanto apenas no Sul do País, segundo Amadeu Amaral, o que não acontece com relação ao Nordeste, onde a côca, ou cuca foi substituída pelo pavão. E Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no seu conhecido Novo dicionário da língua portuguesa, não registra o vocábulo côca, mas cuca, significando bicho-papão, coco, papa-gente tutu, bitu, boitatá, papa-figo.

E em lugar de “para cima do telhado”, conforme consta do segundo verso do acalanto, a versão nordestina registra “sai de cima do telhado”, de vez que, com a côca em cima do telhado fica mais difícil para o menino poder dormir seu sono sossegado.

No que se refere à estrutura do terceiro verso, constatamos que a mesma foi alterada. Ao invés de “Deixa dormir o menino” usamos “Deixa o menino dormir”.

Com as modificações constantes da adaptação à maneira nordestina de se falar, a cantiga de ninar tão portuguesa se nordestinou assim:

Chô, Chô, pavão
Sai de cima do telhado
Deixa o menino dormir
Seu sono sossegado...

Assim, depois de nordestinado, o acalanto ficou mais doce.

AI DE TI FREVO DE RUA, O TRIO ELÉTRICO ESTÁ BOTANDO PRA RACHAR! OU, O CASO DA DESPERSONALIZAÇÃO DAS CULTURAS LOCAIS.

José Maria Tenório Rocha

"Eu gostava muito de bailes e discotecas, depois que dancei no Trio Elétrico, o baile ficou careta!" Estudante, 18 anos, Maceió.

"É uma onda violenta, coisa que mexe com a gente e endoia mesmo. Tô loucão!" Comerciante, 25 anos, Penedo AL.

"Não quero outra vida. Aqui a gente fica solto, leve, doidão". Estudante, 20 anos, Penedo, AL.

"Uma grande novidade, coisa muito bonita, não sei porque não inventaram antes!". Vendedora de bolos e doces, 45 anos, Penedo, AL.

"É bom porque não precisa de dinheiro pra a gente dançar. Basta uma pinga, tá pronto". Lavador de carros, 22 anos, Penedo, AL.

"Eu gosto porque aqui tá todo mundo misturado, tudo junto; é uma maravilha!". Agricultor, 40 anos, Penedo, AL.

A opinião de populares, colhidas na hora da folia e do calor do Trio Elétrico, soma-se a outros depoimentos de pessoas que fazem reflexões frias e sérias sobre esse fato sócio-cultural nordestino. Assim é que um sociólogo da UFAL se expressou: "É um fenômeno de massa impressionante, quando o trio toca arrasta multidões, um mar de gente, o som chega a bater na caixa dos peitos, fazendo ressonância, agitando, levando a todos a idéia de entrar firme na onda".

O Secretário de Cultura da Prefeitura de Penedo estava impressionado. O trio tocava, o povo pulava, era uma verdadeira alegria contagiante, grande integração; a cultura ali se manifestava com toda a intensidade.

Um dos organizadores do "Festival de Tradições Populares de Penedo" em 1989, analisou a coisa desse modo: "A exemplo desse ano,

como também no próximo, convidaremos trio elétrico como forma de aliciamento e concentração de jovens”.

O mestre do Pastoril do Outeiro (Penedo, AL) quando estava se apresentando com o seu grupo foi interrompido pelo Trio Elétrico, que, com o grande barulho, abafou o som do conjunto. Então, perguntado o que ele achava disso afirmou: “acho uma coisa boa, porque é uma atração”.

Um ex-candidato a vereador por Maceió, viu a coisa dessa forma: “Eu não ganhei a eleição porque não tive dinheiro. Se tivesse, compraria votos e contratava um trio elétrico, estava feito! Você vê, quem bota o trio na rua é quem fatura; é voto certo!”.

A euforia exalada pelos admiradores dos trios entra em choque com certas realidades e nos fazem pensar no futuro da cultura das comunidades alagoanas, especialmente das comunidades carentes, já de si diminuídas, espezinhadadas por não poder expressar seus pensamentos, suas canções, seus dramas, à vontade, pois todo um arsenal está pronto para disparar seus tentáculos, anulando as expressões locais, em favor de uma cultura pausterizada que retrata realidades que nada têm a ver com as culturas ou “facies” nordestinas.

Os trios elétricos, somado às comunicações de massa, à falta de trabalho, à falta de terras e de condições reais de sobrevivência torna as comunidades raquíticas e sem sentido de busca de expressão daquilo que acreditam. Marginalizados, eles vão se entregar àquilo que foi oferecido e vão deglutir coisas de sabores e odores estranhos. Sem forças para a luta, eles simplesmente aceitam, dizem amém.

A chegada dos trios elétricos em Maceió data de cerca de cinco ou seis anos, tempo suficiente para implantar suas ideologias, serem aceitos e tornarem-se presenças quase obrigatórias em solenidades onde se pode reunir uma grande quantidade de pessoas. Assim, em comícios eleitorais serve, entre outras coisas para palco onde o candidato vai fazer sua pregação, nas festas cívicas, no carnaval, sua presença é notada, solicitada, aceita, aplaudida.

Na medida em que os aplausos vão para os trios, os folguedos, as danças, as cantorias, o frevo e a marcha carnavalesca ficam num plano secundário ou simplesmente não são convidados para abrilhantar os festejos.

A mestra do Presépio Dramático de Maragogi expressou bem a situação quando disse: “Não vamos fazer o Presépio pelo Natal, porque ao invés de ajudar a gente, o Prefeito convidou um Trio Elétrico”.

O trio elétrico é importante fato cultural baiano. Bom seria que ao

invés de tentar penetrar nos estados próximos, eliminando as culturas locais, ficassem circunscritos a seu Estado.

Se antes tínhamos o imperialismo das Escolas de Samba cariocas motivando, modificando, despersonalizando o carnaval brasileiro, eliminando a ação das expressões locais, agora temos os trios que com seus Fricotes, Deboches, Dança do Passarinho, Dança do Jumento, Dança do Crocodilo, passam a impor o **FREVOQUE** e demonstrar a cada passo que as culturas locais nada valem, o importante é o balanço gostoso, eletrificado.

E as culturas locais como vão ficar? Bem...

NO PRINCÍPIO NÃO ERA O VERBO ERA O VASSOURINHAS!

Tempo: fevereiro de 1950. Espaço: Salvador, Bahia. Clima: a euforia carnavalesca chegava ao frenesi e os baianos pularam tanto que quase perderam chinelos e alparcatas. Cena: o Clube Misto Vassourinhas, do Recife, vai fazer apresentações no Rio de Janeiro; pára na capital baiana, toca no bairro de Campo Grande e deixa todo mundo louco com a frevança. a festa estava feita: pulo pra lá, pulo pra cá, foi a conquista definitiva dos foliões.

Naquela quarta-feira que antecedia o carnaval, os músicos Osmar Macedo e Adolfo Nascimento, o Dodô, verificando a loucura que provocava os acordes do frevo, resolveram fazer alguma coisa nova para aquele carnaval, alguma coisa que revolucionasse, que invocasse o modo de festejar os dias de Momo.

Sendo Dodô radiotécnico e Osmar, mecânico, decidiram enfeitar um Ford Bigode, tipo 1929, de Osmar, em cima do qual tocariam instrumentos elétricos por eles inventados: eram os **paus elétricos**. Junto à decoração, colocaram uma placa onde estava escrito: "A Dupla Elétrica".

Os tais "paus elétricos" eram um cavaquinho tocado por Osmar, que depois receberia o nome de **Guitarra Baiana** que nada mais era senão um cavaquinho elétrico com afinação de bandolim; o outro pau, era um violão elétrico, tocado por Dodô. Amigos e familiares fariam a percussão, complementando o conjunto.

Da idéia para a prática foi um pulo, logo, logo o Ford Bigode entrou no carro da Rua Chile, arrastando uma multidão de assistas que ia aumentando de minuto a minuto, terminou acabando o curso e sua formação comportada e convencional. A partir daí, o carnaval de Salvador foi completamente modificado, tomou ares bem diferentes.

Muito antes da aventura dos paus elétricos e do Ford Bigode, Dodô

e Osmar eram músicos conhecidos e atuavam em um conjunto chamado "Três e Meio", criado na década de trinta por Dorival Caymmi.

Osmar que era compositor de chorinhos nessa época, passou aos poucos a ficar influenciado pelo "Passo Doble" trazido por músicos espanhóis que chegavam em Salvador. Com o músico paulista Garoto, aprendeu a tocar Guitarra Havaiana.

Desde a década de quarenta a "dupla elétrica", com esse título mesmo, apresentava-se em bailes e festas, com os instrumentos que eles próprios confeccionavam de forma artesanal. A idéia dos "paus elétricos" surgiu no momento em que os músicos assistiram a apresentação do violonista carioca Benedito Chaves, que se apresentava com um violão elétrico. Era a primeira vez que a cidade via aquilo.

O violão elétrico não era coisa do outro mundo, era um violão comum, adaptado a uma caixa acústica. Na "boca" do instrumento era colocado um captador, um minúsculo microfone.

Um ano depois da estréia (1951), o grupo deixou o Ford Bigode descansar e saiu em uma Picap Crysler, para, seis anos depois, decidirem que melhor seria sair em um caminhão grande; pegaram então um de modelo Fargo.

O nome Trio Elétrico surge quando o grupo adota a Picap como veículo, onde colocam a nova denominação. O porque da expressão é simples, foi dada devido ao uso do violão e do cavaquinho elétricos e mais um outro instrumento para completar o trio, o TRIOLIM (violão tenor), tocado por um amigo da dupla de músicos. Portanto, os instrumentos eram: a Guitarra Baiana, de som agudo, tocada por Osmar, o Violão (Pau Elétrico), de som grave, tocado por Dodô e o Triolim, de som médio, tocado por Aragão.

Com o passar dos anos a expressão — Trio Elétrico — passa a designar qualquer conjunto que toque instrumentos elétricos em um caminhão iluminado e eletrificado.

O processo evolutivo permitiu a transformação do frevo de rua pernambucano (que influenciou a música dos trios na fase inicial) em frevo elétrico, com influências variadas, mas as características básicas dos frevos foi mantida inicialmente: a marcha acelerada, estridente, de compasso binário. Na década de cinquenta os trios foram influenciados pelos boleros, choros e passo doble. Depois passaram a executar músicas de meio-de-ano, brasileiras ou estrangeiras, populares ou eruditas; o vale-tudo chega às raias do inimaginável, mas inimaginável eletrificado!

A partir de 1975, com a presença do compositor/cantor Moraes Moreira no Trio de Dodô e Osmar, a coisa mudou de vez. É que Moreira

introduziu o FREVOQUE, a mistura de frevo com rock, o merengue, o FREVOXÉ, a junção do frevo com afoxé e como inovação que pega de vez, as músicas dos trios passaram a ser cantadas.

O ano de 1978 foi doloroso para os adeptos dos trios: com sessenta e cinco anos de idade morria Dodô, deixando órfãos seus admiradores, principalmente o amigo inseparável Osmar.

Tentando fazer frente aos trios baianos, músicos pernambucanos criaram em 1981 a FREVIOCA, um ônibus aberto, tipo jardineira que carrega uma orquestra com cerca de trinta e dois músicos.

A formação atual dos trios elétricos é uma guitarra, um violão tenor (Triolim), um contrabaixo, bateria eletrificada, quatro surdos, quatro bombos menores e quatro caixas surdas e mais o tremendo caminhão eletrificado.

Os trios estão bem, muito bem; tanto é que seu raio de ação chega a alcançar o Sudeste do País e tenta até desbancar o samba. Tem gente que diz até que poderá conseguir.

Notícia alarmante surgiu oito dias antes do Carnaval 89, quando foi noticiado que os moradores do bairro da Boa Viagem (Recife) fizeram um movimento contra a presença dos trios naquele bairro. Expulsos, os trios foram fazer apresentações em Olinda, com o aval do Prefeito da cidade e com os protestos dos foliões olindenses.

Os dados para a história dos trios foram conseguidos em GOES, Fred. O País do Carnaval Elétrico. Salvador, Editora Corrupio. Coleção Baianada, nº 4, 1982.

Prefeitura da
Cidade de Recife
Secretaria de Educação e Cultura 1993 — DACD.

COMO A TRADIÇÃO POPULAR VÊ A SEMANA SANTA

Para os mais antigos, a Semana Santa dos nossos dias perdeu muito do seu espírito de religiosidade. E por conta disso, responsabilizam a Igreja, na pessoa dos seus sacerdotes, que segundo eles, simplesmente deixaram de se preocupar com as coisas sagradas, para se entregarem e se envolverem com as banalidades do mundo. No entanto, para a Igreja Católica, a Semana Santa continua tendo o mesmo sentido, a mesma concepção do sagrado, da contrição, não obstante as afirmações em contrário.

O que mudou em sua liturgia foi a substituição do fausto, do esplendor das cerimônias, a pompa, a fantasia. Uma espécie de volta às origens, para que o homem tornasse a se identificar com o seu Deus, através da reflexão, do sacrifício, em busca do caminho perdido.

Para ela, a Semana Santa é isso: o período reservado para o reencontro da criatura com o Criador por meio de uma participação efetiva nos mistérios do sacramento, no sentido de revigorar a fé (pelas promessas do batismo), suscitar o espírito da penitência, estimular a caridade, ao mesmo tempo em que promove a reconciliação da humanidade inteira, reconduzindo os homens a Deus.

O que muita gente estranha na Semana Santa dos nossos dias é que ela, por imposição do Vaticano II e do próprio tempo, perdeu um pouco de seu folclore religioso e isso, ao que parece, chocou os defensores de uma igreja elitista, aos moldes da Idade Média.

Mas apesar de todas as críticas com relação ao período quaresmal e da própria Igreja, convenhamos, trata-se, efetivamente, de uma época

curiosíssima onde o sincretismo religioso, a fartura das mesas, o jejum, a abstinência, o serra-velho, o suplício de Judas e o júbilo da aleluia se confundem e se misturam num emaranhado de contradições e incoerências que só Deus duvida.

RAMOS E JEJUM

O início da Semana Santa, como sabemos, é no Domingo de Ramos. É assim chamado porque nesse dia a Igreja distribui palmas de palmeiras comemorando a entrada de Jesus em Jerusalém. No entanto, para os ingênuos, essas palhinhas bentas pelo vigário têm um sentido além do religioso: servem para abrandar intempéries.

Nas classes abastadas, o jejum é hoje substituído por grandes quantidades de peixes, crustáceos e vinhos, em franca contradição ao espírito quaresmal.

Acredita-se que a mortificação do corpo através do jejum, principalmente na Sexta-Feira Santa, é uma das formas para alcançar a salvação da alma. Nesse dia não se pode comer nada pela manhã, nem sequer tomar água, senão quebra-se o jejum. Depois do meio-dia almoça-se normalmente e à noite faz-se um pequeno lanche. Mulher grávida, porém, dizem os crédulos, não precisa jejuar, está perdoada.

CRENDICES

Durante a Semana Santa várias crendices são seguidas e, ainda hoje, sobretudo no Interior, preconceitos são guardados: os "ramos" distribuídos na igreja, por exemplo, são transformados em cruz e colocados por trás das portas e em caso de trovoadas ou perigo de raios, eles são colocados no quintal para aplacar a intensidade dos mesmos; queimá-los também é uma forma de acabar ou abrandar tempestades ou incêndios. Os galhos de alecrim, depois de retirados dos pés do Senhor Morto servem para fazer chás, usados para curar a dor de qualquer espécie.

Outras coisas, porém, são consideradas pecaminosas se feitas durante a Semana Santa, sobretudo, na sexta-feira: olhar-se em espelhos, usar batom, rouge ou perfume, tomar banho doce ou salgado (a não ser depois da meia-noite); namorar, dançar, cantar, assobiar (por serem sinais de alegria e Nosso Senhor ter passado a Semana Santa toda sofrendo).

Também na sexta-feira da Paixão, fazem mal: chamar nome feio,

comer carne, varrer a casa, fazer a barba e o cabelo, cantar músicas profanas, bater nos filhos, ir à igreja beijar o Senhor Morto de calças compridas.

Aos que pretendem guardar rigorosamente esses preceitos, é aconselhável assistir às cerimônias vestidos de preto, não usar roupas decotadas, nem ter pensamentos ruins.

Beber na Semana Santa significa perder o juízo para toda a vida e, finalmente, manter relações sexuais durante o período quaresmal é o maior pecado de todos os tempos, principalmente na sexta-feira.

O homem que assim proceder ficará impotente para o resto da vida. E a mulher estéril. E se por acaso nesse dia for gerado um filho, ele nascerá com o "cão no couro" e será infeliz até os seus últimos dias.

BRINCADEIRAS

Apesar de banidos dos grandes centros por determinação policial, as brincadeiras da Semana Santa, sobretudo "Serra-Velho" e "Judas", ainda sobrevivem nos subúrbios e cidades do Interior, longe dos olhares severos das autoridades e são, na verdade, a grande atração do período quaresmal.

As razões para essas proibições se justificam talvez nas palavras do professor e folclorista Roberto Benjamin: "Nas brincadeiras da Semana Santa, feitas nas horas limites, entre a vida e a morte, entre a penitência e a aleluia, o povo expressa a sua opinião crítica sobre política e sociedade.

Explica o professor Benjamin, por exemplo, que o "Serra-Velho" foi uma brincadeira européia que os portugueses introduziram no Brasil. Serrava-se "Maria Quaresma", na quarta-feira de trevas: "Um grupo de rapazes com serrotes fazendo a zuada característica, em frente da casa da pessoa ainda, anunciando a sua próxima morte. Os demais participantes do grupo ficavam nas lamentações e choravam como se realmente estivessem sendo serrados. Ao final se fazia o testamento, destinando os bens e os herdeiros, falsas virtudes e vícios verdadeiros, de modo caricatural".

Havia um preconceito no qual todos acreditavam: quem era serrado morria antes da outra Semana Santa. E por causa dessa crendice, muitos incidentes aconteceram, alguns muito sérios. Tiros e mais tiros foram dados para espantar os rapazes que se divertiam com a brincadeira. Os velhos mais brabos ficavam loucos... Mas havia os velhos alegres e que sabiam encarar com esportividade: abriam a porta da casa, serviam doces, salgados e bebidas aos jovens e tudo terminava em festa.

Quanto à malhação de Judas, também proibida, é a brincadeira típica do sábado de aleluia. São bonecos de palha ou pano, rasgados e queimados nesse dia.

Tradição popularíssima na Península Ibérica, radicou-se em toda a América Latina desde os primeiros séculos da colonização européia.

Todavia, banidos também dos grandes centros, os Judas continuam a desafiar a vigilância policial tanto nos subúrbios como no Interior, pendurados nos galhos de árvores ou postes da iluminação pública, assaltados aos gritos, logo depois que os sinos anunciam a aleluia litúrgica.

A preparação do judas é feita sempre em segredo e é comum turmas rivais, de jovens, tentarem roubar o boneco. Roubá-lo constitui, na brincadeira, uma grave ofensa, e motivo de retaliação. Geralmente prepara-se um boneco que é caracterizado como a pessoa criticada. Às vezes coloca-se cartazes alusivos à pessoa ou seus atos.

No Brasil é costume fazer-se o julgamento, sua condenação e execução. No inventário, por exemplo, são recordados os malfeitos da figura e são deixados os seus vícios de herança a pessoas conhecidas. Dependendo da vigilância existente os Judas são jogados na porta da pessoa que representa. Para facilitar a queima em algumas regiões se coloca no meio do enchimento fogos de estouro.



**NOTICIÁRIO CULTURAL
DE
SANTA CATARINA
E
OUTROS ESTADOS**

**ACONTECEU EM 1993
E
1994**

NOTICÁRIO CULTURAL

DE

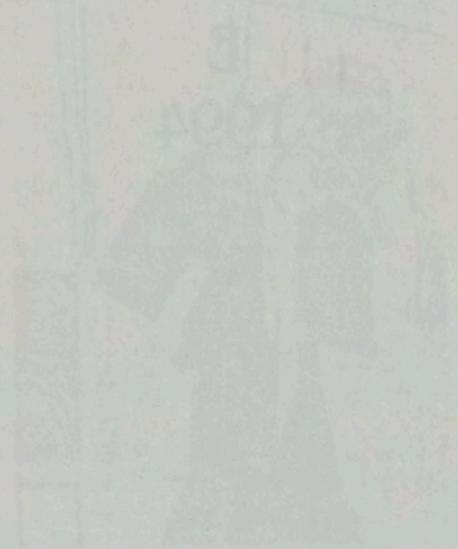
SANTA CATARINA

E

OUTROS ESTADOS

ACONTECEU EM 1993

1994



DIA NACIONAL DO FOLCLORE (2)

Florianópolis — SC

Erudito e popular sem fronteiras

JANGA

Crítico de ar

QUATRO ARTISTAS MOSTRAM TRABALHOS NA CASA AÇORIANA PARA RESGATAR AS MANIFESTAÇÕES NASCIDAS DA CULTURA DE UM POVO QUE SE AFASTA DA TRADIÇÃO

Antônio Machado, Adelina Medeiros Persike, Marta Medeiros e Etelvina Rosa são os artistas populares cujas obras integram a coletiva que está sendo mostrada na Casa Açoriana de Santo Antônio de Lisboa. Desde sua criação em 1985, este espaço cultural tem procurado abordar a produção de nossos artistas populares por um ângulo novo, evitando a "folclorização" dessas manifestações culturais. Buscando ampliar o diálogo entre os diferentes usos feitos pela sociedade das linguagens de que dispõe, a Casa Açoriana coloca lado a lado artistas populares e de vanguarda mostrando que as fronteiras entre erudito e popular são cada vez mais tênues e ultrapassadas.

A coletiva reúne alguns dos nomes mais importantes da nossa cultura popular. Marta e Adelina Medeiros são duas irmãs que foram criadas praticamente dentro de uma olaria, já que seu pai era proprietário de uma delas. Seus irmãos quase todos dedicaram-se à mesma atividade paterna. Marta dedica-se com amor a fazer os conjuntos de boi-de-mão, orquestras de sapos e macacos, presépios e bichinhos.

OUSADIA - Adelina Medeiros Persike cultiva também a mesma tradição dos personagens característicos do imaginário popular. Mais ousada partiu para uma ampliação deste repertório acrescentando outros personagens como os jornalheiros, os surfistas os "fradinhos" etc. Modelou presépios de grande formato, santos e personagens bíblicos obtendo

resultados escultóricos que a colocam como a principal dentre nossas ceramistas populares. Adelina não hesita em acrescentar outros materiais ao barro. Nos personagens dos cortejos, por exemplo, confeccionou os laços das roupas imperiais e as bandeiras de tecido pois segundo afirma, os laços de barro "não caem bem".

Sua versão do pau-de-fita possui uma delicadeza de movimentos e um acabamento tão primoroso que nada ficam a dever aos figureiros de outras regiões do País. A tradição figureira no Brasil ocorre principalmente no Nordeste. No Sul, os exemplos são raros, excetuando as figureiras do vale do Parnaíba em São Paulo que trabalham sem queimar as peças. Praticamente só na região da Grande Florianópolis essa atividade pode ser detectada. Mas nem por isso ela obteve a valorização que merece.

Alegoria



FOTOS LUIZ MACHADO/DC

Curiosa (e rara) escultura em madeira de Antônio Machado

RESGATE DAS RAÍZES ÉTNICAS

A arte e os costumes passados de geração a geração são um precioso legado para manter sempre acesa a chama das mais remotas tradições

SIMONE BOBSIN

Hoje comemora-se o Dia Nacional do Folclore, ou seja, tudo aquilo que envolve tradição e é passado de geração em geração. Resgatar os costumes da Ilha de Santa Catarina é a proposta do SESC (Serviço Social do Comércio), que há seis anos promove atividades para esta data. A Tarde do Folclore acontece amanhã, a partir das 14 horas, no Largo da Alfândega (veja box). A marchand Rosa Correa, da galeria Studio de Artes, faz uma homenagem a este dia com a exposição do artista Naif Campos Junior, cujas obras retratam o folclore ilhéu.

Além disto, a FFC (Fundação Franklin Cascaes), que promoveu debates na sexta-feira, vai lançar um livro da série Cadernos de Cultura e Educação somente sobre o assunto. As apresentações de ontem, também organizadas pela fundação, serão gravadas em fita de vídeo e os grupos gravarão as músicas em fita cassete.

O presidente da CCF (Comissão Catarinense do Folclore), Doralécio Soares, queixa-se da falta de espaço para a comissão que não tem sede e sugere a criação de um museu do folclore. Ele encaminhou, semana passada, um pedido ao prefeito Sérgio Grando para a criação do museu, que abrigaria a CCF.

REFÚGIO — Apaixonado pelas tradições açorianas legadas aos ilhéus, César Campos Junior, 27 anos, nascido aqui e filho de descendentes açorianos, refugia-se no Ribeirão da Ilha para conseguir subsídios para suas telas. "Meus pais têm casa no Ribeirão e eu vou nos finais de semana conversar com os moradores. Eles adoram contar 'causos'", diz o artista, que é funcionário da prefeitura.

Nas telas de Campos Junior aparecem procissões, prédios em estilo açoriano, pescadores, joguinhos, farra do boi, entre tantos outros aspectos do rico folclore ilhéu. Para esta mostra ele apresenta 15 quadros em acrílico sobre tela. Preocupado com o resgate destes costumes,

Campos Junior critica a desvalorização da cultura local. "As pessoas daqui têm que se conscientizar e defender sua cultura", alerta.

Nova geração



MARCO CEZAR/DIVULGAÇÃO/DC

Campos, Jr. retrata o folclore com a pintura ingênua

Rendeiras são típicas das regiões litorâneas

O folclore do litoral catarinense é bem diferente do interior do Estado. As rendeiras são um exemplo do artesanato folclórico daqui.

Este é um dos artesanatos brasileiros que mais se desenvolveu nas regiões habitadas por pescadores, sendo também executado em algumas regiões do Norte e Nordeste. Elas descendem, na sua maioria, de portugueses da Ilha dos Açores e herdaram esta arte que tem origem no começo do século XVI. O material utilizado é o mesmo: fios, bilros de madeira, almofada cilíndrica, alfinetes, cartões furados e "piques" (modelos) com variantes.

Ainda fazem parte da cultura popular da comunidade rendeira as "cantigas de ratoeira", que são cantigas de roda, de herança lusa. Dos Açores também chegou por aqui a mensagem escrita com versos de peditório chamada de Pão por Deus. Antigamente, os entregadores de jornais tinham por costume enviar uma carta para os fregueses pedindo ajuda.

"Aqui se generalizou de maneira diferente. São feitos em papel recortado em forma de coração e as pessoas pedem até amor", explica Soares.

Um Estado marcado pela herança

O boi-de-mamão é o folclore (grupos que apresentam dramatizações) mais popular, de origem portuguesa. São 13 as figuras clássicas: três músicos, Mateus (vaqueiro), médico, Bernúncia, Maricota, boi, cavalinho, cabra, urubu, urso e o macaco.

O folclorista Doralécio Soares diz que esta brincadeira existe no folclore brasileiro em mais de uma forma. "No Norte e Nordeste é conhecida como bumba-meu-boi e boi-bumbá, e em Santa Catarina, como boi-de-mamão". Antigamente chamava-se boi-de-pano, mas em uma apresentação faltou a cabeça do boi, então foi usado um mamão verde, daí o nome.

As danças também integram o folclore. No passado, em Laguna estavam os grupos mais interessantes de pau-de-fita, dança do jardineiro e do cupido. O pau-de-fita e a dança dos arcos floridos são herança luso-brasileiras, como as festas do Divino Espírito Santo, Terno de Reis e Terno de Santo Amaro.

POLCA — Nas zonas de colonização alemã, italiana e polonesa, os costumes são bem diferentes. Em Forquilha, predomina o folclore religioso da Polônia. Mas a polca, dança típica, é apresentada por alunos do Colégio Padre Schuller e Maximiliano, de Cocal.

As tradições alemãs são preservadas em Joinville pelo Grupo Folclórico Germânico Siberfluss, fundado em 1974, que apresenta vários tipos de danças como pau-de-fita, a dança dos frutos e das flores, também executada em Blumenau e Rio do Sul. O Grupo Folclórico de Treze Tílias também dedica-se às danças da cultura germânica. Os grupos de escolas em Urussanga mantêm a tradição dos imigrantes italianos. Além das canções há os jogos de bocha, mora e os três-sete, além das danças Funiculi Funiculá e a Tarantela.

MANEZINHO DA ILHA ZÉ LIÓ, DÁ RECEITA PARA BOM PEIXE

UMA BOA RECEITA

Conta Zé Lió que aqui na Ilha a tainha sempre foi apreciada nas mais diversas formas. Frita, assada inteira e na folha da bananeira escalada seca ou frescal e até no feijão como gostam os manezinhos. Escalada sobre a brasa perde grande quantidade de óleo e facilita a digestão. Pode ser escalada ainda na peixaria. É Zé Lió quem dá a receita. O peixe, assim como o tempero, tem que ser preparado com muita arretação, destinando o mesmo tratamento a uma mulher em plena lua-de-mel.

Depois de escalado, deixar o peixe livre, pendurado ao sabor do sol durante dois ou três dias, devidamente salgado. Vamos ao tempero. Antes uma caipirinha para dar o clima. A cebola de cabeça e o alho devem ser cortados miúdos, depois a cebolinha, salsa, orégano (alfavaca é para caldo), tudo com muito carinho e no mesmo tamanho. Colocar tudo numa vasilha com molho de laranja-limão, cominho moído na palma da mão, pimentinha moída e azeite de dendê, para dar liga ao tempero e ao peixe uma cor amarelada após assado. Deixe o tempero macerar por uma hora e jogue sobre o peixe, deixando-o repousar por uma hora. Depois é colocá-lo sobre a brasa em grelha dupla, a uma boa altura do fogo. Para buscar a autenticidade do prato sirva com pirão de farinha nova, conclui Zé Lió lambendo os beiços e sorrindo feliz com o anúncio do vizinho na última quarta-feira pela manhã: "Zé cercaram 30 mil tainhas na praia do Santinho".

Florianópolis — SC

O presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Ivan Cesar Ranzolin, convida Vossa Excelência e Família para a solenidade do lançamento literário "O Salto da Indústria Catarinense", de autoria de Idaulo José Cunha, publicado pela Editora Paralelo 27, na Galeria de Arte do Palácio Barriga-Verde.

Florianópolis — SC

CONVITE

A ACADEMIA SUL-BRASILEIRA DE LETRAS tem a honra de convidar V. S^a e Família, para o lançamento do livro de PAULO ROBERTO TELLES FRANCK:

NAUFRAGADOS

Data: 29/04/93

Armazém Vieira — Casa Histórica — A. Alves nº 2



Florianópolis — SC

A Editora Paralelo 27,
têm o prazer de convidar V. Sa. para o coquetel de lançamento do livro



Florianópolis — SC

Lançamento Estadual do livro
"Só os cachorros O amam",
de Hamilton Alves,
Editora Bernúncia e FCC Edições

27 de maio de 1993

Florianópolis — SC

EDITORA PARALELO 27

Convida

Você, sua família e amigos para o lançamento dos 5 primeiros títulos da coleção "Poesia de Santa Catarina":

Naufrágios — Rodrigo de Haro

Como Pesa! — C. Ronald

Iconographias — Lindolf Bell

Espelhos — Eloah R. M. Castro

Referências — Raul Arruda Filho

12 de agosto de 1993

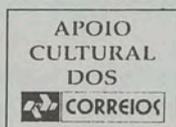
Florianópolis — SC

A Editora Brasiliense e as Livrarias Catarinense convidam para o lançamento do livro 46th STREET o caminho americano, de Luiz Alberto Scotto.

2 de setembro

R. Deodoro, 225

Florianópolis — SC



Florianópolis — SC

A Editora da UFSC tem o prazer de convidar para o lançamento de NO FUNDO DOS OLHOS, livro de poemas de Miriam Portela.

Galeria de Arte da UFSC

"A sensibilidade poética de Miriam se compraz no jogo dos contrários, nas antinomias, no dinamismo incessante e pleno de arestas, as arestas do 'medo' que se esconde por trás da doçura, ou do medo que se oferece como caminho para essa mesma doçura".

Carlos Felipe Moisés

Florianópolis — SC

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

tem o prazer de convidar V. Exa. e Exma. Família para o lançamento do livro

POEMAS DO MEU CAMINHO

de

Sylvia Amélia Carneiro da Cunha, no auditório do Museu Histórico de Santa Catarina, Palácio Cruz e Sousa, dia 20 de abril de 1993.

djumbay

Informativo da Comunidade Negra Pernambucana Ano II Nº 9 Maio/ 1993 - Cr\$ 15.000,00

CAXINGUELÊ SOLTO NAS RUAS

No último dia 14 de maio aconteceu na Galeria de Arte Metropolitana Aloísio Magalhães, o lançamento do livro de poesias "Caxinguelê — Os olhos do venha ver", do autor da negritude e nosso companheiro, Lepê Correia.

Na ocasião estiveram presentes amigos e companheiros que reconhecem, nesse trabalho, a importância que ele tem para a nossa comunidade: há 49 anos, Solano Trindade teve seus trabalhos poéticos publicados no Rio de Janeiro e trazidos para o Recife. Hoje, a poesia negra é publicada no Recife, viabilizada por uma empresa feita por negros: a Sambaxé Consultoria que, com esse trabalho, promove sua segunda realização de grande expressividade em 1993. A primeira: o disco do Maracatu Nação Pernambuco.

Caxinguelê é o nome de um roedor, um esquilo de pêlo cinzento característico das Américas, que agora está a solta no Recife e, depois, irá para o Brasil. Nessa coletânea de poesias, Lepê expressa o seu respeito à ancestralidade, a sua vivência de homem negro, o cuidado e amor para com os descendentes, e reage à discriminação tão entranhada no falar e agir dessa sociedade.

Já à venda na Lepê Livro — Locadora Gervásio Pires, 829, Livraria Síntese — Riachuelo, — e Livro 7.

Informações: 222.0842





Apresentação de dança da etnia negra nos palcos da V Quermesse

60 MIL PESSOAS VISITARAM V QUERMESSE EM CRICIÚMA

CRICIÚMA — A V Quermesse de Tradição e Cultura já garantiu a presença de mais de 60 mil pessoas na Praça Nereu Ramos desde a sua abertura. A avaliação é do presidente da Comissão Central Organizadora e presidente da Associação Comercial e Industrial de Criciúma (ACIC), Guido Búrigo, que afirma que o evento está recebendo o maior público de todas as festas já realizadas pelas etnias colonizadoras de Criciúma. A CCO anunciou na tarde de ontem, que somente na abertura, mais de 15 mil pessoas participaram.

Guido Búrigo, que está na presidência do evento, desde a sua primeira edição, afirma que a V Quermesse está sendo considerada como das mais espetaculares. Eufórico com a presença maciça de visitantes que não pagam ingressos e assistem shows das mais variadas manifestações artísticas, ele ressalta nunca ter imaginado que o público, mesmo com a crise econômica atual, viesse prestigiar este acontecimento.

“Para nós foi uma grande surpresa ver a Praça Nereu Ramos toda lotada, durante a noite e o dia. Nas mais de 40 barracas e na área destinada aos shows é difícil a gente se movimentar”, acrescentou.

Na V Quermesse, os locais mais freqüentados são o museu Augusto Casagrande, instalado no antigo chafariz e nas barracas instaladas na praça.

Transcrito do Jornal O Estado — 10.09.93

FESTA DO DIVINO REVIVE TRADIÇÃO

Uma parte da história de Portugal foi contada na Igreja Nossa Senhora das Necessidades, em Santo Antônio de Lisboa, Norte da Ilha, durante a Festa do Divino. Alexandra Vieira e Adriano Luiz Malagole, vestidos de Imperador e Imperatriz, representavam a princesa Izabel e seu marido, o rei Diniz. Segundo um dos coordenadores da festa, Fausto Andrade, a comemoração está ligada à promessa que a princesa Izabel fez em 1826. "Ela não queria ver sangue derramado entre povos de duas províncias portuguesas, uma governada por Diniz, e outra por seu próprio filho, dom Afonso", lembrou. A guerra foi evitada. E como havia prometido, Izabel vendeu sua coroa de prata e com o dinheiro comprou comida para os pobres.

Anos depois Izabel esteve em Santa Catarina e doou quatro coroas de prata do império português às paróquias de Florianópolis. Uma delas foi entregue por Izabel na Igreja de Santo Amaro da Imperatriz. As outras foram doadas, em Santo Antônio de Lisboa, Lagoa da Conceição e Ribeirão da Ilha. É nesses locais que a tradição da Festa do Divino é mais forte.

São quatro dias de festejos para a passagem do Cortejo Imperial. Sob os acordes da Banda Comercial, a procissão percorreu a avenida central da pacata freguesia de Santo Antônio. Depois da missa, os fiéis encerraram a festa com churrasco e bebidas.

A procissão contou com a presença de 17 crianças.

Transcrito do Diário Catarinense, 1993

FLORIANÓPOLIS — SC

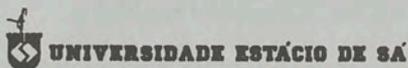
A Fundação Catarinense de Cultura e a Universidade Federal de Santa Catarina têm o prazer de convidar V. Sa. e Exma. Família para o coquetel de abertura da Exposição *Homenagem a Cruz e Sousa*, comemorativa do centenário de publicação das obras *Broquéis e Missal*.

Local: Museu Histórico (Palácio Cruz e Sousa)

Agosto de 1993

NOTICIÁRIO — 1993
Rio de Janeiro — RJ

DIVULGAÇÃO



Rio de Janeiro, 25 de março de 1993

Ilmº Senhor(a) Diretor(a)

Estamos enviando a V. Sª material de divulgação de nosso Curso de Museologia.

Sabedores da escassez de Cursos de formação profissional na área da Museologia, solicitamos a V. Sª que divulgue-o em seu Museu e se possível em seu Estado através do envio de notas para jornais e revistas, boletins, fixação em murais, bibliotecas, arquivos e órgãos congêneres.

Informações

Universidade Estácio de Sá
Departamento de Arqueologia e Museologia
Curso de Museologia
Rua do Bispo, 83
Rio Comprido — CEP 20261 — Rio de Janeiro

São Paulo — SP — 1993

II Congresso de Escritores de Língua Portuguesa

São Paulo - Brasil
1, 2 e 3 de dezembro de 93

Patrocínio
Ministério da Cultura - Prefeitura Municipal de São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura

Florianópolis — SC

O Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis convida para o lançamento do livro CONTO e POESIA de Albert Lang, Alline Gonçalves Silva, Ana Paula Rupp Hamms, Anderson da Costa, Cidnei Raul Soares, Cláudio Lovato Filho, Dennis Lauro Radunz, Donald Malschitzky, Eloah Rocha Monteiro de Castro, Emanuel Medeiros Vieira, Enéas Athanázio, Fábio Adriano Hering, Fabrício Noveletto, Inês Mafra, James Clarkson Witt, João Vicente de Borba Filho, José D'Adellar, Júlio César Ramos, Luiz Cézare Vieira, Lurdes Alves Machado Frutuoso, Marcelo Alves, Marcelo Passamai da Silva, Marcos Augusto Faraco Peressoni, Marlene de Fáveri, Maurício da Cunha Lima, Miguel Rossowsky, Mônica Ceola, Oldemar Olsen Júnior, Paulo Sá Brito, Rita Valéria Debiaze, Rogério Luiz de Sousa, Ruy Cesar Ferreira Braga, Silvério Ribeiro da Costa, Soraya Nunes Lins e Zenilda Nunes Lins.

Data: 04.02.93 (quinta-feira)

Hora: 20:00

Local: Palácio Cruz e Sousa

Florianópolis — SC

CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS PALÁCIO DIAS VELHO

O Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis, Vereador Aldo Bellarmino da Silva, tem a satisfação de convidar Vossa Excelência e Excelentíssima família para a Sessão Solene comemorativa ao 267º aniversário da cidade, dia 23 do corrente, às 20 horas, no Plenário desta Casa Legislativa, quando receberão a Medalha de Mérito Municipal o Movimento "Porta Aberta", a Empresa de Correios e Telégrafos SC, o Albergue Noturno "Manoel Galdino Vieira", os Senhores Daniel Agostinho Faraco e Aldo Beck, os médicos Geraldo Nicodemos Vieira e Holdemar Oliveira de Menezes.

Florianópolis — SC

Lançamento do Livro
**tempo e andanças
de harry laus**

28 de setembro

GALERIA DE ARTE DA UFSC

20:00 h

Na oportunidade

Pinturas e Instalações de

Maria Lucila Horn Cantú

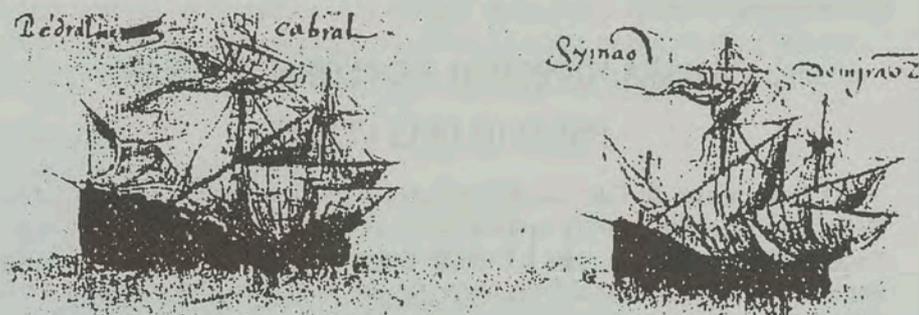
Noticiário — 1993

Florianópolis — SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Ivan Cesar Ranzolin, convida V. Exa. e Exma. Família para o lançamento do livro "DESTERRO DE MEUS AMORES" de autoria de Francisco José Pereira, publicado pela Editora Lunardelli, em co-edição com a Fundação Catarinense de Cultura, a realizar-se no dia 07 de outubro de 1993, na Galeria de Arte desta Assembléia.

Florianópolis — SC

As Viagens Portuguesas e o Encontro das Civilizações



O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Ivan Cesar Ranzolin, a Consulesa de Portugal Ana Paula Zacarias e o Cônsul Honorário de Portugal em Florianópolis, Fernando José Silva de Mendonça, têm o prazer de convidar Vossa Excelência e Família para a inauguração da Exposição "AS VIAGENS PORTUGUESAS E O ENCONTRO DAS CIVILIZAÇÕES", outubro de 1993, às 20 horas, na Galeria de Arte do Palácio Barriga-Verde.

Florianópolis — SC

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Professor Antônio Diomário de Queiroz, e o Reitor da Universidade do Estado de Santa

Catarina, Professor Rogério Braz da Silva, têm a honra de convidar Vossa Senhoria e Exma. Família para o lançamento do livro OWVALDO R. CABRAL — PÁGINAS DE UM LIVRO DE MEMÓRIAS, de autoria da Professora Sara Regina Silveira de Souza, publicado pela Editora da UFSC em co-edição com a UDESC.

14 de outubro de 1993, às 20 horas

Hall da Reitoria da UFSC

Florianópolis — SC

NO TEMPO DE ARI BARROSO

A Fundação Catarinense de Cultura, Box 32 e Lumiar Editora convidam para o lançamento do livro *No Tempo de Ari Barroso*, de autoria do jornalista Sérgio Cabral, dia 23 de setembro de 1993, no Box 32, Mercado Público de Florianópolis.

Florianópolis — SC

Lançamento Estadual do livro *MAR PARAGUAIO*, de Wilson Bueno — Edição da Secretaria da Cultura do Estado do Paraná e Editora Iluminuras

30 de abril de 1993,

Fundação Cultural Prometheus Libertus

Avenida Rio Branco, 279 — Florianópolis — SC



Florianópolis — SC

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA tem o prazer e a honra de convidar V. Exa. para as solenidades de encerramento do Ano Acadêmico constantes do Programa em anexo:

1 — celebração do centenário de nascimento do intelectual catari-nense HUBERTO ROHDEN, com conferência do consócio JÚLIO WIG-GERS;

2 — admissão de novos sócios do Instituto, com saudação pelo con-sócio CARLOS ALBERTO SILVEIRA LENZI;

3 — agradecimento em nome dos novos sócios, pela consócia NELMA BALDIN; e,

4 — lançamento do livro "ÁLBUM DE FAMÍLIA", da consócia MARIA DO CARMO RAMOS KRIEGER GOULART.

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa

a 26 de novembro de 1993

Walter F. Piazza

Presidente

Florianópolis — SC

A editora LETRAS CONTEMPORÂNEAS convida para o lançamento de mais 6 volumes da coleção Poesia de Santa Catarina, com noite de autógrafos dos livros:

Nenhum Milagre — Alcides Buss

Nestor Conselheiro — Aldy Maingué

Pólen de Timbres — Alexandre Prade

Dons — Carlos Damião

A Invenção do Tempo — Pedro Garcia

Mínimas — Renato Tapado

18 de novembro

Museu Histórico de Santa Catarina

Palácio Cruz e Sousa

Florianópolis — SC

Lançamento do livro

PANDEMÔNIO

do Geraldo Carneiro

30 de setembro de 1993

Fundação Cultural Prometheus Libertus

Av. Rio Branco, 279



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA
FUNDADO A 7 DE SETEMBRO DE 1896
PALÁCIO CRUZ E SOUZA — PRAÇA 15 DE NOV. — CX. P. D-1582 — FLORIANÓPOLIS — SC
88010-970

Of. Circular n°155/93
Florianópolis, 27 de setembro de 1993

Prezado consócio,

A Assembléia Geral Ordinária do dia 24 de setembro último, elegeu a Diretoria, abaixo relacionada, para o Biênio 1993-1995:

Presidente Perpétuo: Victor Antônio Peluso Júnior

Presidente: Walter Fernando Piazza

1º Vice-Presidente: Osvaldo Ferreira de Melo

2º Vice-Presidente: Jali Meirinho

Secretário-Geral: Maria Regina Boppré

1º Secretário: Lélia Pereira da Silva Nunes

2º Secretário: Nélvio Paulo Dutra Santos

1º Tesoureiro: Idaulo José Cunha

2º Tesoureiro: Rufino Porfirio Almeida

Orador: Carlos Alberto Silveira Lenzi

Conselho Consultivo e Fiscal:

Sylvia Amélia Carneiro da Cunha

Marly Ana Fortes Bustamante Mira

Mário Fernandes Dias

Certos de merecer a sua continuada atenção para o engrandecimento desta Instituição, firmo-me, com alto apreço e consideração,

Atenciosamente,

Walter Fernando Piazza
Presidente

Florianópolis — SC

Instituto Brasil-Estados Unidos — IBEU
Editora Lunardelli

CONVIDAM

para o Lançamento do Livro de Crônicas

25 de outubro de 1993
Auditório do
Museu Histórico de Santa Catarina
Palácio Cruz e Sousa
Praça XV de Novembro
Florianópolis

Apoio Cultural:
Fundação Catarinense de Cultura
Banco Nacional

SEMINÁRIO SOBRE MANIFESTAÇÕES POPULARES

Local: Palácio Cruz e Sousa

Temas: Problema das pesquisas folclóricas — Osvaldo Ferreira de Melo

Estrutura social e cultura popular — Cleidi Albuquerque

Linguagem popular da Ilha de Santa Catarina — Doralécio Soares

Sobrevivência da música açoriana — Hélio Teixeira da Rosa

Teatralidade do Boi-de-Mamão — Valmor Beltrame

O universo açoriano na obra de Franklin Cascaes — Gelci Coelho (Pe-
ninha)

Prática e vivência do Folclore — Nei Batista de Souza

Dia 21/08 — Mostra de dança folclórica e exposição de artesanato

Local: Largo da Alfândega — a partir das 9h

Danças: Boi-de-Mamão, Pau-de-Fitas e Dança Portuguesa, Cacumbi e
Ratoeira.

Artesanato: rendeira, café sombreado, tarrafeiro, cesteiro, oleiro, es-
teiras

Florianópolis — SC

Convite

A Associação Catarinense de Editores e Livreiros — ACEL — tem o prazer de convidar V. S.^a para o coquetel de lançamento da Oitava Feira do Livro de Florianópolis, que se realizará no Museu Histórico de Santa Catarina — Palácio Cruz e Sousa, dia 27 de outubro de 1993. Na oportunidade serão homenageados o Patrono da Feira, escritor Flávio José Cardozo, e o Sr. Paulo Henrich Köenig, Mérito Livreiro 93.

Florianópolis — SC



Pró-Reitoria de Cultura e Extensão/Editora da UFSC
com lançamento no Cine Art-7 às sete horas da noite de 25 de outubro
Traga seu guarda-chuva!

“A ALMA NÃO ENCOLHE NA CHUVA”

um livro de Chandal Meirelles Nasser

Florianópolis — SC



A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

tem o prazer de convidar V. Exa. e Exma. Família para o lançamento
do livro

VIAGENS COM MAURA

do acadêmico

PEDRO BERTOLINO,

dentro da programação da

OITAVA FEIRA DO LIVRO

DE FLORIANÓPOLIS,

5 de novembro, no Largo da Alfândega, espaço destinado às
manifestações artísticas e culturais.



Prestigie a FEIRA DO LIVRO.
 Compareça
 às sessões de lançamento
 de 3 a 13 de novembro
 de 1993.



LARGO DA ALFÂNDEGA — Fpolis

“Leia à vontade”

Florianópolis — SC

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS TEM O PRAZER DE CONVIDAR PARA PARTICIPAR DAS HOMENAGENS QUE SERÃO PRESTADAS AO ESCRITOR REVELAÇÃO, À INSTITUIÇÃO QUE SE DISTINGUIU PELO APOIO À CULTURA, EM 1993, E ÀS PERSONALIDADES QUE FORAM DESTAQUE NA LITERATURA CATARINENSE, EM SOLENIDADE MARCADA PARA O PRÓXIMO DIA 14 DE DEZEMBRO, NO PALÁCIO CRUZ E SOUSA.

NA OPORTUNIDADE SERÁ LANÇADO O VOLUME Nº 3, DA COLEÇÃO ACL, “PALAVRAS E REGISTROS”, DE PASCHOAL APÓSTOLO PÍTSICA

FALECEU TEÓFILO MATTOS, a história viva de São Joaquim

As autoridades e população de São Joaquim estão entristecidos pelo desaparecimento de Teófilo Mattos, ocorrido às 17 horas do dia 15/03, vítima de edema pulmonar.

Falar de Teófilo Mattos é recordar boa parte da história de São Joaquim. Ele faleceu com 87 anos de idade. Era sobrinho de Cezário Amante. Foi o primeiro Bacharel do município, formado em Ciências e Letras, onde durante muito tempo exerceu a profissão de Coletor Federal.

Teófilo Mattos fundou vários jornais, como "A TRIBUNA", e também foi o pioneiro na radiodifusão com primeiro serviço de alto-falante "A Voz Cabocla", onde fez algumas transmissões históricas. Com a chegada da madeira para a construção da Igreja Matriz, e a inauguração da estrada do Rio do Rastro, em 1952, pelo governador Irineu Bornhausen, com uma festa onde carnearam 25 vacas. A Voz Cabocla existiu de 1945 a 1963, até a fundação da Rádio Difusora de São Joaquim.

Ele foi um grande estudioso da história de seu município, deixando um valioso arquivo, que é praticamente o atual Centro Cultural de São Joaquim. Formou o primeiro Grupo de Teatro ("Grêmio Dramático Hortêncio Goulart") nos anos 40, encenando peças como: Maria Cachucha e Deus lhe Pague, onde fazia o papel de mendigo e teve grande repercussão de público. Teófilo Mattos também foi o pioneiro na fundação de escoteiros, e proprietário do primeiro automóvel em São Joaquim (Ford 1928). Também a primeira bicicleta, e a primeira motocicleta foram de suas propriedades. Foi ele também que realizou o primeiro Baile da Neve em São Joaquim.

Pecuarista por tradição, dedicou mais de 50 anos à criação do gado Jersey-PO (Puro de Origem), com vários títulos conquistados.

Suas profissões foram: ator, radialista, animador de festas sociais, coletor, pecuarista, historiador, militar (1929/30), jornalista e correspondente da ASEPRESS, dançarino (inclusive de lambada), tipógrafo, prático de farmácia, vereador (UDN), jogador de futebol (Planalto A.C.), escoteiro

e escritor. Faleceu sem realizar um grande sonho: editar suas próprias memórias.

Para os vereadores joaquineses e principalmente para o Presidente da Câmara, Elson K. Outuki, "Teófilo Mattos foi um arquivo vivo da história de São Joaquim. Hoje porém é a própria história. Ele foi também o pioneiro da Festa da Maçã, que hoje é conhecida em todo o Brasil e até mesmo no Exterior. Já deixa saudades, e será alguém que não esqueceremos, por quem amamos, não morre, mas parte antes de nós" observando ainda que Teófilo Mattos "foi uma marca registrada, um pioneiro na real expansão da palavra" frisou Outuki.

Teófilo Mattos era membro da Comissão Catarinense de Folclore. Ao registrar o seu falecimento em nosso Boletim, o fazemos apresentando aos seus familiares nossas sentidas condolências.



Florianópolis — SC

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem a honra de convidar Vossa Excelência para a Sessão Solene de Posse de SALOMÃO RIBAS JUNIOR, na cadeira n.º 38.

Discursos de ANTONIO CAREDES KONDER REIS e
SALOMÃO RIBAS JUNIOR.

Paschoal Apóstolo Pittsica
Presidente da ACL

11 de novembro de 1993

20:00 horas

Auditório do Tribunal de Contas

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura tem a satisfação de convidar para o lançamento do livro ASASAZUIS, de Cláudio Dutra, vencedor do Prêmio Luís Delfino de Poesia — 1992 no dia 8 de dezembro de 1993 no Bar e Restaurante Reçaka Av. Beira Mar Norte, 1.478 FLORIANÓPOLIS — SC

Florianópolis — SC

Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão
Editora da UFSC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina tem o prazer de convidar Vossa Senhoria e Exma. Família para o lançamento do livro O SIM DA POESIA, de Regina Carvalho.

Florianópolis — SC

A Editora Letras Contemporâneas convida você, sua família e amigos para o lançamento do livro SOB A PELE DO SONO de Iaponan Soares 21 de dezembro às 20 horas Museu Histórico de Santa Catarina Palácio Cruz e Sousa

DONA TILINHA

Norberto Ungaretti
Membro do IHGSC

Dona Atília Tolentino Vieira da Rosa trazia já no nome a marca da antiga e autêntica tradição catarinense, das velhas gentes de São José da Terra Firme, onde os Tolentino de Souza, os Xavier da Câmara, os Ferreira de Mello, os Xavier Neves, os Vieira da Rosa e os Silva Ramos representaram excelentes frutos da imigração portuguesa, continental e ilhoa.

Ao seu sangue lusitano misturou-se o germânico, pelo lado materno, donde lhe vinham certamente aqueles belos olhos claros que se fecharam na madrugada luminosa e quente da última sexta-feira.

Com o primo Paulo, seu bem-amado da vida inteira (e que, nos registros da história da nossa terra, é o general Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa, militar brilhante, prefeito de Florianópolis, secretário de estado, intelectual, membro das mais altas instituições culturais do Estado), viveu um amor sem mácula e realizou um casamento perfeito, gerador de família harmoniosa e feliz.

Inteligente, afeita à leitura e às artes, freqüentou em certa época a imprensa local, publicando, sob o pseudônimo de Line, bem elaboradas páginas de evocação da vida social florianopolitana ao tempo da sua mocidade, alinhando lembranças relacionadas principalmente com o Clube Doze de Agosto, a cuja história centenária ligou-se de modo especial seu marido, presidente que liderou a construção da sede própria da Avenida Hercílio Luz. Quem acompanhou aquela luta, aliás, sabe quanto do êxito conquistado foi devido à disposição e à coragem do presidente Vieira da Rosa, a quem nunca faltaram o estímulo e a solidariedade da esposa exemplar, que foi sempre para ele, ao longo da sua vida algumas vezes pontilhada de riscos e atribulações, a iluminada e iluminadora estrela-guia.

A respeito de sua sensibilidade artística, de seus hábitos de mulher educada segundo os bons padrões de antigamente, deu expressivo testemunho a escritora Sylvia Amélia Carneiro da Cunha, sua amiga e vizinha

de muitos anos no Largo Benjamin Constant, ao falar por ocasião da sessão da saudade realizada pela Academia Catarinense de Letras em homenagem ao acadêmico Paulo Vieira da Rosa. "Lembramos com emoção — disse Sylvania Amélia — as belas valsas que ela tocava ao piano, ao cair da tarde, e cujos acordes melodiosos interrompiam os folguedos infantis na formosa pracinha, defronte à casa que pertenceu a seus pais, os saudosos Alfeu e Leocádia Tolentino de Souza, e que faziam as delícias de toda a redondeza". Tais palavras, de tanta força evocativa, quase nos levam a ouvir velhas valsas invadindo a quietude do Largo, rompendo delicadamente o silêncio do entardecer e pondo acentos de beleza na paz do crepúsculo, em outros tempos, bem se vê, em outros tempos. . .

Dona Tilinha, como era por todos carinhosamente chamada, deixa entre os que a conheceram e estimaram a lembrança de uma criatura simpática, fidalga, bondosa e inteligente, uma grande dama da sociedade catarinense, uma bela e inesquecível figura humana.

Jornal "O Estado" — 26.11.93

Belo Horizonte/MG

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Ao Dr. Robinson Correa Gontijo, Diretor Regional do SESC/MG, registramos, agradecendo ao envio do Boletim da Comissão Mineira de Folclore, louvando a iniciativa do SESC/MG em editar o presente Boletim, que reúne expressivos trabalhos de renomados mestres da cultura popular de Minas Gerais.

Florianópolis — SC

O Prefeito Municipal de Florianópolis, Sérgio Grando, convida Vossa Senhoria e Excelentíssima Família para o lançamento do livro **A CAPITANIA DE SANTA CATARINA — ALGUNS MOMENTOS**, de autoria de Paschoal Apóstolo Pítsica, Presidente da Academia Catarinense de Letras, publicado pela Fundação Franklin Cascaes em co-edição com a Fundação Catarinense de Cultura e Edições Lunardelli.

Data: 15 de julho de 1993 (quinta-feira)

Horário: 18 horas

Local: hall histórico do Palácio Cruz e Sousa — **PRAÇA XV DE NOVEMBRO**

Jaraguá do Sul, SC.



SOCIEDADE CULTURA ARTÍSTICA

FUNDADA EM 8-6-56

ESCOLA DE ARTES "A. SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA"

89.250 - Jaraguá do Sul

— Santa Catarina

Tubarão — SC

Unisul — Tubarão — Santa Catarina

O Magnífico Reitor da Universidade do Sul de Santa Catarina, Prof. José Müller, convida Vossa Excelência e Excelentíssima Família para a solenidade de posse e transmissão do cargo de Reitor da UNISUL ao Prof. Silvestre Heerd, nomeado por ato do Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal de Tubarão, Dr. Irmoto José Feuerschüette.

Florianópolis — SC

CONVITE

A Fundação Catarinense de Cultura, através da Biblioteca Pública do Estado, tem o prazer de convidar para a solenidade de abertura das comemorações de seu 139º aniversário, com coquetel de lançamento do fascículo HOLDEMAR MENEZES da Coleção Escritores Catarinenses e do livro HOLDEMAR MENEZES Literatura e Resistência de autoria de Iaponan Soares e Salim Miguel

Hall de Entrada da Biblioteca Pública

Rua Tenente Silveira nº 343

Florianópolis — SC

Florianópolis — SC

CONVITE

Com grande entusiasmo lançamo-nos no mercado editorial das "gentes e terras catarinenses". Para abriremos a Ciclo Editorial DIDÁTICOS convidamos V. S., família e amigos para a noite de autógrafos do livro O PENSAMENTO LOGISMOGRÁFICO ou TEÓRIA CONTÁBIL, do Professor, Escritor e Poeta JOSÉ GERMANO CARDOSO, na ACADEMIA DE COMÉRCIO SANTA CATARINA, na Avenida Hercílio Luz, no centro de Florianópolis, 12/08/93.

NOTICIÁRIO

São José dos Campos — SP — 1993

SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DE FOLCLORE — São José dos Campos — SP

Do companheiro Félix Coluccio de Buenos Ayres, recebemos a foto que temos a satisfação de publicá-la, colhida por ocasião da realização do Simpósio Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore, em São José dos Campos, SP.

A foto como se vê em frente ao Plaza Hotel, reúne acentuado grupo de participantes, quando já do encerramento dos trabalhos ali realizados.

Ao companheiro Félix Coluccio, que teve destacada atuação no importante encontro, agradecendo o registro fotográfico, o faço, abraçando-o fraternalmente com recomendação a digníssima esposa, Sra. Mercedes.

Doralécio Soares



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
29º FESTIVAL DO FOLCLORE

JUBILEU DE VELUDO

15 A 22 DE AGOSTO DE 1993

15400-000 — OLÍMPIA — Estado de São Paulo

FOLCLORE: Conceito e Definição

Para certas pessoas, folclore lembra abandono, aquilo que se está jogando fora. E há quem associe folclore com pobreza ou subdesenvolvimento, com o rural, até com o jocoso, grotesco ou ridículo. Não se deve julgar assim, porque seria o mesmo que confundir Germano com gênero humano.

É folclórico o saber que se adquire de modo espontâneo, sem que seja deliberadamente ensinado ou intencionalmente apreendido. O mestre do saber folclórico é o convívio social, aprende-se na escola da vida, no cotidiano — por imitação ou de outiva, vendo alguém fazer ou ouvindo-o dizer.

Uns mais e outros menos, seja rico ou seja pobre, do campo ou da cidade, governante ou governado, todas as pessoas são portadoras desse tipo ou categoria de saber, que não tem essência classista — é consagrado pela vulgaridade.

O folclore é carro-chefe dos demais segmentos culturais, vai à frente, ele é que faz a escolha dos padrões ideais — locais, regionais ou nacionais, é bem de raiz.

Neste ensejo, presto homenagem a Olímpia, maior centro brasileiro de divulgação da sabedoria do povo.

Saul Martins
Presidente de Honra da Comissão Mineira de Folclore

NOTICIÁRIO

Ijuí, 16 de julho de 1993.



DIRETOR PESTANA
FIDENE

O presente tem por objetivo comunicar e, ao mesmo tempo, convidar V. Sa. para participar do 3º Encontro de Museus do Cone Sul, a realizar-se de 24 a 27 de agosto próximo, na Universidade de Ijuí — Rio Grande do Sul.

Rio de Janeiro

março de 1993

LIVRARIA RIO-MARKET

Fórum de Ciência e Cultura - UFRJ

Av. Pasteur, 250 - 1º andar

Rio de Janeiro

FUNARTE-IBAC

UFRJ

A Coordenação de Folclore e Cultura Popular da Funarte — IBAC e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais têm o prazer de convidá-lo para o lançamento da BIBLIOGRAFIA DO CARNAVAL BRASILEIRO.

Na mesma ocasião estará sendo lançada a publicação **Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate**, primeiro número da série Encontros e Estudos, editada pela Coordenação.

Paranaguá — PR

A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PARANAGUÁ, "PEDE PERMUTA"



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PARANAGUÁ
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá

Da: Bibliotecária responsável do Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá — Profª Sônia Maria Breda, recebemos.

Temos interesse em reativar nosso programa de permuta.

Profª Sônia Maria Breda
Bibliotecária responsável

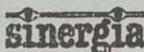
1ª MOSTRA COLETIVA DE ARTES PLÁSTICAS

Abertura dia 10/09/92,
quinta-feira, às 20h no hall da
sede da Celesc (Itacorubi)

*Alton J. de Faria * Anselmo Arlotta
* Astrid Elizabeth Becker Mondl *
Dlima Fretta Colossi * Eldevina T.
Ribolro de Souza (Eidi) * Fernando
Maurício da Silva * Heivecia Muños
de Cabrera * Idé Cardoso Chrestanl
* Iliane Caparelli * Iris Abella * Ivete
Maria Moro Roos * Jalde Forte *

Jorge Abouhatem * José Maurício
Ribeiro Junior * Kenia Souza da
Silva * Léa Maria Noronha
Fernandes * Lulz Fernando Luz *
Marisa Chiaradia Ferraro * Murilo
Pereira * Pedro Santos * Raul
Pargendler * Ricardo Barreto
Nascimento * Roberto Costa *
Stephanie Louise Becker Mondl *
Suely Ferraz de Andrade * Vera
Ramirez *

Lançamento do 1º Concurso
Estadual de Conto e Poesia


sinergia

Sindicato dos Eletricitários de Fpolis

Florianópolis — SC

CONVITE

A Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis, convida para a abertura do Centro de Cultura Tradicional da Ilha, instalado ao lado do "palco do Papa", no Aterro da Baía Sul, dia 15 de dezembro de 1992.

Joaçaba — SC



UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA - UNOESC

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

CURSO DE HISTÓRIA

" II † ENCONTRO CATARINENSE DE
MICRO-HISTÓRIA "

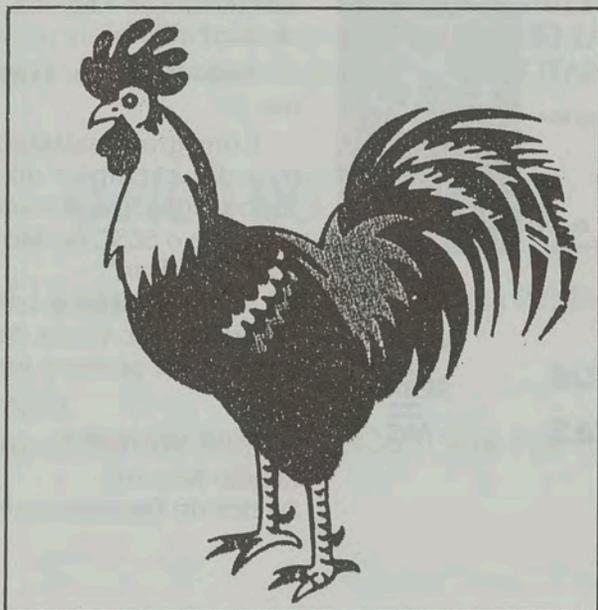
Joaçaba, 1 a 3 de Setembro de 1993.

93: ANO DO GALO PARA OS CHINESES

O ano astral chinês de 1993 começa no dia 22 de janeiro às 11 horas da noite e terminará no dia 9 de fevereiro de 1994. É o ano do Galo que terá a influência da água e do princípio Yin, onde o romantismo, a sensibilidade e a prudência prevalecerão.

Durante este ano o poder da adaptação do Galo e sua habilidade tornarão os relacionamentos mais tranquilos e duradouros, pois o Galo na vida amorosa raramente enfrenta problemas.

Geralmente, o ano do Galo pode ser perigoso pelo excesso de otimismo que transmite às pessoas. Não é um período indicado para gastar energia com planos grandiosos, mas sim para cuidar com muito carinho daquilo que já se conquistou.



No amor, convém controlar o seu espírito aventureiro ou o desejo de fazer mudanças radicais. É bom não medir sacrifícios para preservar a sua felicidade amorosa. Quem for casado não deve sucumbir às inúmeras tentações que acontecerão, já os solteiros terão um ano movimentadíssimo, com romances emocionantes e até relações com pessoas comprometidas.

Dizem que o Galo é um grande protetor da saúde, porém é sempre bom os cuidados com as extravagâncias, que com certeza irão acontecer, neste caso uma atenção maior deve ser dedicada aos rins e ao sistema nervoso.

O mundo poderá viver momentos de muita conturbação, mas na verdade nada muito grave acontecerá, 93 não será um ano nem muito alegre, nem muito triste. A euforia tomará conta de todos, porém os resultados não serão tão expressivos como todos nós gostaríamos.

Belo Horizonte — MG

**IV FEIRA
NACIONAL DE
ARTESANATO**

A Arte do Povo em suas Mãos

novembro de 1993
Minascentro - Belo Horizonte



Realização:

**MÃOS
DE
MINAS**

Apoio:

**SEBRAE
MG**

São Paulo — SP

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado
de São Paulo

Prezado Senhor Doralécio Soares,

Com grata satisfação enviamos-lhe exemplar do livro-arte "Brinquedos Tradicionais Brasileiros", que o SESC de São Paulo acaba de publicar.

Agradecemos a contribuição oferecida por Vossa Senhoria, o que tornou possível essa realização.

Cordiais saudações

Renato Requiza
Diretor do Departamento Regional

140º ANOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO

A Fundação Catarinense de Cultura, através da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, tem o prazer de convidar V. Sa. e sua família para solenidade de encerramento das comemorações do seu 140º aniversário, com o coquetel que oferecerá em homenagem a todos aqueles que contribuíram para o seu desenvolvimento.

Dia 31 de maio de 1994

Local: Hall de Entrada da Biblioteca Pública
Florianópolis — SC



Florianópolis — SC

A Editora Paralelo 27, tem o prazer de convidar V. Sa. para o coquetel de lançamento do livro

O PICO DO INFERNO *de* **Cácia Leal do Nascimento**

A 26 de maio

Av. Rubens de Arruda Ramos, 1.438 (Beira Mar Norte)

Florianópolis — SC

Várias Faces, novela em três atos, do escritor Salim Miguel, em lançamento da Editora Movimento/RS e a FCC — Edições/SC. Também está à disposição dos interessados PRIMEIRO DE ABRIL, de autoria do mesmo autor, editado pela José Olympio/RJ. Aconteceu no Museu Histórico Cruz e Sousa, na Praça XV de Novembro em Florianópolis, com apoio ACECOM — Imprensa Universitária/UFSC.

Florianópolis — SC

"CHAMPAGNE" — A Editora PARALELO/27, com a participação do Bar e Restaurante PIRÃO, procederam o lançamento do livro CHAMPAGNE de Berenice Dunbar, na Avenida Beira Mar Norte, a 05 de dezembro último.

Florianópolis — SC

O Studio de Artes, de Florianópolis, reuniu em Exposição as pinturas do artista plástico PAULO SILVEIRA DE SOUZA, em dezembro do corrente ano. Paulo e Rosa Corrêa, dizem do autor: Momentos e lugares dos quais apenas fragmentos restam em nossa memória, são coletados, resgatados e restaurados por PAULO SILVEIRA DE SOUZA, permitindo-nos reviver sentimentos de emoções esquecidos ou adormecidos, que em suas telas tornam-se presentes e eternas.

Florianópolis — SC

"Poderes Poderes" — Júlio Paupitz Filho

A Editora Paralelo 27, fez o lançamento do livro de Júlio Paupitz Filho, "Poderes Poderes" a 28 de dezembro de 94, com a presença de elevado número de intelectuais e escritores de Santa Catarina, no Restaurante e Bar Pirão, na Av. Beira Mar Norte.

Florianópolis — SC

A Fundação Franklin Cascaes e Letras Contemporâneas, procederam o lançamento do livro "Flagrantes do Cotidiano". Uma publicação de doze contos vencedores do Prêmio Franklin Cascaes de Literatura, instituído pela referida Fundação. Aconteceu na Fratellanza Restaurante, à rua Trajano (Escadaria do Rosário), a 16 de dezembro.

Florianópolis — SC

EDITORA DA UFSC — Campus Universitário, Trindade, Florianópolis.
Procurando despertar em você o sentimentalismo poético, a Editora

Flores da Cunha — RS

SABEDORIA NOS PÁRA-CHOQUES. Extraordinária pesquisa dos irmãos Santos Carlos e Antônio Coloda, de Flores da Cunha, RS. Oferece ao leitor brasileiro uma preciosidade em sabedoria popular. Os outros têm convivência em Florianópolis, pois integram o "GRÊMIO RECREATIVO e Escola de Samba CONSULADO". A obra na sua 3ª edição — 1988.

São José dos Campos — SP

BILLINGS VIVA, é um projeto Abaçai — Cultura e Arte, pesquisa, fotos e textos — Toninho Macedo. Disserta sobre coisas relacionadas à vida cotidiana, onde os "BILLINGS" que envolvem os costumes, protegendo-os contra as destruições, principalmente os mananciais. É um obra valiosamente ilustrada, onde a natureza é focalizada com destaque.

Belo Horizonte — MG

POESIA — Márcio Almeida — Prêmio Emílio Moura de Poesia, 1977. Antonio Barreto: Prêmio Remington de Poesia, 1977 — Belo Horizonte, n° 3 "Casa da Poesia — Editora. A publicação "POESIA", reúne poesias de autores diversos, entre os quais destacamos: Ana Maria Viegas, Domingos Pellegrinni Jr., Arthur Kampela, Max Figueredo Postes, Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho, Geraldo Dias da Cruz, Célia Pinto da Costa, Júlio Cesar Monteiro Martins, Carlos Nejar, Márcio Almeida, Antonio Barreto e outros.

* * *

Plantas Medicinais e Benzeduras — Téo Azevedo. "Como curar com ervas e rezas". O autor faz a seguinte dedicatória: "Este livro é dedicado a todos os benzedores, raizeiros etc.". Gente simples do sertão que vive do seu trabalho sertanejo, e não faz profissão do seu conhecimento de medicina popular, trabalhando somente com a intenção de fazer o bem ao próximo. Téo Azevedo.

São Paulo — SP

Nota de falecimento

Com pesar o nosso Boletim registra o falecimento da Professora Zilda Moreira Rangel, ex-presidente da Associação Brasileira de Folclore, e do Museu de Folclore "Rossini Tavares de Lima, ocorrido em setembro último, na cidade de São Paulo.

A extinta foi homenageada com uma missa em ação de graças na igreja da Paróquia de São Francisco de Assis, na Vila Clementino, onde estiveram presentes convidados e sócios da ABF. A Comissão Catariense de Folclore ao registrar a ocorrência, se associa pesarosamente às homenagens prestadas à digníssima extinta.

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura e a Editora Lunardelli convidam para o coquetel de lançamento do livro *FACA CEGA*, do jornalista Marcelo Passamai e abertura da exposição do artista plástico Everaldo Rocha, no dia 15 de setembro, no Palácio Barriga Verde, sede da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

Florianópolis — SC

N. S. do Desterro, 10 XI 93

Prezado amigo:

Estamos lançando o livro "OS ESQUECIDOS DO BRASIL" (contos premiados) de OLSEN JR, sexta-feira no Largo da Alfândega, a partir das 18 horas. Gostaríamos de contar com a V. participação. Serviremos um uisquesinho (será que é uisquinho) para alegrar o bate-papo. Sua presença será muito importante para o sucesso do evento.

Florianópolis — SC

CONVITE

O Governo do Estado de Santa Catarina e a Fundação Catarinense de Cultura têm o prazer de convidar V. Sa. e Exma. família para o lançamento do Livro Guia dos Bens Tombados — Santa Catarina de autoria do Prof. Alcídio Mafra de Souza.

Na oportunidade, será inaugurada exposição do Arq. Cyro Corrêa Lira, com desenhos que ilustram a obra.

10 de dezembro

Palácio Cruz e Sousa

Paraíba — PB


FUNESC
FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL DA PARAÍBA



**XILOGRAVURA
DO CORDEL'A GALERIA**

01 A 15 DE NOVEMBRO DE 1993

JOÃO PESSOA - PB

SEMINÁRIO

LITERATURA DE CORDEL:
MEMÓRIA, VOZES, IMAGENS,

BOLETIM INFORMATIVO Nº 1
JULHO - 93



II CONGRESSO DE
Escritores
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

UBE

União Brasileira de Escritores

Rua 24 de Maio, 250 - 13º andar

São Paulo - SP - Brasil

1, 2 E 3 • DEZEMBRO • 93

SÃO PAULO - BRASIL



Boletim

da Comissão Paraibana de Folclore

ANO 1 - Nº 2 - JOÃO PESSOA - AGOSTO - 1993

DIVINÓPOLIS — MG

FESTA DA CRUZ
DA COMUNIDADE RURAL DE LAGOA - DIVINÓPOLIS - MG

durante o período de 20 a 29 de agosto de 1993,

ABERTURA: 20 DE AGOSTO - LOCAL: CENTRO DE ARTES DE DIVINÓPOLIS

Apresentação do texto
cantado por membros do
Conselho Paroquial da
Comunidade de Lagoa.


Governo de Divinópolis
QUALIDADE EM SERVIÇO PÚBLICO

Exibição de vídeo
documentário sobre a
Festa da Cruz, em 1993,
na Comunidade de Lagoa.

Florianópolis — SC

SANTA CATARINA nos últimos anos tem sido farta na edição de obras de autores diversos. A Editora Lunardelli nos deu "Cambada de Mentiroso", crônicas dos autores: Flávio José Cardozo, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Júlio Queiroz, Sérgio da Costa Ramos, Silveira de Souza e Silveira Junior.

HOLDEMAR MENEZES — Literatura e Resistência. (Organizadores): Iaponan Soares e Salim Miguel. Editora Lunardelli.

As duas mortes de Crispim Mira. Autor: Francisco José Pereira, com apresentação de Eglê Malheiros. Editora Lunardelli.

Fazendo a Cabeça. Jornalista Mário Pereira, diretor de redação do Jornal O ESTADO, nos apresenta uma polêmica obra, corretamente escrita, a qual vem enriquecer a Literatura Catarinense. Edição PARALELO 27.

Florianópolis — SC

Sussurros — Mibel. A poetisa Miriam Beltrão Carvalho, nos brinda com o seu livro de poesias "Sussurros", com uma coleção de belas poesias. Sentimentalista, expressa em todas as suas composições uma pureza de sentimentos envolvidas de amor e carinho ao seu próximo. Do cotidiano extrai os motivos que desenvolve com muita expressividade. É realmente uma obra que deve ser lida e meditada.

Florianópolis — SC

Oitavo Anão — Honorato Antônio Tomelin. Editora Paralelo 27.

Tomelin, reuniu em volume as suas várias crônicas publicadas nos jornais de Florianópolis, principalmente no Jornal O Estado. Analisa os assuntos nos seus debates, não é fácil. Através de Oitavo Anão, ele analisa assuntos políticos sérios e humoristicamente com a sua verve, vai nos oferecendo uma crítica explícita em todos os assuntos abordados. É realmente uma obra que deve ser lida e analisada. Tomelin sabe convencer o leitor, através de suas críticas contundentes.

Florianópolis — SC

Transação — Alcides Buss. M. A. L. Edições. Alcides Buss, é um autor produtivo, pois são várias as suas obras publicadas. Dotado de alta sensibilidade, nos tem oferecido poesias que o classifica como um dos melhores poetas catarinense da atualidade.

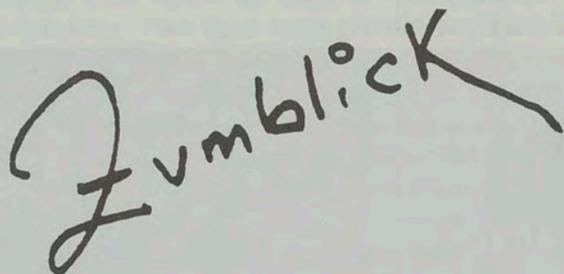
Florianópolis — SC (Argentina)

A Biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore, foi enriquecida

com o recebimento das seguintes obras: Dicionário de VOCES Y EXPRESIONES ARGENTINAS, (Temas Argentinos) de FÉLIX COLUCCIO, Secretário de la Comisión Internacional Permanente de Folklore.

Florianópolis — SC

A Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, a Secretaria de Estado da Casa Civil e o Instituto Histórico de Santa Catarina, têm o prazer de convidar Vossa Excelência e Excelentíssima Família para a solenidade de lançamento do livro



Uma História de Vida e de Arte

de autoria da Professora Lélia Pereira da Silva Nunes, no dia dezoito de março, às 20 horas, no Palácio Barriga-Verde.

A apresentação da obra coube ao Prof. Nereu do Valle Pereira da UFSC que, enaltecendo a cultura artística do homenageado, disse da obra de Willy Zumblick desenvolvida no Estado de Santa Catarina, durante a sua profícua existência entre nós, dizendo de sua paixão pelas Bandeiras do Divino, levando a ser cognominado de o pintor das "Bandeiras do Divino", pelo elevado número de telas existentes em Santa Catarina.

O ato contou com a presença do Dep. Pedro Bittencourt Neto, Presidente da Assembléia Legislativa, e elevado número de intelectuais e autoridades públicas.

A solenidade foi abrilhantada com a presença de um grupo de "fólios" com a Bandeira do Divino, o príncipe e a princesa num trono condignamente instalado no hall da Assembléia, onde se processou a solenidade.



Professora Lélia Pereira da Silva Nunes, proferindo o seu discurso no Clube 7 de Julho em Tubarão.

das festas tradicionais e dos principais episódios históricos acontecidos em Santa Catarina como: A proclamação da República Catarinense em Laguna a 22 de julho de 1839 ilustrada na tela "A proclamação da República Juliana"; ou ainda: "O Fuzilamento do Barão de Batovi" (1894) — obra queimada no incêndio que destruiu o prédio sede da Assembléia Legislativa Catarinense em 1956.

Por seu trabalho no resgate e na ilustração da história catarinense, figura merecidamente nos quadros do Instituto Histórico e Geográfico como sócio efetivo da Casa de José Boiteux.

Zumblick, há 64 anos vem registrando aspectos da vida popular. Explorando cada momento por mais simples que possa ser. Desde os primeiros desenhos a crayon ou a aquarela, das lições de seu mestre Frederico Guilherme Lobe, da primeira exposição em 1939 na cidade de Tubarão ou por ocasião da primeira exposição na Capital do Estado — no hall do antigo Cine Rex — as telas se multiplicaram, os modelos e os motivos também. Mas cada uma guarda um encanto especial e fascina o admirador comum — identificado com as pessoas, os fatos e os atos ali fixados e que formam o "Universo de Zumblick".

Por um período de tempo tive a honra de penetrar neste Universo e promover o resgate de sua obra, hoje expressa em mais de 5.000 trabalhos em óleo sobre tela, além das esculturas, dos painéis, dos murais e ainda dos retratos de personalidades da sociedade brasileira e catarinense e as caricaturas (mais de 400, sempre acompanhadas de quadrinhas de pé quadrado).

Tive momentos de intensa emoção durante a realização deste trabalho. Quando, por exemplo, na ocasião que recebi um cartão de Zumblick contendo esta quadrilha:

*"Se pouco ou nada em troca eu possa dar. . .
Meu nome, gravado por artífice do saber
Tenham a certeza que, aqui sempre vou estar,
Mesmo que a morte interrompa este meu querer. . ."*

Compreendi que se o registro de sua obra era relevante para os catarinenses de hoje e de amanhã, para Zumblick representava a realização de um acalentado sonho. Senti-me pequena ante tão grande responsabilidade.

Ao conhecer Zumblick e sua obra, conheci Willy Alfredo Zumblick — a identidade do cidadão que por sua atividade em defesa das causas sociais e do desenvolvimento de Tubarão, tornou-se credor da admiração dos tubaronenses e catarinenses.

"Zumblick, uma História de Vida e de Arte"

Discurso da Professora Lélia Pereira da Silva Nunes, autora da obra "Willy Zumblick, uma História de Vida e de Arte", no seu lançamento em Tubarão e Assembléia Legislativa.

Lançamento Oficial:

Em Tubarão — Clube 7 de Julho — 11/3/94

Florianópolis — Assembléia Legislativa — 18/3/94

"Zumblick, uma História de Vida e de Arte" — que nesta noite apresentamos é fruto de intensa pesquisa e estudo sobre a obra do artista plástico tubaronense Willy Alfredo Zumblick.

Constitui-se de duas partes: a primeira — relata a vida, carreira e obra de Zumblick produzida especificamente sobre a temática histórica e cultural de Santa Catarina, cronologia e manuscritos inéditos.

A segunda — refere-se às obras pictóricas, onde figuram oitenta e seis trabalhos óleo sobre tela que representam as grandes vertentes temáticas: Bandeira do Divino, Contestado, Trajetória de Anita e Cultura Popular.

O interesse pela obra de Zumblick é anterior a este trabalho e está solidamente vinculado às minhas raízes tubaronenses, à minha infância e adolescência vividas na Rua Coronel Colaço. A mesma rua, onde na Ótica Zumblick o artista exibia os seus quadros e que inúmeras vezes contemplei. Por esta razão, seu Willy, este livro é uma homenagem ao senhor e a sua arte que sempre admirei e permita-me dizer: — é também uma homenagem a Tubarão.

Como pesquisadora e estudiosa das manifestações da Cultura Popular Catarinense, encontrei no acervo artístico de Zumblick um componente importante da memória social e cultural barriga-verde. Ao documentar seu valioso acervo artístico, procurei mostrar o seu imenso valor como ilustrador da história, dos costumes e das tradições de Santa Catarina.

Sua Arte é Vida e seus trabalhos numa explosão de humanismo e sensibilidade falam do cotidiano, dos tipos humanos, dos folguedos,

Em 80 anos, o trabalho, o amor a sua terra e o idealismo pautaram sua existência.

Este trabalho, "seu Willy", é uma homenagem ao artista Zumblick e ao cidadão Willy Alfredo Zumblick que tanto dignifica o Estado de Santa Catarina.

Muito Obrigado

Agradecimentos:

1. Senador Esperidião Amim Helou Filho — pelo apoio irrestrito a este trabalho, oportunizando a sua edição.
2. À Secretaria de Estado da Casa Civil, por intermédio de seus ilustres secretários: deputado Pedro Bittencourt Neto (hoje Presidente do Legislativo Catarinense) e deputado Leodegar Tiscosky.
3. Ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, à Comissão Catarinense de Folclore e à Fundação Açorianista.
4. Ao senhor Renzo Viggiano, responsável pelo projeto gráfico.
5. Aos familiares de Zumblick, especialmente a Marcos e Zélia Zumblick, no auxílio à pesquisa documental e a Willy Zumblick, por ter permitido e facilitado o acesso ao seu arquivo, apoiando e ajudando em todas as fases do trabalho.

NOTICIÁRIO

Tubarão, SC

Lanche da Amizade — 40 anos. O "PÃO por DEUS", surpreendem senhoras no lanche da Amizade.

As vinte senhoras que participaram do "Lanche da Amizade", em Tubarão, foram surpreendidas com um dos motivos da "cultura popular" catarinense.

Por iniciativa das senhoras Waldemar Búrigo Balsini, Lorença D'Alás-cio e Rosa Siebert, o convite do lanche de dezembro teve por finalidade resgatar uma das mais bonitas tradições catarinense, o "PÃO POR DEUS". Cada convidada foi agraciada com um "Pão por Deus", em forma de um lindo coração, que pedia em forma de verso a doação de peças de enxoval para recém-nascidos.

Todas as senhoras responderam com alegria e entusiasmo o carinho do convite. O lanche atingiu o seu objetivo, com expressivo número de peças arrecadadas.

Registrando o acontecimento em nosso Boletim, a Comissão Catarinense de Folclore parabeniza as coordenadoras do Lanche por tão significativo ato, utilizando a nossa Cultura Popular, como expressão de fraternidade.

Florianópolis, SC

A professora Lélia Pereira da Silva Nunes, nos AÇORES.

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Representando esse Instituto, a Professora Lélia Pereira da Silva Nunes, participou do "XIII Seminário Portugal Atlântico e Açorianidade", e do "VIII Encontro de Língua e Cultura Portuguesa", realizado de 18 de julho a 6 de agosto, nas Ilhas de São Miguel e Terceira no Arquipélago dos Açores/Portugal. O evento foi patrocinado pelo Governo Regional dos Açores, através do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, que tem na sua direção o ilustre Professor Duarte Manuel Bettencourt Mendes.

Ao regressar do importante Seminário a distinguida Professora Lélia, presente à sessão ordinária mensal do Instituto Histórico e Geográfico, do qual é Secretária, teceu considerações sobre o Seminário, dizendo do êxito do encontro.

Florianópolis — SC

O **HOMEM DA ILHA**. Cel. Hugo Stoekler de Souza. A obra reúne "estórias" dos pioneiros da caça submarina na Ilha de Santa Catarina. Amplamente documentada com fotos valiosas e importantes narrativas de inúmeros afeiçoados a essa prática esportiva, que dá a Santa Catarina destacado relevo na caça submarina no Brasil. A Comissão Catarinense de Folclore registra com prazer o recebimento da obra, composta e impressa pela Editora Gráfica COPIART Ltda., numa edição especial de lançamento da FCC, tendo a participação de Tulio Carpes, na organização e assessoria de editoração.

Florianópolis — SC

O artista plástico **HASSIS** permanece na crista da onda!

O Museu Victor Meirelles distribuiu convites para a Exposição de **DESENHOS** do artista plástico Hassis, de 21 de dezembro a 15 de fevereiro de 1995.

O Museu Victor Meirelles integra o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional da 11ª Coordenadoria Regional de Santa Catarina, Ministério da Cultura.

O crítico de arte Osmar Pisani, com o título "Um registro emotivo da paisagem", discorreu sobre o trabalho desenvolvido por Hassis em Santa Catarina. Já o artista plástico **JANGA**, membro da ABCA AICA e Presidente da Câmara de Arte e do Conselho Estadual de Cultura, com o título: "O domínio do traço e a inquietação criadora", discorreu sobre o trabalho e personalidade do artista plástico Hassis.

O Museu do Ribeirão da Ilha passou a denominar-se de **ECOMUSEU** do Ribeirão da Ilha. Casa Rural Açoriana, e merece ser visitado pelo seu original e ecológico acervo.

Florianópolis — SC.

Grifos & Emblemas. Poeta contista Hugo Mund Junior.

Em nosso Boletim 41-42, dezembro de 1990, à p. 87, relacionamos as obras produzidas por este poeta catarinense.

Florianópolis — SC

Primeiro de Abril, de Salim Miguel, é mais uma obra de sua autoria, com orelha de Moacir Werneck de Castro, que vem enriquecer a literatura catarinense. Edição José Olímpio.



UnC - Universidade do Contestado
- apostando num futuro superior -



Prefeitura Municipal de Caçador
- no rumo certo -

III ENCONTRO CATARINENSE DE MICRO HISTÓRIA



- * Conferências e palestras
- * Relatórios de pesquisas e comunicações
- * Mesa-redonda e debates
- * Atividades Culturais

REALIZAÇÃO:

De 31 de agosto a 2 de setembro de 1994

Florianópolis — SC

Nereu do Vale Pereira — Os Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina. A etnografia catarinense foi enriquecida com esta obra do professor Nereu do Vale Pereira. É uma obra completa sobre o assunto que vem sendo solicitada por interessados de várias partes do Brasil, principalmente de Minas Gerais. Editada pela Fundação Cultural Açorita em 1992, vem ao encontro de uma cultura amplamente difundida em Santa Catarina.

São Francisco do Sul — SC

Refúgio de Emoções. Poetisa Isaura Freitas, natural de São Francisco do Sul, reúne poesias de uma sensibilidade poética das mais destacadas. As suas poesias vão ao encontro de coisas nossas, cheias de amor e sentimentos nobres. São todas lindas, e entre as mais belas assinamos "Pétalas de Amor".

Florianópolis — SC

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. A Comissão Catarinense de Folclore, registra em seu Boletim o seu recebimento, referente a 3ª fase nº 11/1992.

CONVITE

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, tem o prazer de convidar Vossa Excelência para a sessão cultural em que o seu Sócio Emérito THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ falará sobre "Três Doutores da Mata de Itajaí" (Dr. Hermann Blumenau, Dr. Fritz Müller e Dr. Emil Odebrecht), no Auditório do Palácio Cruz e Sousa, a 6 de maio de 1994, às 15 horas.

SÍNTESE BIOGRÁFICA

O jornalista THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ é natural do Recife (PE) onde nasceu em 10.03.1914. Filho de Tiburtino Costa e Luzia Jamundá Costa. Foi casado com Dona Ruth Odebrecht Jamundá e, do matrimônio, tem três filhos.

Além de intensa atividade jornalística, Theobaldo Costa Jamundá publicou: *Indaial*, 1943; *O Itajaí-Açu e outras Águas*, 1945; *Interpretação Regional do Município de Rodeio*, 1948; *Recensão crítica de Emilio Willems*; *A aculturação dos alemães no Brasil*, 1950; *Anotações na Paisagem Rural*, 1953; *Sobre Associativismo Rural*, 1964; *Professor, aqui está seu quadro para giz*, 1966; *Um Alemão Brasileiríssimo o dr. Blumenau*, 1966; *Nereu Ramos — o da hora da reconstrução nacional*, 1968; *Catarinensismos*, 1974; *Theagá*, 1977; *Os carijós lá nas raízes*, 1987; *A águia da tua bandeira*, 1988; *O Barriga-verde — versões e versões*, 1989.

Co-autoria: *História de Santa Catarina*, Ed. Grafipar, 1970; *Povo e Tradição*, Edeme, 1971; *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*, 1972.

Folhetos e Separatas: *Aleluia da desculpa*, Edições Sanfona, 1985; *Pontos nos iis — carta a Doralécio Soares*, 1982.

Associações Culturais a que pertence: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; Academia Catarinense de Letras; Comissão Catarinense de Folclore; Associação Brasileira de Imprensa; Sociedade Catarinense de Engenheiros Agrônomos; Instituto Brasil-Estados Unidos; Academia Pernambucana de Letras; Academia de Artes e Letras de Pernambuco; Academia Piauiense de Letras; Academia Sobralense de Estudos e Letras; Academia Paranaense de Letras; Academia Goiana de Letras;

Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.

Homenagem: a Prefeitura Municipal de Indaial denominou seu Arquivo Histórico Municipal de **THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ** (1994).

Florianópolis — SC

O Conselho Estadual de Cultura e a Academia Catarinense de Letras, têm a honra de convidar Vossa Senhoria e distinta família para a sessão solene de homenagem ao escritor **Theobaldo Costa Jamundá**, pelo transcurso de seus oitenta anos.

Data: 11 de abril de 1994

Horário: 17 horas

Local: Academia Catarinense de Letras



Theobaldo Costa Jamundá
Recife, PE, 1914, nesta foto aos 56 anos.

Florianópolis

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, tem o prazer de convidar Vossa Excelência para a sessão cultural em comemoração ao centenário de nascimento de ILDEFONSO JUVENAL e ao bicentenário de nascimento de JOSÉ GONÇALVES DOS SANTOS SILVA.

- Palestra do Dr. NORBERTO ULYSSÉA UNGARETTI acerca de JOSÉ GONÇALVES DOS SANTOS SILVA, no bicentenário do seu nascimento.
- Palestra do Prof. WALTER F. PIAZZA sobre ILDEFONSO JUVENAL no centenário do seu nascimento.

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa

Data: 8 de abril de 1994



Major Ildefonso Juvenal

Florianópolis — SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Pedro Bittencourt Neto, tem a satisfação de convidar Vossa Excelência para a abertura da Exposição da Artista Miriam Baêta, a realizar-se no dia 21 de março de 1994, na Galeria de Arte do Palácio Barriga-Verde.

Florianópolis — SC

A FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES tem a satisfação de convidar para o lançamento do Concurso de Contos — "Prêmio Franklin Cascaes de Literatura" — a realizar-se no dia 20 de abril de 1994, no Salão Martinho de Haro do Museu Cruz e Sousa.

ESCOLA DE OLEIROS É MODELO EM TODO ESTADO

A escola possui até o momento 30 alunos. Futuramente pretende confeccionar figuras.

Continua funcionando, a todo o vapor, a Escola de Oleiros ligada à Secretaria Municipal da Educação e Cultura, de São José, destinada a alunos interessados em aprender a criar peças utilitárias em cerâmica. Funcionando em três turnos, com três professores, a escola possui intercâmbio com a Universidade Para o Desenvolvimento de Santa Catarina (Udesc), responsável pelo aperfeiçoamento das peças fabricadas. Segundo Mariangela Leite, diretora do estabelecimento, "tudo funciona bem e agora com perspectivas de melhorar ainda mais". Ela informou que com o concurso público, promovido pela prefeitura, o quadro de professores vai aumentar, pois o concurso prevê duas vagas para a escola. Disse também que a escola será destaque de dois encontros que acontecerão ainda nesse mês, em São José: o 1º Encontro Municipal da Cultura Açoriana, no dia 13, e o 2º Encontro Inter-Institucional da Cultura Açoriana do Litoral Catarinense, no dia 20.

A Escola de Oleiros, fundada há cerca de três anos, é mantida pela Prefeitura Municipal de São José, que cede material e professores, sendo que um deles — "o seu Duca" é o primeiro oleiro profissional da região. "Não temos tido problemas", salientou Mariangela. Disse que a escola possui atualmente 30 alunos matriculados, que fazem o seu próprio horário, optando pelos períodos matutino, vespertino ou noturno. Os alunos fabricam peças utilitárias, como cinzeiros e vasos, mas com a admissão futura de mais dois professores, vão confeccionar, também, figuras.

A diretora da escola informou ainda que técnicos de outras secretarias da Educação estão interessados em implantar em seus municípios, projetos baseados no modelo de São José. Na semana passada, um professor da Secretaria de Canoinhas ficou no local estudando todos os passos da Escola de Oleiros, para montar um estabelecimento similar em sua

cidade, com meninos de rua. O mesmo fará a funcionária da Secretaria de Rio do Sul, que vai repassar tudo o que aprender em São José, para educadores de seu município.

Sobre o 1º Encontro Municipal da Cultura Açoriana, que vai acontecer no Teatro Adolpho Mello, no próximo dia 13, Mariangela adiantou que vão participar educadores da região que terão "uma noção do estado em que se encontra a cultura no município". Os professores irão a campo para ver o que restou dela e vão traçar um mapeamento. Mariangela ressaltou que as cidades de Palhoça e Biguaçu estão pelo menos um ano à frente dos estudos sobre a cultura açoriana, comparadas com São José. Mas salientou "o apoio" que vem tendo da administração municipal quanto a esse aspecto.

Mariangela garantiu que tanto esse evento, como o 2º Encontro Inter-Institucional da Cultura Açoriana do Litoral Catarinense vão dar "destaque à Escola de Oleiros de São José".



A Escola de Oleiros é mantida pela Prefeitura Municipal de São José. A escola foi fundada em 1991.

Transcrito do Jornal "O Estado", 01/09/94

Florianópolis — SC

Telhado de Vidro (Catarinárias), autor Dorvalino Furtado Filho, esta foi a obra "que relata os bastidores da política catarinense. Tudo o que os jornais não publicaram. Evolvente e bem humorado. Você não pode perder" O lançamento foi patrocinado pela Editora Paralelo 27 e a Editora Lunardelli, no Bar e Restaurante PIRÃO, na Avenida Beira Mar Norte, em dezembro do corrente mês, em Florianópolis.

A Fundação Catarinense de Cultura
tem a satisfação de convidar para o lançamento
do livro **ASASAZUIS**, de Cláudio Dutra,
vencedor do Prêmio Luís Delfino de Poesia — 1992
no dia 8 de dezembro de 1993

no Bar e Restaurante Reçaka
Av. Beira-Mar Norte, 1.478
FLORIANÓPOLIS — SC

Olímpia — SP

ACORDA POVO! — Laura Della Mônica. A professora Laura Della Mônica é uma produtora incansável, intelectualmente falando. Não pára nunca. Creio que ela parte do princípio! "Aquele que não parou, já está tão distante que dificilmente será alcançado". Della Mônica, pouco a pouco, foi concluindo os seus cursos a nível superior, que hoje abranje: Titular das Cadeiras de História da Arte e Estética, e Folclore Brasileiro, PUCCAP e Faculdade de Ciências e Letras de Araras — SP. O seu recente livro "Acorda Povo", lançado em Olímpia é uma obra que foi preparada e lançada no 1º Simpósio Nacional sobre Folclore em Olímpia, em agosto de 1986, como evento 22º Festival do Folclore, de 10 a 17 de agosto, 1986.

Diz Wilson Zangirolami, ex-Prefeito, prefaciando, que o Manual "Acorda, Povo!" — "Nele são enfocados os depoimentos de diversos estudiosos da ciência folclórica, para uma reciclagem durante o referido Simpósio".

Os depoimentos apresentados pelos doutos no assunto, são realmente de um valor extraordinário, que analisados na minha opinião, poderão servir de parâmetro para o estudo e análise que se pretenda fazer no próximo Congresso Nacional de Folclore, da Carta Magna do Folclore Brasileiro.

Florianópolis — SC



DORALÉCIO SOARES, NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

Por indicação da Professora Lélia Pereira Nunes, o nosso editor, folclorista Doralecio Soares, é aceito por unanimidade pelos integrantes do Instituto Histórico de Santa Catarina.

A professora Lélia ao indicar o postulante, assim se expressou: Senhor Presidente. Na qualidade de membro efetivo deste Instituto, tenho a honra de apresentar o jornalista, escritor e pesquisador, Prof. Doralécio Soares, para integrar o quadro de sócio efetivo deste centenário e ilustre Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, na forma do artigo 7º e seu parágrafo, do nosso Estatuto.

Seu trabalho frente à Comissão Catarinense de Folclore, é reconhecido nacionalmente. Com esforço e dedicação ao longo dos anos, tem levado em frente o trabalho que desenvolve na Comissão, no resgate e registro das normas mais legítimas das manifestações da cultura popular no Estado Catarinense.

Ao conduzi-lo como membro deste colendo IHGSC, presto também uma homenagem à Comissão Catarinense de Folclore e a todos seus membros, que sempre trabalharam para que o Boletim dessa Comissão fosse o porta-voz dos usos e costumes da gente catarinense.

Com os protestos de minha elevada estima e distinta consideração agradeço sua inestimável atenção que o caso requer.

Atenciosamente,

Lélia Pereira Nunes
1ª Secretária do IHGSC

VOZES VELADAS: Eglê Malheiros

LEITURA DRAMÁTICA PELO GRUPO TEATRO NOVO/UFSC

Dia: 25/08/94 — Hora: 20h30min — Local: MUSEU CRUZ E SOUSA

Elenco: Cruz e Sousa/Ponto — Ismar Medeiros. Diretor da Companhia: Luís Cútolo, Araújo Figueiredo — Osmar Comes. Gavita e Mãe: Ivâna Maria Fossari. Huminação: Márcio Tessmann. Direção: Carmem Lúcia Fossari. Apoio: Dac/UFSC e Museu Cruz e Sousa.

Aconteceu no auditório do Museu Cruz e Sousa. Foi realmente uma excepcional adaptação da peça de Eglê Malheiros ao brilhante texto poético de Cruz e Sousa. Mesmo tratando-se de uma peça com texto



lido, nos foi transmitido pelo elenco sob a direção de Carmem Fossari, de maneira correta, mostrando à seleta assistência o que será da grandeza da peça quando for encenada pelos seus protagonistas na sua autenticidade completa.

O texto da Eglê, pelo seu conteúdo se entrelaça no gênio poético de Cruz e Sousa pela sua poesia, levada pela tragédia que envolveu a sua vida.

Seguiu-se alguns debates, com manifestações de alguns assistentes.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

HONRA AO MÉRITO — Em sessão considerada histórica, por ter sido realizada no dia 22 de agosto, Dia Nacional do Folclore, a Comissão Catarinense de Folclore outorgou títulos de HONRA AO MÉRITO a conceituados folcloristas do Estado e do Brasil.

Por proposta do Presidente Doralécio Soares, foram concedidos aos velhos integrantes da Comissão, Prof. Walter Fernando Piazza, ex-Presidente da Academia Catarinense de Letras, e atual Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pela sua valiosa contribuição cultural ao Estado, através de inúmeras obras editadas na área de História e Folclore Catarinense.

Honra ao Mérito, "in memoriam"

Em sua sessão histórica, a Comissão Catarinense de Folclore homenageou o ex-Governador Pedro Ivo Campos, lhe outorgando o título de "Honra ao Mérito" *in memoriam* em reconhecimento por ter sido estabelecido pelo mesmo a efetivação do Dia do Folclore, também em Santa Catarina, e a criação da Lei nº 287, de sua autoria, que determina que o Dia do Folclore seja comemorado entre os alunos das Escolas de 1º e 2º graus, dando conhecimento à Comissão Catarinense de Folclore, para a qual, as Escolas deverão enviar relatórios alusivos aos trabalhos desenvolvidos nessa área.

Diante da proposta formulada pelo Presidente da Comissão, a mesma foi aprovada pela unanimidade dos presentes à sessão.

Ao pintor Willy Zumblick, cognominado o pintor das "Bandeiras do Divino", em reconhecimento pelo destaque impresso em suas obras na área da cultura, onde têm sido assinaladas as mais significativas passagens da cultura histórica catarinense; o MÉRITO da Comissão Catarinense de Folclore.

Ao escritor Theobaldo Costa Jamundá, ex-Presidente da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pela sua atuação na Cultura Erudita, Histórica e Folclórica através dos anos em nosso Estado.

Foram também outorgados com o MÉRITO da Comissão Catarinense de Folclore, os seguintes professores: Braulio do Nascimento, Vice-Presidente da Comissão Nacional de Folclore; Prof. Dr. José Sant'Anna, fundador e coordenador do Festival Nacional de Folclore, que anualmente se realiza em Olímpia, SP; escritor, antropólogo e folclorista,

Mario Souto Maior, autor de várias obras na área do folclore e da cultura popular brasileira; Dr. Saul Martins, antropólogo e emérito folclorista, autor de várias obras literárias, folclóricas e do artesanato de Minas Gerais.

Professora Cáscia Frade, presente ao I Encontro Catarinense de Folclore como convidada, proferiu brilhante palestra sobre a situação das Comissões Estaduais de Folclore no Brasil, no auditório do Museu Cruz e Sousa de Florianópolis.

HONRA AO MÉRITO, também foi conferido ao Museu de Folclore "Rosini Tavares" em São Paulo, pela valiosa contribuição ao Folclore Brasileiro, através dos cursos ministrados em sua Escola.

THEATRO "ADOLFO MELO" EM SÃO JOSÉ

Resposta ao "Peninha" — Gelsi José Coelho, do Museu de Antropologia da UFSC.

Doralécio Soares

"A COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, não é formada apenas por uma única pessoa, *um pernambucano etc.* Que maldade "peninha"! Muito embora você enalteça o trabalho que desenvolvemos frente a nossa Comissão, você ignora a sua própria existência, pois você a integra ao lado de mais de 12 (doze) membros, quase todos residentes em Florianópolis, além de outros em São Francisco, Tubarão e Joinville. Temos colaboradores em São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, dois em Pernambuco, um em Alagoas, da Professora Ana Maria Amaro em Cascaes, Portugal e Maria Alicia das Dores Galhoz em Lisboa.

Como vê "peninha", não é uma Comissão formada por uma pessoa só. Sua alusão a minha pessoa como "pernambucano"! Orgulho-me disto, visto que já fui agraciado com o título de "CIDADÃO HONORÁRIO FLORIANOPOLITANO", e o Governador Esperidião Amim, conferiu-me a MEDALHA E O CERTIFICADO de "Honra ao MÉRITO ANITA GARIBALDI".

Venha se juntar novamente a nós, e aprofundar as suas pesquisas sobre a origem do Boi-de-Mamão, para não chutar como você fez no artigo de Suely Aguiar "Especialistas discutem a cultura de SC", em o Estado de 24 e 25 de setembro, 1994. Você afirma que o significado do "Mamão" do folclore "boi-de-mamão", origina-se da pessoa que se enche de cachaça e brinca embaixo do boi, "bebe" ou "mama" cachaça, provindo daí o nome atribuído de Boi-de-Mamão. Você naturalmente desconhece que o nome primitivo era "boi-de-pano", e que o de boi-de-mamão já existe desde 1840, conforme está registrado no livro de minha autoria BOI-DE-MAMÃO CATARINENSE editado pelo MEC em 1957. Segundo a pesquisa, um certo brincante ao se apresentar para o Governador em frente ao Palácio do Governo, fez referência mais de uma vez ao nome "boi-de-mamão", (isto em 1840).

PROJETO 42 CIDADES — O projeto desenvolvido em 42 cidades catarinenses que retoma as bases açorianas do folclore, é válido. É uma pena tenha se iniciado isoladamente.

LOJA DE ARTESANATO NORDESTINO — Quando a referência à “Loja Ana Carolina Artesanato” de minhas netas, é válida. Por que iria reunir artesanato catarinense, se já existe a Casa da Alfândega, que reúne artesanato de todo o Estado, prestigiando o artesanato catarinense.

REUNIÃO DA COMISSÃO A 22 DE AGOSTO ÚLTIMO — Foi a 22 de agosto último, isto é, de 1994, que a Comissão realizou uma reunião histórica, pois contou com a presença da Prof^a Cásia Frade, secretária geral da Comissão Nacional, cujo noticiário consta desta edição. A prof^a Lélia dos Santos Nunes, tesoureira da Comissão, e encarregada dos contatos, não conseguiu localizá-lo. Foi uma pena”

NOTICIÁRIO

Florianópolis — SC. 1994

Uma história de 244 anos! São José, força, tradição e trabalho. Alavanca do progresso.

Quando os primeiros casais açorianos chegaram a São José da Terra Firme, naquele distante 19 de março de 1754, plantaram a semente do trabalho e do denodo em terra fértil. Duzentos e quarenta e quatro anos depois, apesar dos problemas comuns a todas as cidades de crescimento acelerado, São José destaca-se no cenário estadual pelo seu desenvolvimento.

Transcrito do Suplemento Agrícola do Jornal O Estado.

Florianópolis — SC

A Academia Catarinense de Letras tem a honra de convidar V. Exa. e Família para a sessão solene de posse do escritor Hoyêdo de Gouvêa Lins na cadeira número onze, que tem como patrono Francisco Carlos da Luz e foi ocupada por Edmundo da Luz Pinto, Henrique Stodieck e Glauco Rodrigues Corrêa.

A solenidade terá lugar no auditório do Tribunal de Contas, no dia 05 de maio de 1994 e o recipiendário será saudado pelo Acadêmico Júlio de Queiroz.

Paschoal Apóstolo Pítsica
Presidente

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura convida
para o lançamento do livro

Altina

de Paulo Sá Brito

22 de setembro de 1994, na Cafeteria do Centro Integrado de Cultura (CIC), à Av. Irineu Bornhausen, 5.000.

Florianópolis — SC

A Editora da UFSC e a Fundação Catarinense de Cultura têm o prazer de convidar Vossa Senhoria e Exma. Família para o lançamento do livro A OBRA INÉDITA DE CARLOS DE FARIA E A GUERRILHA LITERÁRIA EM SANTA CATARINA, de Leatrice Moellmann.

Dia 29 de setembro
Palácio Cruz e Sousa

Florianópolis — SC

Teatro Álvaro de Carvalho
28 de setembro de 1994

Eudóxia de Barros

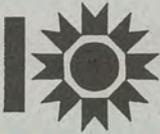
Uma homenagem da Prefeitura Municipal de Florianópolis ao centenário do Teatro Álvaro de Carvalho

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura e a Academia Catarinense de Letras convidam Vossa Senhoria e Exma. Família para o lançamento do fascículo TITO CARVALHO, Coleção Escritores Catarinenses, Série Resgate.

Data: 14 de outubro

Local: Sede da ACL, no Centro Integrado de Cultura, Florianópolis



Comissão Maranhense de Folclore

Bumba-Meu-Boi do Maranhão

NOTICIÁRIO — 1994

São Luís — MA

Como bem definiu o estudioso maranhense Domingos Viera Filho, o bumba-meu-boi é o "auto dramatizado, com uma constante temática conhecida, mas que se enriquece cada ano de novos elementos, tendo um elevado poder de comunicação porque funciona no plano sociopsicológico, como uma espécie de revista do ano".

Auto popular do Norte e Nordeste brasileiro, drama campesino ligado ao ciclo do gado, apresenta no nosso Estado características próprias e admirável desempenho.

Enredo

Basicamente em todos os grupos (ressalvadas pequenas diferenças), o enredo (auto) é o seguinte: Pai Francisco — escravo e vaqueiro de confiança do seu amo — o dono da fazenda — é obrigado a furtar e matar o boi de estimação do senhor para tirar-lhe a língua, obedecendo aos apelos e "desejos" de Mãe Catirina, sua mulher, que encontrava-se grávida. Fato consumado, chega ao conhecimento do amo, que enraivecido, manda fazer sindicâncias através de vaqueiros e índios para descobrir a verdade e o autor do crime. Pai Francisco é, então, encontrado, trazido preso, e por exigência do amo, morrerá caso não venha a "dar conta" do boi. Segue-se, então, uma verdadeira pantomima, cujo teor e finalidade são trazer o animal de volta à vida. Os doutores, pajés e curadores são chamados a intervir e, através de processos mágicos, com a ajuda de Pai Francisco, ressuscitam o boi. O boi "urra" novamente por entre o contentamento geral; Pai Francisco é perdoado e os brincan-

tes entoam cânticos de louvor, dançando em volta do animal na comemoração desse milagre da ressurreição.

No Estado do Maranhão, existem mais de 50 sociedades, cujos afeições brincam com o folguedo do BUMBA-MEU-BOI. São Bumbas de Orquestra, Matraca, Zabumba, "pandeiro costa de mão", e pandeirões, que disputam as simpatias do povo.

Têm Bumbas que percorrem as várias regiões do Estado, como profissionais do folguedo. Alguns grupos são maravilhosos, cujas vestimentas são orgulhosamente exibidas pelos brincantes, visto que são confeccionadas a custa do próprio. Já tive a oportunidade de vê-los pessoalmente e constatar as belezas dessas vestimentas e grandezas de suas apresentações, não somente no seu habitat, bem como no Rio de Janeiro.

Creio que irá haver oportunidade dos catarinenses apreciá-los, pois a Fundação Franklin Cascaes tem planos de no próximo ano realizar um Festival Nacional de Folguedos do Boi em Florianópolis, reunindo Bois de todos os recantos do Brasil.

Florianópolis — SC



Fundação Catarinense de Cultura, tem o prazer de convidar V.S^a. para a comemoração do Centenário do Teatro Álvaro de Carvalho, dia 05/09/94.

20 HORAS

Solenidade de abertura
do Centenário do TAC.

21 HORAS

Apresentação da Orquestra
de Câmara de Blumenau.

Convite individual.

TAC
100
ANOS
TEATRO
ALVARO DE
CARVALHO

FCC
Fundação
Catarinense de Cultura

BESC

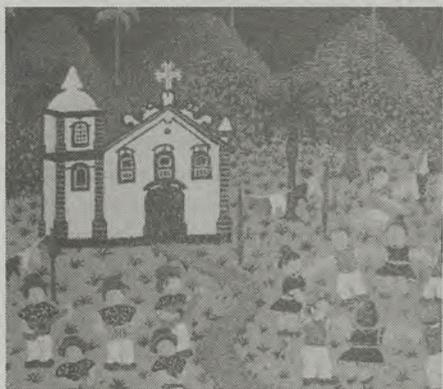
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS
GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

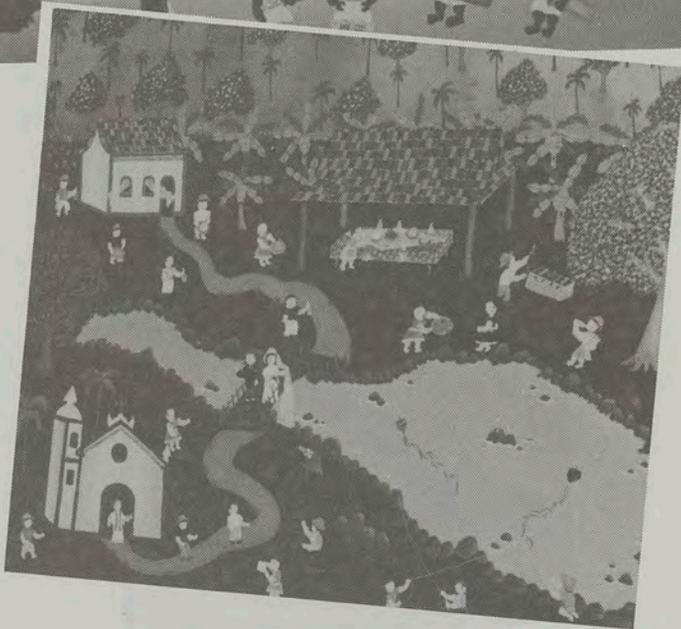
CAMPOS JUNIOR EXPOSIÇÃO DE PINTURAS

NO STUDIO DE ARTES — Florianópolis

A presença de Campos Junior em nossa programação comemorativa de 15 ANOS de atividades, marca mais uma vez nosso compromisso com a revelação de novos valores, posto que seus trabalhos, embora pouco conhecidos do grande público, possuem qualidades em colorido, lirismo e beleza, realçados por um indisfarçável sotaque ilhéu, que o destacam dentro do gênero "Naif".

Rosa e Paulo Corrêa





Terra Brasilis

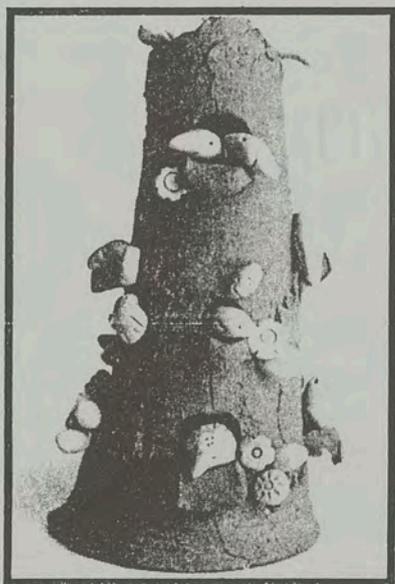
Em exposição na UFSC

SUELENA SEWAYBRICKER

Os trabalhos apresentados representam pequena amostra de um estilo que vai se consolidando. A cerâmica é o meio ideal para sua expressão artística. Volumes e cores se combinam em inúmeras possibilidades, mas sem perder o despojamento próprio das coisas que vêm da terra. Isto garante passar uma mensagem pura, sem artificialismos e tecnicidades que acabariam por escondê-la ou deturpá-la.

Assim, o trabalho usa diferentes argilas, que vão do branco mais claro ao vermelho mais vivo, às quais se acrescenta o engobe. São maneiras extremamente singelas de adicionarem-se cores às peças, permitindo a obtenção de sutis nuances. A modelagem segue o mesmo espírito e é feita basicamente com as mãos e pequenas ferramentas.

As formas resultantes são então o resultado de um contato muito estreito com a argila, demonstrando em toda a sua força a influência do artesanato brasileiro sobre sua obra.



ZACARIAS CARVALHO DE LIMA

A magia, aspecto tão profundamente engravado na psicologia do ilhéu, chega a ser uma marca dominante nas obras do artista. E com ela, surgem também os mitos e os já lendários motivos da ilha, como a rendeira, o bilro, a canoa, a ponte, o mar, o peixe-espada, o siri, o caramujo e o camarão.

A função mágica permite que estes elementos desencadeiem transformações, criando conjuntos insólitos, mas certamente compreensíveis à ótica habituada com a paisagem local, inclusive das pessoas simples. Trata-se de dar às coisas a sua dimensão poética, ou ver nelas certas relações subjetivas, ou até o lado imanente que as une e dinamiza. Com compreensível razão, a figura dominante é a dos bilros que, junto com os fios, criam tramas incríveis, envolvendo magicamente elementos tão díspares como rendeiras e redes de pescar, a ponte e o camarão.

Alcides Buss



Florianópolis — SC

AMPOLA — ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO PORTO DA LAGOA

Fundada em 15-12-85

Porto da Lagoa

Florianópolis — Santa Catarina



A Associação dos Moradores do Porto da Lagoa — AMPOLA, convida você e amigos a participarem conosco da tradicional Festa Junina, dia 11 de junho à partir das 18 horas. Com o objetivo de manter as tradições e o folclore nativo apoiamos projeto de arte-educação, desenvolvido em nossa Sede Social pela arte-educadora Graça Carneiro que apresentará a dança do Boi-de-Mamão com grupo infanto-juvenil num resgate da cultura local, envolvendo crianças, jovens, pais e toda comunidade na confecção e apresentação teatral.

Sua presença em nossa comunidade e a divulgação desta Festa de Integração serão importantes para o desenvolvimento de ações comunitárias.

Florianópolis — SC.

CONVITE

Tenho o grande prazer em convidar Vossa Senhoria e Ilustríssima família para participarem do lançamento dos livros "O Mundo dos Pequenos" e "Degraus", de minha autoria, que acontecerá no dia 09/11, na VIII Feira de Livro de Fpolis, da ACEL — Associação Catarinense de Editores e Livreiros —, no jardim do Palácio Cruz e Sousa, de 3 a 12 de novembro.

Nilson Mello

RODEIO, UMA TRADIÇÃO QUE SÃO JOSÉ CULTUA

No próximo dia 28 de abril, o CTG Os Praianos, de São José, promove o 23º Rodeio Crioulo Internacional, uma das maiores promoções populares do Estado, que atrai milhares de pessoas e participantes de diversos países do Cone Sul. O CTG Os Praianos hoje é considerado um dos melhores organizadores e de maior expressão de todo o movimento tradicionalista gaúcho, e há boas razões para tanto.

Segundo Barbosa Lessa, um dos mais conhecidos pesquisadores das tradições e do folclore do Rio Grande do Sul, o gaúcho é um povo nômade por excelência. Mas para onde quer que vá, ou onde quer que esteja, leva consigo as tradições mais arraigadas da cultura, e faz questão de dividi-las com os outros, plantando um pedacinho de sua terra mesmo nos rincões mais distantes. Os Centros de Tradições Gaúchas hoje espalham-se por todo o Brasil, chegando mesmo à Amazônia, numa comovedora demonstração de vitalidade de uma cultura e do amor de um povo à sua terra.

Na região metropolitana de Florianópolis, o CTG Os Praianos, de São José, hoje é uma lenda viva do melhor tradicionalismo riograndense fora das fronteiras do vizinho Estado.

Fundado em 1972 por um pequeno grupo, no qual pontificavam, entre outros, Walmor Schmidt, que foi seu primeiro "patrão", Antônio Crispim e Pedro Campolino, o CTG Os Praianos, em pouco tempo, incorporou-se definitivamente à vida social e cultural da região. É também um valioso patrimônio e um centro de eventos que dinamiza a vida econômica do município, realizando promoções — como os rodeios crioulos internacionais e interestaduais — que atraem centenas de milhares de pessoas.

As instalações do CTG ocupam 126 mil metros quadrados, e constam de cancha de laço, cancha de futebol, arena para touradas, tabladou para apresentações artísticas, churrasqueiras, cavalariças, clínica veterinária, sala de chimarrão, banheiros, infra-estrutura para camping, dois salões de festas com 2.400 metros quadrados, amplo estacionamento,

rede de água encanada, poços artesianos, rede elétrica com iluminação especial para a cancha de laços, sistema telefônico e três casas destinadas à moradia do capataz, administrador e secretaria.

Mais uma vez o Banco do Brasil proporciona aos artistas da terra a oportunidade de mostrarem as suas aptidões culturais. Desta vez o "Espaço Cultural" do BB do Estreito foi ocupado pela exposição de tecelagem manual de Edna Lins. Essa artista deficiente fisicamente, mas eficiente mentalmente, trouxe para o BB do Estreito as suas várias peças tecidas em seus teares manuais, especialmente adaptados para produzir as suas magníficas MANTAS e TAPETES.

Na foto ao lado, a autora.



A Comissão Catarinense de Folclore, cumprimenta a Direção do BB do Estreito, pelo importante apoio dado aos nossos artistas, valorizando os seus trabalhos.

Blumenau — SC

“PÃO POR DEUS”

**GEOMETRIA DA
ANCESTRALIDADE**

EXPOSIÇÃO

DIRCÉA BINDER

Blumenau — SC

UNIVERSIDADE REGIONAL
DE BLUMENAU
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E
DESENVOLVIMENTO
DIVISÃO DE PROMOÇÕES CULTURAIS

Têm o prazer de convidar V. Sa. para o lançamento do Livro
“Do Hospício à Comunidade: Políticas Públicas de Saúde Mental”
do professor e escritor Nelson Garcia Santos.

08 de agosto de 1994

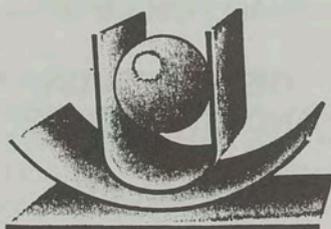
Saguão da FURB
Rua Antônio da Veiga, 140
Blumenau — SC

**EDITORA ATLAS e
Universidade Regional de Blumenau**

convidam você para o lançamento do livro

**Matemática Financeira
Aplicada e Análise
de Investimentos**

CAÇADOR — SC



UnC - UNIVERSIDADE DO CONTESTADO
(EM ACOMPANHAMENTO)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAÇADOR



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAÇADOR

III ENCONTRO
CATARINENSE DE
MICRO - HISTÓRIA

REALIZADO: de 31/08 a 02/09/94

LOCAL: Campus da Universidade

APOIO

- Associação Catarinense das Fundações Educacionais
- Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
- Instituto Histórico e Cultural da Região do Contestado

Florianópolis — SC



45 anos

A Fundação Catarinense de Cultura, através do MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA, tem o prazer de convidar para a abertura das exposições do mês de março/94, em comemoração aos 45 anos do MASC.

Dia 10 de março de 1994

ELKE HERING — desenhos — Sala Especial Harry Laus — em visitaçao

JOSÉ MARIA DIAS DA CRUZ — pinturas — em visitaçao

RETROSPECTO — 4 DÉCADAS — acervo do MASC

BLUMENAU — SC

Universidade Regional de Blumenau

Superintendência de Pesquisa e Desenvolvimento

Divisão de Promoções Culturais

Convida V. Sa. para o lançamento do livro "PUNHOS DE AÇO EM PONTA DE FACA" — A superfície e os porões da vida latino-americana do professor Fídias Teles.

FÍDIAS TELES DE CARVALHO

Antropólogo

Sociólogo

Filósofo

Poeta

É autor das seguintes obras:

— Dimensões da Angústia Humana

— Um estudo psicossociocultural do Homem, desdobrado numa antropologia filosófica

— Recife — Ed. LIBER — 1984

— Os Malabaristas da Vida

— Um estudo antropológico da boemia — Recife — Ed. Comunicarte — 1989

13 de setembro/94

Local: Saguão da FURB

NOTICIÁRIO

Aracaju — SG

Folclore Sergipano. — Paulo de Carvalho Neto

A obra Folclore Sergipano, de Paulo Carvalho Neto, reúne o que é de mais precioso do Folclore de Sergipe.

A cultura popular do povo sergipano é retratada nos vários aspectos da sua memória, interligando-se aos costumes existentes no meio do povo nordestino.

A Comissão Catarinense de Folclore registra em seu Boletim, o prazer do seu recebimento.

Rio de Janeiro — RJ

O MUSEU DE FOLCLORE Edison Carneiro tem novas instalações.

Em solenidade pública O Museu de Folclore Edison Carneiro foi instalado na rua do Catete, 181, em frente à Estação do Metrô, Rio de Janeiro.

Belo Horizonte — MG

Romance de Raimundo Caruso "noturno 1994". Prêmio Cidade de Belo Horizonte, 1989. Edição UFMG. — "noturno 1894" é uma dessas obras que prende o leitor diante dos fatos desenrolados numa seqüência de acontecimentos inusitados.

A literatura brasileira foi enriquecida com mais uma obra desse intelectual mineiro, radicado em Santa Catarina.

Campinas — SP

A UNICAMP — SP — promoveu em agosto o 2º Encontro com O Folclore, na Concha Acústica Parque Taquaral, sob a coordenação artística de José Avelino Bezerra. O evento contou com a participação da Cavalaria de Barão GERALDO de Campinas, CONGADA ROSA de Atibaia, TEATRO POPULAR SOLANO TRINDADE de Embu RUCUNGOS, POITAS E QUIJÊNGUES de Campinas, VIOLEIROS E FANDANGOS de Aguapé, GRUPO RENASCER (dança de pares) de Ribeirão Grande, GRUPO PIRACUARA de São José dos Campos, BATUQUE E CURURUEIROS do Tietê, GRUPO ABAÇAI — Balé Folclórico de São Paulo, sob a direção de Toninho Macedo.

Porto Alegre — RS

Brincadeiras Cantadas e Jogos e Passeios Infantis — Rose Maria Reis Garcia e Lillian Argentina Marques. Duas obras que veio preencher uma lacuna na área de recreação infantil. O Rio Grande do Sul foi grandemente beneficiado com as obras dessas duas cientistas de extraordinário valor

na área do folclore infantil. Oxalá sirva de parâmetro para que estudiosos de outros estados realizem pesquisas nessa mesma área, oferecendo as nossas crianças o que existe de mais belo do folclore lúdico infantil, particularmente para as escolas de 1º grau!

Noticiário (3)

São Paulo — SP

Tutuca O cãozinho Voador — Lourdes Di Túlio.

O Cãozinho Voador de Lourdes Di Túlio, é uma obra da série infanto-juvenil paradidática, é um amor e carinho contagiantes. A autora conduz o seu Tutuca por facetas entre o céu, o campo e a cidade, numa caminhada das mais lindas. Como "Férias no Campo e Duas Vidas em Flor", que divulgamos em nossa edição de 1988, O cãozinho voador, terá o seu lugar de destaque no mundo infantil.

Curitiba — PR

Os Curitibanos, e a formação de Comunidades Campeiras no Brasil Meridional — Roselys Velloso Roderjan — mais um obra da professora Roselys que vem enriquecer a Biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore. Uma pesquisa grandiosa que vem completar um importante estudo nessa área. A Comissão Catarinense de Folclore ao registrar em seu Boletim, parabeniza a ilustre professora por mais esta significativa obra.

FLAGRANTES DA ILHA NO BB

Até sexta-feira o público de Florianópolis pode conferir no Espaço Cultural Banco do Brasil 23 óleos sobre tela do artista plástico Átila Ramos. A exposição, intitulada *Cenas da Cidade*, mostra casarios com figuras humanas que reproduzem cenas flagrantes da capital.

Átila Ramos formou-se em Engenharia Mecânica pela UFSC, onde leciona desenho. É desenhista, pintor autodidata, cartunista e escritor. Participou de várias exposições individuais e coletivas, conquistando prêmios e troféus em Curitiba, Belo Horizonte e Maceió.

Algumas das cenas de Florianópolis, em tons parisienses, fazem parte de uma coleção que Átila prepara para sua próxima exposição.

Do Jornal O Estado — 30/08/94
Florianópolis — SC

A Editora Paralelo 27 tem o prazer de convidar V. Sa. para o coquetel de lançamento do livro:

*"O Psicólogo nas Organizações de Trabalho:
Formação e Atividades Profissionais"*

de

José Carlos Zanelli

A 25 de agosto

Av. Rubens de Arruda Ramos. 1.438 (Beira Mar Norte)

Florianópolis — SC

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL APRESENTA: DINETTE STENZOSKI

Dinette é natural de Campo Alegre/SC, residindo em São Bento do Sul, onde fundou a Associação Sãobentense de Artes Plásticas (ASBA). Dedicando-se às artes plásticas há 27 anos, Dinette também adotou

a pintura em porcelana. Além de exposições na Polônia, fez várias em Santa Catarina e em outros estados.

Dentre as obras expostas, destacam-se: Nossa Senhora dos Montes Claros dos Poloneses, Girassóis e Casa Típica dos Imigrantes Poloneses — homenagem da artista à imigração, os quais representaram Santa Catarina no intercâmbio Brasil/Polônia em 1992, ficando expostos em Varsóvia e Cracóvia.

Uma das colonizações mais expressivas em sua contribuição ao desenvolvimento populacional e, via de conseqüência, ao progresso de Santa Catarina, é a polonesa, cujo início data de agosto de 1869, onde 16 famílias da região da Silésia estabeleceram-se na Colônia Príncipe Dom Pedro, atual município de Brusque. Entre 1888 e 1890 novos imigrantes vieram das regiões de TOMASZOW e LODZ, importantes centros têxteis da Polônia, instalando-se também na região de Brusque, sendo considerados os operários pioneiros da indústria têxtil de Santa Catarina, construindo os primeiros teares de madeira.

02 a 12 de agosto de 1994
No Espaço Cultural da CEF
Florianópolis/SC

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS



A Sessão de Saudade em que a Academia Catarinense de Letras reverênciará a memória do acadêmico Victor Antônio Peluso Júnior, será realizada no dia 2 de setembro de 1994, (sexta-feira), às 18:00 horas, no auditório da instituição, no "Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes", Agronômica.

VICTORANTÔNIO PELUSO JÚNIOR, foi uma das mais altas expressões da cultura catarinense. Político, professor, geógrafo e historiador, nasceu em Florianópolis, em 05.07.1909, onde também faleceu em 21.04.1994.

Homem de luta, jamais deixou de ser um mestre preocupado com a vida e tudo quanto nela há de nobre, belo e agradável.

Como político, foi um homem de ação, de princípios rígidos e bem formados, um exemplo de desvelo e dedicação à causa pública. Serviu, como Secretário de Estado, nos governos de Irineu Bornhausen, Jorge Lacerda e Heriberto Hülse.

Como professor, dedicou-se ao ensino com todas as suas forças e o brilho de sua cultura, devotando a sua vida a esse sacerdócio. Esteve entre os fundadores da Faculdade Catarinense de Filosofia, vindo a defender tese de pós-graduação e doutorado, tendo sido distinguido pela UFSC com o título de Professor "Honoris Causa". Voltou-se ao ensino por vocação e idealismo.

Foi o 3º ocupante da CADEIRA Nº 20, da ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS.

Era Vice-Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, ao qual após o seu falecimento, rendemos aqui a nossa homenagem.

Como geógrafo, com extrema honestidade profissional, foi um técnico dedicado. De 1939 a 1946 percorreu todos os recantos e localidades do Estado, levantando os aspectos geográficos e fazendo seus estudos e pesquisas. Mostrou-se profissional apaixonado e incansável, que alcançou reconhecimento nacional e internacional, nos encontros científicos de que participava. Foi, talvez, o geógrafo mais ativo e proeminente de Santa Catarina.

Como historiador e homem de letras, honrou a cultura catarinense e destacou-se pelo seu saber, pelo que escreveu e pelas suas palestras e conferências. Quem com ele conviveu, desfrutou do esplendor de sua inteligência, da generosidade de seu coração, da firmeza de seu caráter e do carisma do mestre, educador e professor. Quando faleceu, deixou uma expressiva lição de bondade, dignidade, sabedoria, compreensão e respeito.

Deixou muitos livros publicados: "ESTUDOS DE GEOGRAFIA URBANA DE SANTA CATARINA", que é a reedição de diversas obras publicadas ao longo dos anos, entre as quais — "A Urbanização de Santa Catarina", "Lages, a Rainha da Serra", "Lages de 1940 a 1990", "Ponte Alta, uma vila no planalto de Lages", "A vila de Ituporanga", "A evolução da cidade de Chapecó: de povoamento a centro regional", "O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade", "Tradição e Plano Urbano". . .

Outro livro, "ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE SANTA CATARINA", mandado editar pela Coordenadoria do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, reúne as obras: "O Estado de Santa Catarina", "Lagoinha", "Planalto de São Joaquim", "A Costa da Serra", "A divisão da terra no planalto de São Joaquim", "A pecuária e a pequena propriedade no planalto de São Joaquim", "O vale do Rio Itajaí do Oeste", "Geografia e Folclore", "Latifúndio e Minifúndio", "Aspectos da população e da imigração no Estado de Santa Catarina" e "A identidade catarinense".

São obras do mais alto valor e que manterão o nome do Professor Peluso como uma das verdadeiras expressões no campo dos estudos e das pesquisas científicas.

Seus textos eruditos e seu estilo claro, com raro brilho, calor humano e encanto, resumem, enfim, o que ele foi como magistral escritor e mestre.

Convite

A FUNDAÇÃO
CATARINENSE DE CULTURA,
convida V.S^ª. e Ex^{ma}. Família para o
lançamento do disco "PRÊMIO MPB SANTA
CATARINA" nas comemorações do Centenário
do Teatro Álvaro de Carvalho, dia 07 de
setembro às 20:00h, no Teatro Álvaro de
Carvalho, com apresentação dos participantes
do disco.



Fundação
Catarinense de Cultura



05/09/94

- Solenidade de descerramento da placa comemorativa aos 100 anos da denominação Teatro "Álvaro de Carvalho".

Lançamento do livro:

Pequena História do Teatro Álvaro de Carvalho

Apresentação da Orquestra de Câmara de Blumenau.

06/09/94

- Projeto "Seis e Meia - TAC"
Peça teatral: "América"
Direção: Marisa Napolini
Grupo " Sós & Nus Núcleo Cênico "

07/09/94

- Lançamento do Disco "PRÊMIO MPB SANTA CATARINA" com apresentação dos classificados no "FESTIVAL PRÊMIO MPB SANTA CATARINA".

Florianópolis — SC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO
EDITORA DA UFSC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação Catarinense de Cultura têm a honra de convidar V. S^a e Exma. Família para o lançamento do livro CRUZ E SOUSA: NO CENTENÁRIO DE BROQUÊIS E MISSAL, organizado por Iaponan Soares e Zahidé L. Muzart, como parte das atividades da 3ª Semana Nacional do Livro e da Biblioteca. Dia 26 de outubro de 1994

Local: Hall da Reitoria

Florianópolis — SC.

RECORDANDO

JALDIR B. FAUSTINO DA SILVA

A Sessão de Saudade em que a Academia Catarinense de Letras reverenciará a memória do acadêmico Jaldir Bhering Faustino da Silva será realizada no dia 27 de outubro de 1994, no auditório da instituição, no "Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes", na Agrônômica.

Florianópolis — SC — A ACADEMIA CATARINENSE MAÇÔNICA DE LETRAS realizou a SESSÃO SAUDADE, em memória do saudoso Acadêmico Ir.: Cel. Antônio de Lara Ribas, patrono da Cadeira nº 1. Fez uso da palavra sobre o homenageado o Acad.: Ir.: Cel. IB SILVA

Florianópolis — SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Pedro Bittencourt, tem a honra de convidar Vossa Excelência e Exma. Família para o lançamento do livro "UM ÔNIBUS E QUATRO DESTINOS" (Romance) de autoria de Francisco José Pereira, Holdemar Menezes e Silveira de Souza, a realizar-se no dia 08 de novembro de 1994, às 20 horas, na Galeria de Arte desta Assembléia.

CANTIGAS DE RODA DESAPARECEM NO TEMPO

**Regente trabalha há cinco anos com
pesquisas na área: cultura em perigo**

Hoje, além do feriado, é Dia das Crianças e a gurizada vai passar o tempo inteiro brincando com as mais variadas engenhocas desde os simples carrinhos de madeira e bonecas até o complicado vídeo game. Mas uma brincadeira que encantava nossos avós, está desaparecendo das ruas. São as cantigas de roda, que algumas pessoas lutam para não se perderem por completo.

Mesmo chamadas de “brincadeiras”, atualmente, quem mais conhece esta tradição são as pessoas mais velhas, que repassam o folclore. O regente Hélio Teixeira da Rosa, de 64 anos, é um pesquisador das velhas cantigas.

“O resgate é muito difícil, porque existem centenas de cantigas que acabam se transformando em outras”, afirma. Ele ressalta que o Neti da UFSC, a Fundação Franklin Cascaes e a Fundação Catarinense de Cultura tentam resgatar esta tradição. “Mas muitas vezes conhecemos as letras, mas nem fazemos idéia da melodia, então, é preciso procurar alguém mais velho que nos ensine”.

O fundador da Orquestra de Câmara de Florianópolis critica a falta de interesse das escolas em relação ao assunto. “Se as crianças conhecessem as cantigas, elas jamais seriam esquecidas. É dever das escolas cultivarem o folclore”, garante. Hélio observa que as secretarias de educação, tanto a estadual quanto as municipais, deveriam implantar aulas de música em todos os níveis escolares, inclusive na pré-escola.

As cantigas de roda não são apenas letras e música. “Existe toda uma história por trás, como por exemplo “Onde está a margarida, olê, olê, olê, onde está seu cavaleiro”... Ele explica que Margarida era uma moça muito bonita que vivia presa num castelo de pedra e os cavaleiros tinham que salvá-la para ficar com a donzela. Hélio afirma ser impossível descobrir as verdadeiras origens das cantigas. “Para Santa Catarina elas

vieram dos Açores, mas podem ter surgido em Portugal, Espanha ou França”.

O ESTADO: 12/10/94

CANTIGAS DE RODA

Indo ao encontro do artigo acima, procuramos resgatar as nossas “Cantigas de Roda”, com o importante trabalho desenvolvido pela professora Ana Lúcia Locks, da Fundação Catarinense de Cultura, no município de Biguaçu. Dando mostra disso, Ana Lúcia apresentou os Grupos de Cantigas de Roda que coordena no 1º Encontro Catarinense de Folclore, promovido pela Fundação Franklin Cascaes, no mês de agosto em Florianópolis, com grande sucesso.



**WORKSHOPS
CULTURAIS**

Local:

Museu Histórico de Santa Catarina
(Palácio Cruz e Sousa)

Promoção:

Associação Catarinense de Editores e Livreros
Fundação Catarinense de Cultura
Fundação Franklin Cascaes
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis — SC

A EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS E A FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA TÊM O PRAZER DE CONVIDAR VOSSA SENHORIA E EXMA. FAMÍLIA PARA O LANÇAMENTO DO LIVRO DE JOSÉ BOITEUX, ARCAZ DE UM BARRIGA-VERDE E ÁGUAS PASSADAS, INAUGURANDO A SÉRIE " MEMÓRIA LITERÁRIA - SANTA CATARINA".

8ª FEIRA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS - LARGO DA ALFÂNDECA

Florianópolis — SC.

Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão
Editora da UFSC/Coleção Ipsis Litteris

Venha para o lançamento
de **CRISTAL**, livro de poemas
de Inês Mafra
Sua presença será notada!

Dia 22 de outubro,
Galeria de Arte da UFSC
Centro de Convivência - Campus Universitário

Florianópolis — SC

AMPOLA — ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO PORTO DA LAGOA

Fundada em 15-12-85

Porto da Lagoa

Florianópolis — Santa Catarina



PERNAMBUCO É O TERCEIRO PÓLO BRASILEIRO DE CORAIS

A Federação Pernambucana de Corais está estusiasmada —

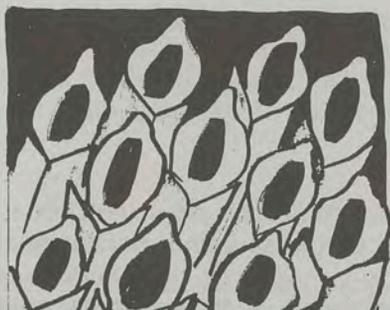
Talvez você nem saiba, mas Pernambuco é o terceiro pólo brasileiro na formação de sociedades corais populares. Os 150 grupos locais só perdem em quantidade para os gaúchos (523) e mineiros (336). Os números são do Presidente da Federação Pernambucana de Corais, José Cordeiro Filho, que está entusiasmado com a ascensão da categoria. Para se ter uma idéia, somente neste primeiro semestre, três novos corais somaram-se aos já existentes.

Tanto a federação pernambucana como a sua instância maior, a federação nacional, costumam organizar eventos para rever estilos, variar repertórios e mise-en-scène entre os corais, além de precisar a dimensão da simpatia do público, que tem aumentado a cada apresentação. O Festival Nacional de Corais (Fenacope) acontece anualmente e a sexta edição já está agendada para novembro próximo, no Recife. De âmbito regional, há Serenata Natalina de Olinda, realizada no sábado anterior ao Natal; a Cantata Natalina, que reuniu dois mil cantores, ano passado, em sua terceira versão; e o Projeto Canta Coral, do Sesc, encerrado na última quarta-feira depois de seis semanas consecutivas apresentando 16 corais com o Teatro do Sesc lotado.

Apesar da efervescência, a atividade ainda é amadora.

"Ninguém vive de cantar em coral", diz um dos integrantes do Canto da Boca, Nelson Almeida. A maioria dos grupos sobreviveu na base do cooperativismo, da boa vontade dos artistas. "Não existe nenhum coral profissional", garante Cordeiro. Mesmo assim, o coral de São Pedro Mártir, de Olinda, o mais antigo do Norte e Nordeste, sobreviveu às dificuldades por 51 anos, e o Canto da Boca fez, ano passado, nada menos que 48 récitas. O raio de atuação dos corais é vasto, apresentando-se em escolas, hospitais, abrigos de idosos, casamentos e em espaços abertos. A maioria cobra US\$ 300, em média por evento.

Boa parte dos corais pertence a igrejas protestantes, mas há também os ligados a empresas privadas, universidades e os independentes. Para participar de um coro, o cantor não precisa possuir dotes excepcionais.



“São necessários, entretanto, afinação correta, que resulta na exata percepção dos intervalos sonoros, sentido rítmico e alguma prática de solfejo, além de musicalidade, conhecimento dos diversos estilos de repertório coral e disciplina”, pontua Cordeiro.

Outra característica é que não deve haver qualquer destaque individual no grupo, a não ser em casos específicos. Cantores com vozes mais potentes podem perturbar as execuções. Michael Jackson, Angela Maria e Edson Cordeiro, por exemplo, começaram a soltar as primeiras notas da escala musical em corais, mas decidiram seguir suas carreiras cantando sozinhos, e não devem ter-se arrependido. J.L.V.

Extraído do Jornal do Commercio — Pernambuco — 19/07/94

NOTICIÁRIO — 1994

Rio de Janeiro — RJ

PIRACEMA — Revista de Arte e Cultura no seu 2º número, ANO 1994:
Funarte IBAC — MIC FBB

Culturalmente expressiva a “Piracema”, reúne matéria de alto gabarito, com colaborações de artistas e intelectuais de destacado valor, nas suas áreas de música, teatro, dança erudita, folclore, edificação, cinema, arte moderna, teatro popular, museologia, alegoria carnavalesca, fotografia da geração oitenta etc. Entre os destacados colaboradores, registramos: HELENA KATZ, SÉRGIO CALDIERI, FREDERICO LUÍS DE LIMA, OSCAR NIEMEYER, EDINO KRIEGER, JUSSARA GOMES GRUBER, HUMBERTO WERNECK, WASHINGTON DIAS LESSA, MARIA LÚCIA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI, ANGELA GUIMARÃES, NADJA PERIGRINO E JURANDYR NORONHA.

A Comissão Catarinense de Folclore, registrando o recebimento em seu Boletim, agradece.

NOTICIÁRIO — 1994 Guarujá — SP

FOLCLORE: Revista da Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, SP, editada pela Baronesa Esther Sant'anna de Almeida Karwisky, tendo como Diretor o jornalista Dr. José Rodrigues.

A Comissão Catarinense de Folclore registra agradecendo o recebimento do nº 19/94, com farta colaboração dos renomados folcloristas: Saul Martins, Abel Kouvouama, Maria Amália Corrêa Giffoni, Esther Sant'anna Karwisky, José Carlos Rossato, José Maria Tenório Rocha, Piet Pottie, Mario Souto Maior, Hélio Damante, José Geraldo de Souza e Domingos Diniz.

NOTICIÁRIO — 1994 Rio de Janeiro — RJ

CORREIO FILATÉLICO — COFI, maio/junho 1994 nº 148

Poucas são as revistas de natureza cultural, que espandam a cultura tão acentuadamente como a Revista Filatélica COFI. O seu maior valor, obviamente, é relacionado a filatelia, transmitindo aos afeiçoados dessa nobre cultura, informações de acentuado valor, nos seus mais variados aspectos, até de âmbito internacional.

No seu nº 148, maio e junho — 94, destacamos "Dia Mundial do Meio Ambiente", de autoria de CLAUDIA CALEGARDO, JÚLIO CESAR MARQUES e MAURICÍLIA RODRIGUES DE SOUZA, do Instituto de Meio Ambiente do Acre e Universidade Federal do Acre, além de Maria Jolita Bampi (veterinária), Rosemary de Carvalho Mamede (zootécnica), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis — IBAMA. É um dos trabalhos envolventes, que primando pela advertência aos problemas que secundam as áreas que figuram como habitat de certas espécies da fauna brasileira, destacando os perigos possíveis de suas extinções. Focalizando o "SUIM DE COLERA" — O MACACO BRIGADEIRO e o MICO LEÃO DOURADO, oferece ao leitor uma aula de conhecimentos altamente valiosos.

É uma pena que trabalhos como estes fiquem restritos apenas aos afeiçoamentos a filatelia. Deveria a meu ver ter penetração em nossas escolas de ensino médio, a fim de que nossos estudantes, conhecendo-os, valorizassem mais o nosso Brasil. Vem ao caso também, o "Tra-

tado de TORDESILHAS” de autoria do prof. Dr. Estevão C. de Rezende Martins da Universidade de Brasília. Assunto amplamente divulgado em nossos livros de História do Brasil, mas jornalisticamente pouco divulgado culturalmente no estilo apresentado por esse autor, que o analisa tão profundamente.

NOTICIÁRIO

Lucena — Paraíba — PB



Em 1989 acontecia a “I SEMANA CULTURAL DE LUCENA”, a partir de uma idéia da “Rotina Prod. Culturais”. A idéia era movimentar a cidade no período natalino quando só se encontravam na cidade os moradores. Para isso foram convidados artistas engajados em projetos de popularizar a cultura sem preocupações financeiras.

Foi de grande importância a realização deste evento, pois a partir daí foram surgindo idéias e projetos que são desenvolvidos até hoje pelo Núcleo.

A partir da “II Semana Cultural” foram feitas exposições com pintores da cidade, os compositores começaram a compor mais, foram feitas exposições de vídeos culturais e o fato mais importante deste evento é a participação maciça da comunidade durante toda a semana.

A Semana Cultural de Lucena veio despertar o potencial criativo/artístico, bem como abrir novos caminhos culturais compatíveis com a realidade de Lucena, além de ter sido a grande responsável pela criação do Núcleo Municipal de Cultura. PREFEITURA MUNICIPAL DE LUCENA — PB

RETIFICAÇÃO

RELIGIÃO E FOLCLORE NO BRASIL — Com este título, publicamos na edição anterior nº 43-44, dezembro de 1992, do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, às págs. 86, 87, 88. Por um lapso de revisão, a matéria em referência foi publicada como origem da Fundação Guaraapes, estretanto a mesma sendo de autoria de João Hélio Mendonça, origina-se da Fundação Joaquim Nabuco, onde o autor exerce as suas atividades intelectuais como Folclorista.

Noticiário — 1993

Rio de Janeiro — RJ

A VOLTA DO CONCURSO "SILVIO ROMERO"

Concurso Silvío Romero de monografias sobre folclore e cultura popular

Interrompido durante os últimos quatro anos, o concurso de 1993, organizado pela Coordenação de Folclore e Cultura Popular, do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, Ibac, teve apoio financeiro do Fundo Nacional de Cultura, do MinC.

Foram recebidas 38 monografias de vários estados do País sobre temáticas e perspectivas diversificadas, focalizando literatura e poesia oral, cultura material, música, religião, rituais, educação, entre outros temas.

A comissão julgadora, composta por Idelette Muzart Fonseca dos Santos, da UFPB, Sérgio Ferretti, da UFMA, Patrícia Birman, da UERJ, Lélia Coelho Frota, do IBPC, e Elizabeth Travassos, da CFCP/IBAC, atribuiu os seguintes prêmios e menções:

1º prêmio: A poesia popular na república das letras: Silvío Romero folclorista — Cláudia Neiva de Matos (RJ)

2º prêmio: O jardim das excelências — Edimilson de Almeida Pereira (MG)

1ª menção honrosa: O carretel da memória — Maria Claurênia Silveira (PB)

2ª menção honrosa: Peregrinos do sagrado — Núbia Magalhães Gomes (MG)

3ª menção honrosa: A Casa da Flor — Amélia Zaluar (RJ).

O presidente do Ibac, Ferreira Gullar, fez a entrega dos prêmios no dia 17 de dezembro, às 17h, na Casa da Leitura, da Fundação Biblio-

teca Nacional, na Rua Pereira da Silva, 86, em Laranjeiras, que inaugurou, no mesmo dia, sua exposição de presépios.

O Prazer de Ler, que acontece todos os finais de semana, na mesma Casa da Leitura, com entrada franca e lotação máxima de 40 pessoas, teve a seguinte programação para dezembro:

18, sábado, às 16h — Encontro com Leitores. Autor: Maria Lucia Amaral. Texto: O rapto do menino. Ed. Vozes. Público adulto.

18, sábado, às 17h — Contos de Natal com os Contadores de História. Público infantil e juvenil.

19, domingo, às 16h — Círculo de Leitura. Leitor-guia: Nanci Gonçalves da Nóbrega. Texto: O peru de Natal. Autor: Mario de Andrade. In: Para gostar de ler. Editora Ática. Público adulto.

19, domingo, às 17h — Contos de Natal com os Contadores de História. Público infantil e juvenil.

Noticiário

São Paulo — 1993

Associação Brasileira de Folclore, e MUSEU DE FOLCLORE "ROSSINI TAVARES"

Com satisfação registramos o recebimento dos Boletins da Associação Brasileira de Folclore, cuja direção está a cargo do folclorista Prof. José Sérgio R. C. Gonçalves. O Boletim em pauta faz amplo registro de atividades culturais relacionadas ao folclore do Brasil, registrando com destaque a atuação cultural do Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima, com uma exposição permanente da cultura folk no Brasil, cuja freqüência é acentuada por estudantes do 1º e 2º grau e elevado número de professores. Possui uma das mais completas bibliotecas sobre o folclore brasileiro, onde os consulentes pesquisando encontram meios de ampliarem os seus conhecimentos sobre o assunto.

Nós da Comissão Catarinense de Folclore que conhecemos de perto o trabalho que desenvolve a sua presidente Fernanda MaCruz, levamos aos demais professores integrantes de sua diretoria, a nossa admiração pelo trabalho desenvolvido, frente a essa novel instituição cultural.

Osmar Leonardo Kuhnen e
Udibert Reinoldo Bauer

17 de agosto de 1994
Universidade Regional de Blumenau
Saguão de Entrada — Bloco A
Rua Antônio da Veiga, 140 — Blumenau — SC

EDITORA ATLAS S.A.
Rua Conselheiro Nébias, 1.384
São Paulo — SP

Abertura: 08 de setembro de 1994
Local: Galeria Municipal de Arte (antiga prefeitura)

NOTICIÁRIO — 1994

Recife — PE

XIX Festa do Folclore, Colégio Marista São Luís no Recife.

Recife é uma das cidades do Brasil que se destaca culturalmente em todo território brasileiro, pela importância dada às manifestações da nossa cultura popular. O Folclore é destacado nos seus mais variados aspectos.

As escolas públicas da rede estadual e municipal, se empenham na elevação cultural dos seus alunos, dando ao 22 de agosto destaque ao Folclore, visto ser a data internacional e nacional no Brasil e na maioria dos países.

Os colégios particulares também se articulam nesse movimento destacando-se em apresentações relacionadas ao nacional e internacional.

Este ano de 94, o Colégio Marista São Luís, entre outros, apresentou o folclore de países estrangeiros, a Dança ISRAELITA, classificada em 1º lugar entre as apresentadas, com coreografia de Manuela Alan e Cristiana Souto; com música e figurino encantando a grande assistência que superlotou a área da apresentação. A foto que ilustra esta notícia apresenta o grupo de dança no auge de sua exibição.

O Colégio São Luís tem como Diretora a professora Maria do Carmo Mota e vice Tereza Cahú. O Departamento de Arte e Cultura é dirigido pelo Prof. Geraldo Tenório. A coordenação-geral de festas está sob a direção da professora Luíza Dourado.

Algumas considerações sobre a palavra ISRAEL: palavra hebraica que significa Venceu ou Lutou com DEUS. Representa também ALEGRIA. DS.

Nota: colaboração do musicólogo Lula Gonzaga, da Casa da Cultura do Recife.



Foto: Grupo de Dança Israelita, do Colégio São Luís Marista do Recife

30º FESTIVAL DE FOLCLORE DE OLÍMPIA — SÃO PAULO — 1994

Idealismo Definido

Há trinta anos conheci Menina-Moça, ainda ingênua, tímida, mas ansiosa para conhecer o Brasil.

Encontrei-a na praça da Matriz, debaixo das acácias amarelas, todas tão belas, movimentadas pela brisa das manhãs de abril.

A Menina-Moça esperava pelo Curupira que lhe prometera uma vida feliz de amizade, cheia de riqueza, e de amor sem-fim.

E todos os anos ela assistia aos desfiles e apresentações dos grupos folclóricos vindos de quase todos os estados brasileiros: congadas, moçambiques, caiapós, fandangos, catira, samba-lenço, bacamarteiros, cordão de bichos, cavalhadas, nau catarineta, bumba-meu-boi, boi-de-mamão, reisado, guerreiro, quilombo, pastoris, parafusos, batuque, cangaceiros, catupés, folias de reis...

E o Curupira vinha, recebia as chaves das mãos do Prefeito, divertia-se a valer levando a Menina-Moça sempre cheia de sonhos.

O tempo foi passando: outros desfiles, outras realizações, das mais diversificadas manifestações folclóricas, literomusicais, jogos, brincadeiras. A criançada que brincava de biroca, soltar papagaios, lenço-atrás, amarelinha, foi crescendo e, com ela, a Menina-Moça. Quantos pretendentes? A Prefeitura e a Câmara de Olímpia que o digam.

Ao movimento se aliou o brasileiríssimo BRADESCO, no firme propósito de auxiliar e difundir o tesouro acumulado pelo trabalho paciente dos olimpienses de boa-fé.

A Menina-Moça — Olímpia, Capital do Folclore hoje, é digna de respeito no mundo inteiro.

Quem pode esquecer da pequena praça, sempre florida, e da Menina-Moça, hoje Senhora, dona de si, que sabe o que faz e dá exemplos a todos quantos desejam progredir e vencer na vida?

Olímpia é o verdadeiro exemplo de cidadania.

Ah! Menina-Moça dos anos 60! Você ainda espera pelo Curupira todos os anos, eu sei!

(Ao Sant'anna, meu amigo e irmão)
LAURA DELLA MÔNICA
COMISSÃO PAULISTA DE FOLCLORE

Rio de Janeiro — RJ

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Registramos o recebimento do Boletim nº 15 (segunda época), janeiro/junho de 1994 do Boletim da Comissão Nacional de Folclore. No seu conteúdo, destacamos uma Resenha das Comissões Estaduais, por Cásia Frade, secretária-geral. Apresenta um noticiário das Comissões Estaduais, com nomes e endereços completos de todos os seus Presidentes, além de comentar os seguintes títulos:

ARACAJU: Folclore na Educação. LARANJEIRAS, abre Calendário Cultural com XIX Encontro. RECIFE: IV Congresso Afro-Brasileiro. DIVINÓPOLIS/MG: Encontro das Comissões Estaduais de Folclore. ARACAJU: Folclore na Educação. LUIZ ANTÔNIO BARRETO: Folclore e outros temas. MÁRIO SOUTO MAIOR: Dois novos Livros. HILDEGARDES VIANNA: Retorno à Antiga Bahia. CURSO DE FOLCLORE NO EQUADOR. MUSEU DE FOLCLORE "Rossini Tavares de Lima". Comissão Paraibana de Folclore: Boletim nº 3, Literatura Oral e Popular no IX Encontro da ANPOLIL, MG. MUNDO ENCAIXADO: Prêmio João Ribeiro da ABL, MG. PRÊMIO SÍLVIO ROMERO — 1994. Relaciona várias obras recebidas de autores diversos.

IBECC:

José Pelúcio Ferreira: Presidente
Joaquim Caetano Gentil Neto: Diretor Executivo

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE:

Ático Vilas-Boas da Mota: Presidente//Braulio do Nascimento: Vice-Presidente// Paulo de Carvalho Neto: Assessor do IBECC e Secretário-Geral//Cásia Frade: Tesoureira//Delzimar Coutinho: Secretária-Adjunta//Mária Luiza Figueira de Melo: Coordenadora para Assuntos de Intercâmbio.

OLÍMPIA — 1994 — SP

30º FESTIVAL DE FOLCLORE DE OLÍMPIA

Como nos anos anteriores, Olímpia festejou este ano de 94 o seu 30º Festival Nacional de Folclore.

Coordenado pelo seu fundador, Prof. Dr. José Sant'anna, com a participação de sua valiosa equipe, ali estiveram presentes grupos folclóricos de várias partes do Brasil. Olímpia cresceu enfatizada pela grandeza promocional do seu festival anual de folclore, em que reúne personalidades culturalmente falando, levados por essa ênfase que engloba a cultura popular brasileira nos seus vários aspectos. Tudo isso deve-se

a um homem que sabe reunir em seu derredor expressivas figuras do meio cultural de Olímpia e do Brasil.

O Prof. José Sant'anna é realmente um forte, protegido pelas nuances positivas do bem-fazer.

A você José Sant'anna e a sua valiosa equipe, registramos aqui a admiração de todos os membros da Comissão Catarinense de Folclore.

Belo Horizonte — MG
Folclore de Minas Gerais

O Prof. Dr. Saul Martins, antropólogo e folclorista, autor de várias obras que abrangem o folclore e a cultura popular de Minas Gerais,

irá nos brindar com a obra "Folclore de Minas", a qual se constituirá em mais uma grande obra de sua autoria.

Entre as suas obras publicadas, destacamos em uma de nossas edições, FOLCLORE TEORIA E MÉTODO, e "Congado: Família de Sete Irmãos". Acreditamos que, como as anteriores, "Folclore de Minas", será uma obra cujos ensinamentos culturais de divulgação do folclore mineiro será de valiosa importância. Outra obra ansiosamente esperada, entre as tantas inéditas do autor, será o "Dicionário do Artesanato e Ocupação Afins", cujo conteúdo engloba substanciais informações. Obra única no gênero, virá preencher uma lacuna de há muito existente no Brasil. E assim, esta área do folclore brasileiro será enriquecida com mais uma produção do consagrado escritor mineiro.

Campinas — SP — 1994

**CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO
EM ORGANIZAÇÃO
DE ARQUIVOS**

**MUSEUS PARA UM
NOVO SÉCULO**

Rua Marechal Deodoro, 1.099
Prédio Central — Campinas — SP

FACULDADE DE
BIBLIOTECONOMIA

q̃p PUCAMP

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura e o Curso de Pós-Graduação em Letras — Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina, para assinalar a data de nascimento do poeta Cruz e Sousa, têm o prazer de convidar V. Sa. e Exma. Família para as seguintes atividades no dia 24 de novembro:

I — Palestra do Prof. Dr. Ivan Teixeira, intitulada:
100 anos de Broquéis — Sua Modernidade.

Local: Auditório do Museu Universitário — UFSC

Hora: 16 horas



II — Coquetel de lançamento da edição especial (fac-similar) da Editora da Universidade de São Paulo do livro Broquéis, com Introdução do Prof. Dr. Ivan Teixeira

Local: Palácio Cruz e Sousa

Florianópolis — SC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, o Departamento de Língua e Literatura Vernáculas do Centro de Comunicação e Expressão e a Fundação Catarinense de Cultura têm o prazer de convidá-lo para as seguintes atividades:

Debate: IDENTIDADE DA LITERATURA CATARINENSE

Expositor: Antônio Hohlfeldt

Debatedores: Celestino Sachet, Lauro Junkes, Péricles Prade e Márcio Camargo Costa

Local: Palácio Cruz e Sousa

Data: 29/11/94, às 20h30min

Local: Auditório do CCE/UFSC (sala 214)

Lançamento dos livros A LITERATURA CATARINENSE EM BUSCA DE IDENTIDADE, de Antônio Hohlfeldt (co-edição FCC edições e Editora Movimento) e QÛERAS, de Márcio Camargo Costa (co-edição Letras Contemporâneas)

Florianópolis — SC.

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA tem o prazer de convidar V. Exa. para a Sessão Solene de encerramento do Ano Acadêmico de 1994, conforme programa adiante reproduzido.

Data: 30 de novembro de 1994

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa

Saudação à Sócia Emérita
Sylvia Amélia Carneiro da Cunha pela Sócia MARIA REGINA BOPPRÉ;
"Gustavo Richard: vida e obra",
pela Sócia Emérita

SYLVIA AMÉLIA CARNEIRO DA CUNHA;
Saudação aos sócios admitidos em 1994, pelo Sócio CARLOS ALBERTO
SILVEIRA LENZI, Orador do IHGSC;
Entrega dos diplomas aos novos sócios;
Palavras de agradecimento em nome dos sócios;
Encerramento da sessão.

Brusque. — SC

A Fundação Casa Aldo Krieger, a Fundação BESC e o Clube Soroptimista têm a grata satisfação de convidar V. S^ª e Exma. Família para o lançamento do disco

"RECORDANDO O PASSADO"

17 de novembro
Agência do BESC
Praça Barão Schneckburg, 05
BRUSQUE

25 de novembro
Agência do BESC
Rua Tenente Silveira, 51
FLORIANÓPOLIS

2 de dezembro
Agência do BESC
Rua XV de Novembro n^º 1.525
BLUMENAU

"Recordando o Passado, incorporamos ao presente o tempo definitivo da memória."

Aldo Krieger, músico compositor, professor de música, organizador e regente de Corais, nasceu em Brusque, em 1903.

Quando se comemoram os 90 anos que ele estaria completando,

este disco resgata uma parte de sua produção de juventude, do momento mágico de sua plena identificação com a música e de seu encontro com as vertentes mais expressivas da sensibilidade musical brasileira. É uma homenagem ao mestre através de seu retrato musical quando jovem, reunindo composições criadas entre 1921 e 1935, quando contava de 18 a 30 anos de idade. E é também um documento de valor histórico para a música de Brusque e de Santa Catarina, que a contribuição preciosa de alguns dos melhores instrumentistas do gênero, no Rio de Janeiro, transforma num registro da mais alta qualidade artística.

Edino Krieger

Florianópolis — SC

A Universidade Federal de Santa Catarina tem a honra de convidar Vossa Senhoria e Ilustríssima família, para abertura das exposições: NA ROTA DOS NAVEGADORES PORTUGUESES — Fotografias de Michael Teaque; AÇORES ENTRE CÉU E MAR — Fotografias de Jones Cesar Araujo e PÃO POR DEUS — instalação de Dircéa Binder.

ABERTURA: 07 de novembro de 1994, às 10h30min

LOCAL: Hall da Reitoria da UFSC

PERÍODO: 07 a 18 de novembro

PROMOÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

GOVERNO AUTÔNOMO DOS AÇORES

CONSULADO DE PORTUGAL — Curitiba

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

REALIZAÇÃO: Departamento Artístico Cultural

Núcleo de Estudos Açorianos

Florianópolis — SC.

A Editora da UFSC e a Editora Letras Contemporâneas convidam você, sua Família e amigos para o lançamento do livro

QÜERAS

de

Márcio Camargo Costa

Dia 9 de novembro

Na Feira do Livro de Florianópolis

Museu Histórico de Santa Catarina

Palácio Cruz e Sousa



**MALA POSTAL — FILATÉLICA SÃO JOÃO DEL REY — TIRADENTES/MG
(VIA FERROVIÁRIA)**

Os 140 anos da primeira Ferrovia no Brasil juntamente com os 25 anos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos estarão sendo comemorados em São João Del Rei/MG, no período de 21 a 24.04.94, com a realização da Exposição Filatélica INTERCLUBES 94. Os Correios emitirão dois carimbos comemorativos alusivos à Exposição e ao Correio Ambulante e organizará uma Mala Postal — Filatélica que será transportada pela "Maria Fumaça — Baldwin", no dia 22.04.94, de São João Del Rei a Tiradentes.

Os interessados em postar os envelopes selados que circularão na referida mala deverão proceder da seguinte forma:

1 — pessoalmente na exposição.

Durante a realização da INTERCLUBES 94, no Centro de Preservação da História Ferroviária de São João Del Rei, funcionará uma agência dos Correios, onde estará a referida Mala Postal. O prazo limite para a postagem das peças será às 13h30min do dia 22.04.94.

2 — Enviando à Seção de Filatelia da ECT/GECOM/DR/MG, à Rua Guajaras, 40, 21º andar — 30180-100 — Belo Horizonte — MG.

Os interessados deverão preparar suas peças filatélicas seladas com a tarifa postal vigente e encaminhá-las, até o dia 18.04.94, para o endereço acima mencionado.

A peça filatélica deverá ser endereçada à "Estação Ferroviária de Tiradentes" e identificada com a denominação "Via Mala Postal Filatélica Interclubes 94. A peça receberá os carimbos comemorativos da exposição e do Correio Ambulante. Posteriormente, será devolvida diretamente para o endereço do filatelista (o remetente).

Para efeito de participação nesta Mala Postal — Filatélica, na forma do item 2, a ECT observará a data limite de 18.04.94, que será verificada pela data da postagem.

ITAJAÍ SEDIA FESTIVAL AÇORIANO

São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz e Garopaba, além da capital, vão representar a região da Grande Florianópolis, no 1º Festival Cultura Açoriana de Santa Catarina — Açor, que acontecerá de 2 a 4 de dezembro, em Itajaí. Mais nove municípios também vão participar do evento, com várias atividades artísticas e culturais e com stands que estão sendo montados no Centro de Promoções "Itajaí-TUR" (Parque da Marejada). A promoção é do Núcleo de Estudos Açorianos e Pró-Reitoria da UFSC e Prefeitura de Itajaí, em parceria com as demais prefeituras participantes, Santur, Unesc e Unisul.



O boi-de-mamão fará apresentação no 1º Festival Cultural Açoriano

Na região metropolitana da Grande Florianópolis, a expectativa é grande com relação ao evento, envolvendo secretarias municipais de Educação e Cultura e Grupo Arcos, de Biguaçu. Estão previstas, entre outras coisas, apresentações de boi-de-mamão, pau-de-fita, terno de reis e teatro, com outros grupos locais e do litoral catarinense.

Segundo a chefe do departamento cultural da Secretaria Municipal da Educação e Cultura de São José, Mariângela Leite, até amanhã, o artista plástico Plínio Verani Júnior, vai terminar o stande, todo feito com folhas de compensado, medindo cerca de 5 metros de altura, que será montado em Itajaí. Mariângela adiantou que nesse stande, o artista estará pintando, no fundo, uma paisagem com os principais postos históricos de São José. O mesmo será decorado com palmeiras.

No stande de São José, professores da Escola de Oleiros farão uma demonstração com equipamentos próprios de como funciona uma olaria. A Fanfarra do Colégio Municipal Maria Luiza de Mello fará uma apresentação durante o festival.

Além dos seis municípios da Grande Florianópolis, vão participar do 1º Açor as cidades de Camboriú, Sombrio, Imaruí, Criciúma, Imbituba, Jaguaruna, Araranguá, Tubarão e é claro, a cidade anfitriã — Itajaí.

O NEA tem como principal objetivo "resgatar, preservar e difundir os valores das comunidades açorianas, através de ações que proporcionem a valorização dessa cultura junto à sociedade".

Transcrito do Jornal O Estado de 29/11/94

Olinda — PE

A Prefeitura de Olinda, Ministério da Cultura, por intermédio da Fundação Nacional de Arte — FUNARTE e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, Fundação Joaquim Nabuco, Fundação Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco — FUNDARPE e o Mamulengo Só-Riso, celebrando a data da concessão à Olinda do título Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, têm o prazer de convidá-lo para a cerimônia de assinatura de convênio do:

ESPAÇO TIRIDÁ

MUSEU DO MAMULENGO

PROGRAMAÇÃO

Abertura de exposição de peças integrantes do acervo do Espaço, assinatura do convênio, exibição de vídeos e coquetel, com a participação especial da Banda Henrique Dias e dos bonecos gigantes de Olinda.

14 de dezembro, rua do Amparo, 59 — Olinda, Pernambuco

Rio de Janeiro — RJ

“O NARRADO E O VIVIDO”, Beth Rondelli, Prêmio Sívio Romero 1989.
“Processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão”. Edição do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura” — Coordenação do Folclore e Cultura Popular”

Rio de Janeiro — RJ

CATALÁGO: OS BICHOS TELÚRICOS de Jorge Brito. — Exposição Sala do Artista Popular. Miniarte. Coordenação do Folclore e Cultura Popular — 1994.

Recife — PE

RETALHOS DO RECIFE — Banco de Textos V. II.

Obra editada pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Recife, reúne preciosos textos de autores diversos, onde reminiscências do passado são destacadas nos vários aspectos. É realmente uma obra preciosa.

RECIFE — PE

ROTARY — e o analfabetismo funcional. Edison Rodrigues de Lima. Recife 1993. Conferência apresentada pelo autor na XXIV Conferência do Distrito 4.500, realizada em Natal, RN, abril de 1993.

O primeiro livro da coleção é o de autoria de **ALVARO**, publicado em 1952, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O segundo livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1953, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O terceiro livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1954, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O quarto livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1955, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O quinto livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1956, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O sexto livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1957, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O sétimo livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1958, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O oitavo livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1959, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O nono livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1960, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

O décimo livro é de autoria de **ALVARO**, publicado em 1961, com o título de "O Brasil e o Mundo". Este livro trata das relações entre o Brasil e o mundo, abordando aspectos econômicos, políticos e culturais. O autor analisa o papel do Brasil no cenário internacional e discute as perspectivas futuras.

MÁRIO COSTA LANÇA A TESTEMUNHA

A Fundação Catarinense de Cultura lança hoje, às 20h30min, no Museu de Arte de Santa Catarina, o livro *A Testemunha*, de Mário Gentil Costa, que recebeu o prêmio do Concurso Virgílio Várzea de Contos de 1991, que lhe concedeu o direito à edição. São oito contos que retratam, na maior parte dos casos, situações comuns ao cotidiano do autor, que é médico otorrinolaringologista em Florianópolis.

O Prêmio Virgílio Várzea de Contos teve 22 originais inscritos e a comissão julgadora foi composta pelo professor Celestino Sachet e pelos escritores Salim Miguel e Silveira de Souza. Natural de Florianópolis, Mário Gentil Costa começou a escrever há apenas seis anos e este foi o primeiro concurso do qual participou. Formou-se em Medicina em 1960 e desde 1974 vinha se dedicando também às artes plásticas, como autodidata. Tem inédito outro livro de contos e um romance. Em *A Testemunha*, Costa também assina as ilustrações com o pseudônimo de Magenco. Aliás, a capa é uma das mais feias já editadas, primando pelo grotesco e pelo mau gosto.

O lançamento deste volume faz parte das comemorações do 44º aniversário do Museu de Arte de Santa Catarina e será seguido de um show musical, programado pela direção. Na quarta-feira, a programação prossegue com a apresentação, às 20h30min, do Grupo de Dança Ceart, da Udesc, dentro do projeto Tudo de Ensaio, e do grupo SOS e Nus Núcleos Cênico, com a coreografia Dueleto. Encerrando a programação, na quinta-feira haverá a exibição de vídeos da videoteca do Projeto Arte na Escola, às 19 horas.

transcrito do Jornal O ESTADO



III Semana Cultural na Terra-Chã

A III Semana Cultural da Terra-Chã começa amanhã (dia 8) com as acuações do conjunto "Gamma" e do Grupo de Dança de Salão da Casa do Povo da Freguesia.

O Rancho Folclórico da Casa do Povo de Barbeita e o Grupo Folclórico dos Biscoitos marcam ambos presença a 9 de agosto, enquanto que, no dia seguinte, será a vez dos Grupos Folclóricos de Barcelinhos e da Casa do Povo de São Brás.

O dia 11 reserva espaço para o Grupo de Violas da Casa do Povo de Santa Bárbara e Grupos Folclóricos de São Sebastião e "Modas da Nossa Terra".

O Rancho Etnográfico "Os Águias" e Ricardo Reis (viola) preenchem o dia 12 de agosto, estando agendada para o dia seguinte a atuação do conjunto "New Style".

No dia 14 de agosto terá lugar um bodo de leite regional, tourada à corda, noite de couros, culminando a semana cultural, a 13, com o conjunto "Chilly Mozart".

Entretanto, podem ser visitadas, todos os dias, exposições patentes no Pavilhão da Terra-Chã.

IDOSOS EXPÕEM TRABALHOS

O Centro de Dia dos Idosos da Vila Nova expôs, no passado dia 15 de maio, na I Mostra da Ilha, realizada na Praça Velha, alguns dos trabalhos efetuados durante o ano.

Segundo Bernardino Rosa, presidente da Junta de Freguesia, os trabalhos, à semelhança de anos anteriores, também irão ser apresentados numa exposição, a decorrer durante as festas da freguesia.

O Centro de Dia, composto por cerca de 40 elementos, utiliza uma sala cedida pela Junta de Freguesia para desenvolver as suas atividades.

Os idosos conseguiram, com a colaboração do Instituto de Ação Social, mobiliário e outros apetrechos para preencher a sala — revelou Bernardino Rosa.

O Grupo de Folclore da Vila Nova atuará, no dia 10 de junho, numa festa alusiva à Terceira Idade, levada a cabo por um grupo de professores.

Entretanto, no dia 21 de junho, o grupo participa nas festas de Santa Rita e, no dia 24 de junho, altura do seu aniversário, nas festas de São João da Freguesia.

O Grupo de Folclore, fundado em 24 de junho de 1982, pretende fazer mais recolhas e remodelar os trajes, que se encontram degradados — disse Bernardino Rosa.

A pretensão conta com o apoio da direção regional de Segurança Social, Câmara Municipal da Praia da Vitória e direção regional de Assuntos Culturais.

A freguesia dispõe, desde o ano transato, de um Clube de Judô, com cerca de 30 inscitos de vários escalões, treinados por Roberto Enes.

Recentemente, em fevereiro de 1993, sete atletas desta modalidade deslocaram-se a São Miguel, onde Lina Dinis, Teresa Rosa e Andreia Vaz alcançaram, respectivamente, as primeiras posições na categoria de menos de 46 quilos (1º escalão).

Por outro lado, Hélia Rosa conseguiu alcançar, na categoria de 48 quilos (2º escalão), o segundo lugar.

Segundo Bernardino Rosa, prevê-se que, ainda no campo desportivo, seja realizado um torneio de atletismo, a cargo de Rui Barcelos, com as crianças das escolas locais.

A Dança de Espada "O Amor não se Vende", apresentada no Carnaval deste ano, alcançou o primeiro lugar, num concurso realizado nas Quatro Ribeiras.

A Casa do Povo, afirmou Bernardino Rosa, gastou 400 mil contos na aquisição de tecidos, calçado e transportes, entre outras miudezas, tendo, no entanto, recebido alguns apoios.

Por outro lado, Bernardino Rosa, que termina o seu mandato em março de 1994, manifestou-se preocupado por "não encontrar ninguém com vontade de substituí-lo", afirmando que a Casa do Povo necessita de "novas caras para dar continuidade ao processo desenvolvido".

- Grupo Folclórico: diversas atuações previstas
- Clube de Judô: com campeã regional
- Torneio de atletismo: a realizar em breve
- Dança de Espada: ganhou concurso

DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE POPULAR: RECEBEMOS

Sa. Nr. 10/1994 AV EK

Enero de 1994

A las Comisiones Nacionales de la UNESCO

Queridos amigos:

Ante todo me permito desearles a ustedes así como a todos los cooperadores de su Comisión, en nombre de nuestra "Organización Internacional del Arte Popular" y en mi nombre un feliz y sano año nuevo de 1994, lleno de éxito y de paz.

Nuestras actividades universales del año pasado se desarrollaron con mucho éxito en todos los países y regiones. Actualmente contamos socios y colaboradores de 159 países del mundo.

A fines del año de 1994 o en la primavera de 1995, el comité de la Presidencia Mundial de nuestra organización se reelegirá, y al momento nos esforzamos a encontrar aún más expertos científicos y personas comprometidas para colaborar en nuestras comisiones internacionales.

Para profundizar o fortalecer nuestra solidaridad y cooperación con todas las Comisiones nacionales de la UNESCO les invitamos a indicarnos personas que estén dispuestas a colaborar en nuestras Comisiones Internacionales y así, al mismo tiempo, en nuestro Comité de la Presidencia Mundial, prestándoles sus conocimientos y su saber a todas las personas dedicadas a las artes y las tradiciones populares. Quisiéramos trabajar en este campo de actividades culturales con aún más energía y compromiso.

En el anexo les envío un cuestionario, pidiéndoles que lo completen por los nombres y apellidos, los títulos y la dirección completa de las personas que estén dispuestas a colaborar con nosotros.

Adjunto les hago llegar también un folleto que contiene los nombres y apellidos de los miembros de nuestro Comité de la Presidencia Mundial, elegidos en 1990, junto con un suplemento a esa lista.

Estos documentos les darán una idea de nuestras actividades así como de la estructura de nuestro organismo.

Además de las Comisiones Internacionales mencionadas en el folleto, las siguientes Comisiones Internacionales serán nuevamente elegidas por la próxima Asamblea General:

Comisión Internacional para tomar medidas para promover, desarrollar y preservar la herencia cultural del mundo

Comisión Internacional para la arquitectura y la decoración interior tradicionales

Comisión Internacional para cuentos, leyendas, literatura, poesía y drama populares.

La existente Fundación Internacional para la promoción de la IOV se transformará a una

Comisión Internacional para la promoción de la Secretaría general de la IOV en Austria

Las actividades del nuevo Comité de la Presidencia Mundial nos permitirán, más que antes, encontrar soluciones a todos los problemas y cuestiones respecto a las artes y tradiciones populares.

Repito que nos damos cuenta del hecho de que, en todos los campos del arte popular, ya existen varias instituciones, y nos hemos propuesto incorporar todas las esferas de las artes populares a nuestras actividades, completarlas, en caso necesario, promoverlas y coordinarlas.

Pidiéndoles el apoyo de su Comisión y una buena continuación de nuestra cooperación, me despido con mis mejores deseos y cordiales saludos así como la expresión de mi mayor consideración.

Alexander Veigl
Secretario general

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA



IOESC
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes / Endereços: Florianópolis — SC

Doralécio Soares (Presidente) — Rua Júlio Moura, 146 — 1º andar
Myriam Conceição Beltrão de Carvalho (Secretária) R. Adolfo Melo, 37 — 1º andar
Theobaldo Costa Jamundá — Arthur Grahl, 478 — Velha — Blumenau — SC — 89046-120
Walter Fernando Piazza — R. Frei Evaristo, 209
Maria do Carmo Pinto — Av. Getúlio Vargas, 2.201 — Tubarão — SC
Osvaldo Ferreira de Melo — R. Joaquim Costa, 11
Carlos Alberto Amgioletti Vieira — R. Profª Otília Cruz, 365
Nereu do Vale Pereira — Av. Hercílio Luz, 1199 — Ap.702 — CEP. 88020-001
Gelsí José Coelho — Museu de Antrologia, UFSC
Luiz Carlos Halfpap — Departamento de Ciências Sociais da UFSC
Lélia Pereira da Silva Nunes — R. Frei Caneca, 144 — Ap. 106 — Bl. A
Paschoal Apóstolo Pitsica — R. Duarte Schutel, 41
Sônia Maria Copp da Costa — R. Fernando Trejo, 440 — S. Franc. do Sul
Sílvia Maria Günther — Joinville — SC

Colaboradores:

Flávio José Cardozo — Florianópolis — SC
Laura Dela Monica — São Paulo — SP
Saul Martins — Belo Horizonte — MG
Ático Vilas Boas — Goiânia — GO
Mário Souto Maior — Recife — PE
Aleixo Leite Filho — Caruaru — PE
Ana Maria Amaro — Cascais — Portugal
Maria do Rosário Tavares de Lima — SP
Maria Alieta das Dores Galhoz — Portugal

Boi-de-Mamão
do
Folclore
Catarinense

